

Sexta-feira
8 Maio 2009
www.ipsilon.pt

Publico
P

ípsilon

Star Trek

Quando o futuro era radioso

Sandro Aguilar Buraka Som Sistema Gay Talese Os Golpes Jack White

JÁ NÃO SUPORTA

AGENTES E POLÍCIA DISFARÇADOS

DE GOVERNANTAS?

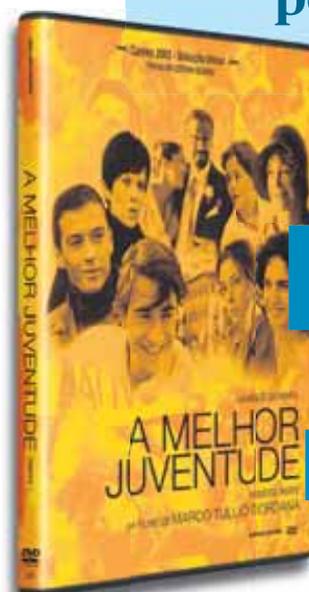
Série ípsilon.

Troque o seu filme
de sábado à tarde
por uma série
premiada.

Não perca, sábado dia
9 de Maio, o DVD
"A Melhor Juventude - Parte I",
de Marco Tullio Giordana.

Só ao sábado,
por apenas mais

€1,95
com o Público



Público
P



FESTIVAL DE CANNES
PRÉMIO UN CERTAIN REGARD

PALM SPRINGS INTERNATIONAL FILM FESTIVAL 2004
PRÉMIO DO PÚBLICO

NOMEAÇÃO PARA O CÉSAR
MELHOR FILME DA UNIÃO EUROPEIA 2004

Palavra de ordem é jogar pelo seguro e não defraudar os fãs



Vaticano protesta por “Anjos e Demónios” ser mais do mesmo

Não há nada como uma boa controvérsia para ajudar ao êxito - e o realizador Ron Howard deve estar secretamente satisfeito por “Anjos e Demónios”, a aguardadíssima “sequela” cinematográfica de “O Código Da Vinci”, de Dan Brown, ter voltado a incorrer no desagrado do Vaticano. Um desagrado que, à vista do filme acabado (entretanto já exibido à imprensa), faz tanto sentido quanto a controvérsia que rodeou o seu predecessor há exactamente três anos: “Anjos e Demónios” não questiona nem atenta contra a fé cristã nem a

Santa Madre Igreja, limitando-se a usar a praça de São Pedro e os rituais do Vaticano como pano de fundo para uma “corrida contra o tempo” em busca de quatro cardeais raptados e de uma bomba-relógio escondidos algures na Santa Sé, no que parece ser uma conspiração da lendária organização secreta dos Illuminati. Nada que justifique as pressões que o Vaticano terá feito junto das autoridades de Roma para impedir a rotação em alguns exteriores da capital italiana (e até mesmo, alegadamente, para cancelar uma ante-

estreia a ter lugar em Roma...), nem as declarações de alguns padres que consideravam as premissas do filme “difamatórias” e “ofensivas” para com os valores da Igreja Católica. Mas, se a polémica da Opus Dei tiver ajudado (mesmo que pouco) ao sucesso global do anterior, estas confusões (ainda assim bem mais discretas) não farão certamente mal a “Anjos e Demónios”. O filme chega às salas de todo o mundo na próxima semana (em Portugal é dia 14), e retoma toda a equipa técnica e criativa do filme anterior, com

Howard de novo a dirigir, Tom Hanks no papel do académico Robert Langdon, e o argumentista Akiva Goldsman a adaptar (desta vez com a ajuda de David Koepp, guionista recorrente de Steven Spielberg) o romance de Dan Brown que, publicado antes do “Código”, se transforma agora numa “sequela” que não altera significativamente a trama original. Não se espere de “Anjos e Demónios” nada de novo - a palavra de ordem é jogar pelo seguro e não defraudar os apreciadores do romance e os muitos milhões de fãs de “O Código Da Vinci”...
Jorge Mourinha

Sumário

Star Trek 6
Quando o futuro era radioso

Sandro Aguilar 12
Singularidades de um cineasta português

Operações SAAL 16
Uma utopia da arquitectura portuguesa dos anos 70 que terminou há três anos

Os Golpes 18
São canções pop, globalizadas, e baile popular, português. “Cruz Vermelha Sobre Fundo Branco” é o álbum de estreia

Buraka Som Sistema 20
Fizeram a festa em Nova Iorque

Gay Talese 22
Conversa com um mestre da literatura de não-ficção

Ficha Técnica

Director José Manuel Fernandes
Editores Vasco Câmara, Joana Gorjão Henriques (adjunta)
Conselho editorial Isabel Coutinho, Inês Nadais, Óscar Faria, Cristina Fernandes, Vítor Belanciano
Design Mark Porter, Simon Esterson, Kuchar Swara
Directora de arte Sónia Matos
Designers Ana Carvalho, Carla Noronha, Jorge Guimarães, Mariana Soares
E-mail: ipsilon@publico.pt
www.ipsilon.pt



Musical britânico que está em cena no Imperial Theatre em Nova Iorque recebeu 15 nomeações

Coldplay: CD gratuito e mais uma acusação de plágio

Quando se é uma das bandas mais conhecidas do planeta rock, já se sabe, as notícias abundam. Esta semana os Coldplay foram notícia por razões diferentes. Primeiro, por mais uma acusação de plágio. Desta vez - depois de Joe Satriani - o veterano Cat Stevens veio a público dizer que a banda de Chris Martin terá plagiado a melodia de um tema seu, de 1973, para compor "Viva La Vida". "Tem-se discutido que os Coldplay roubaram a melodia ao Satriani, mas se ouvirem bem a melodia é minha", assegurou Stevens.

Enquanto não se decide quem é, afinal, o autor da cada vez mais célebre e partilhada melodia, os Coldplay fizeram saber que vão oferecer um CD gratuito ao público, por cada concerto - com excepção dos festivais - que façam em nome próprio durante 2009. A digressão começa na Florida, EUA, a 15 de Maio. A cada espectador será oferecido um CD de nove faixas intitulado "LeftRightLeftRightLeft", num sinal de gratidão, diz o grupo, aos admiradores que os têm seguido desde sempre. O referido disco estará também disponível, para descarregamento gratuito, no sítio oficial da banda. O álbum foi gravado no último ano, nas várias cidades do mundo, que receberam a digressão "Viva La Vida Tour".

"Billy Elliot" é o mais nomeado dos Tony

É definitivamente o ano de "Billy Elliot", um musical britânico que está em cena no Imperial Theatre em Nova Iorque, encenado por Stephen Daldry e com música de Elton John. E não apenas porque foi o espectáculo que mais nomeações recebeu para os Tony Awards, os "óscares" do teatro americano, mas também porque recebeu 15. Está a competir com outro musical, "Next to Normal", em 10 categorias. Como lembrava o "New York Times", os dois tiveram óptimas críticas da imprensa. Surpreendente, segundo o jornal americano, terão sido as oito nomeações para "Shrek", comparadas com outro musical que veio do cinema, "9 to 5: The Musical", que recebeu apenas quatro. "Billy Elliot", "Next to Normal", "Rock of Ages" e "Shrek" estão, então, nomeados para melhor musical.

Quanto às nomeações para o teatro sem ser musical, as peças "Mary Stuart" e "The Normal Heart" foram as que receberam mais (sete), sendo que "Dividing the Estate", de Horton Foote, "God of Carnage", de Yasmina Reza, "Reasons to Be Pretty", de Neil LaBute e "33 Variations", de Moisés Kaufman competem pela melhor peça. Jeff Daniels, por "God of Carnage", Raul Esparza, por "Speed-the-Plow", James Gandolfini, por "God of Carnage", Geoffrey Rush, por "Exit the King" e Thomas Sadoski, por "Reasons to be pretty" competem pelo Tony de melhor actor numa peça. Para o prémio de melhor actriz estão nomeadas Hope Davis e Marcia Gay Harden por "God of Carnage", Jane Fonda, por "33 Variations" e Janet McTeer e Harriet Walter por "Mary Stuart".

Os vencedores serão anunciados numa cerimónia a 7 de Junho.

A montra de Jarvis Cocker



O ex-Pulp montou uma residência durante esta semana, com a sua banda galeria de arte (Galeria Chappe), em Paris

Já se sabia, o ex-Pulp Jarvis Cocker é um tipo criativo. Desta vez, a imaginação levou-o directamente para uma montra de uma galeria de arte (Galeria Chappe), em Paris. Em tempo de crise da indústria tradicional da música, vale tudo e, no caso, de Jarvis, isso passou por montar uma residência durante esta semana, com a sua banda, na referida galeria de arte. Entre as actividades previstas encontravam-se coisas como tocarem canções por sugestão da audiência; tocarem com membros da audiência que levassem os seus instrumentos; ou tocar no meio de aulas de ioga e pilates. Tudo isto, claro está, porque o inglês tem novo álbum quase a ser lançado, "Further Complications", a ser editado a 19 de Maio.

MGMT chegaram a acordo com partido de Sarkozy

A dupla norte-americana MGMT, que se deu a conhecer no ano passado com o álbum "Oracular Spectacular", chegou a acordo com o francês União Por um Movimento Popular - o partido do Presidente francês Nicolas Sarkozy - por uso indevido da canção "Kids". O desentendimento despontou há dois meses, quando o duo de Brooklyn, N.Y., soube que a sua canção andava a ser utilizada em comícios, no congresso do partido e em vídeos no sítio oficial da internet do UMP, sem a sua permissão. Por não quererem ser associados a qualquer cor política, os MGMT fizeram valer os seus direitos, contratando um advogado para chegarem a um acordo. Na altura, o partido assumiu que havia sido um erro, oferecendo ao duo, simbolicamente, um euro. Na semana passada ficou a saber-se que, afinal,

o partido concordou em pagar uma quantia bem mais avultada, na ordem dos 39 mil dólares, quantia que o grupo fez saber que irá ser doada a uma organização de direitos autorais dos músicos.

A canção do duo de Brooklyn foi usada em comícios e no congresso do UMP



A cada espectador será oferecido um CD de nove faixas intitulado "LeftRightLeftRightLeft" por cada concerto que façam em nome próprio este ano





MICHÈLE SYLVANDER. Droit de Visite, 1999_2001, Ilfochrome sobre alu-Dibon, 120 x180cm

A.M.LISBOA:

PLATAFORMA TRANSCULTURAL PARA O SÉC. XXI?

GRUPO DE REFLEXÃO | SEMINÁRIOS | MESSAS REDONDAS | CONFERÊNCIAS

Projecto e Coordenação: LUIS SERPA

07_29 Maio '09

www.lisboatranscultural.com

Iniciativa integrada no
Ano Europeu da Criatividade e da Inovação 2009

Parceiros Institucionais
COORDENADOR NACIONAL DA ESTRATÉGIA DE LISBOA e do PLANO TECNOLÓGICO
CERLYT, Comissão Coordenadora de Regões de Lisboa e Vale do Tejo
CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA | PARQUE EXPO
ASSOCIAÇÃO TURISMO DE LISBOA | CULTURGEST
COMISSÃO NACIONAL DA UNESCO
BRITISH COUNCIL | IFP, Institut France-Portugal
GOETHE INSTITUT

Parceiros Privados
Patrocínio: UNICER
Agência de Viagens Oficiais: BARCELÓ ESCALATUR
Hotel Oficial: NH LISBOA DE | Viatura Oficial: OPEL
Agência de Motos: NOVA EXPRESSÃO
Recursos Humanos: EUROGROUP
Contabilidade: NUCCASE

AGÊNCIA PARA AS INDÚSTRIAS CRIATIVAS (AMLisboa)
Instituições & Empresas Associadas:
OS CONSULTORES

ESTRATÉGIA DE LISBOA E DO PLANO TECNOLÓGICO
CEDRU, Centro de Estudos e Desenvolvimento Regional e Urbano
MURKINLEY & Company
PLM ASSOCIADOS, Escritórios de Advogados
DIZIN
N-MATHNERS
JOÃO PAIVA, LUIS NOGUEIRA PINTO Consultores
IVITY Brand Corp
NOVA EXPRESSÃO, Agência de Motos

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
Culturgest

Produção: O MUSEU TEMPORÁRIO
Tel. [+351] 213 977 744
museutemporario@mail.telepac.pt

[#1] GRUPO DE REFLEXÃO

07_08_09 Maio '09 [5ª, 6ª e Sábado] > SALA 5

Sessão exclusiva para participantes convidados.

A.M.Lisboa: Plataforma Transcultural Para o Século XXI?

[#2] SEMINÁRIOS

12 Maio '09 [3ª Feira] > SALA 2

Indústrias Criativas Como Factor de Desenvolvimento Da(s) Cidade(s) I
Apresentação da Agência Para as Indústrias Criativas [AML]

[#3] MESSAS REDONDAS

21_22 Maio '09 [5ª, 6ª Feira] > SALA 2

As Indústrias Criativas Como Factor de Desenvolvimento Da(s) Cidade(s) II

[#4] CONFERÊNCIAS

28_29_Maio '09 [5ª, 6ª Feira] > PEQUENO AUDITÓRIO

As Indústrias Criativas Como Factor de Desenvolvimento Da[s] Cidades[s] III

Entrada Gratuita, Levantamento de senha de acesso 30 min. antes de cada sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas.

No século XXIII, em plena planície de Iowa, ouve-se "Sabotage" dos Beastie Boys aos berros enquanto se conduz sem carta. A cultura pop está sempre lá e ser jovem é isto. E rejuvenescer um "franchise", uma propriedade com a relevância (e algum mofo) cultural de Star Trek, também é isto. É conseguir fazer um filme sem costuras entre o que é aventura e o que é comédia, entre o que é personagem e o que é efeito especial. "Star Trek" é mais, maior e melhor. E mais brilhante. Aqui,

o futuro é tão brilhante que há que usar óculos escuros.

No reino do "blockbuster" de Verão tem-se tentado tudo: filmes baseados em brinquedos, feitiços pré-adolescentes, comédias arriscadas, heróis BD ou musicais. Nos últimos anos foram ressuscitados "franchises" dos anos 1960/70/80 com os mais variados protagonistas - "James Bond", "Guerra das Estrelas", "Batman". Quando, há três anos, J.J. Abrams era desafiado pela Paramount a

pegar num novo "Star Trek", qualquer coisa se alinhava nas constelações, estrelas, planetas, naves e federações estelares. Ele quis pegar em 43 anos de história Trek (cinco séries de TV, dez filmes e um estado moribundo apesar da fidelidade, paixão e fanatismo dos fãs) e abriu-a. Ao mundo, às massas - tornar um culto, uma narrativa de ficção científica, numa viagem de entretenimento que simboliza a sua história pessoal. Dizem as críticas que conseguiu.

"Star Trek" é uma síntese, tal como J.J. Abrams é uma figura de síntese: tal como Lucas ou Spielberg, faz as suas séries e filmes a partir do seu imaginário juvenil, dos produtos que consumiu. No caso de Abrams, viu o cinema de Lucas e de Spielberg. Mas também viu "A Quinta Dimensão".

E é assim que quando chegamos às poeiras de Riverside, no Iowa, terra natal de James Tiberius Kirk, até podemos ver ali as estradas de "American Graffiti". Mais tarde,

quando é altura de voar para São Francisco e, depois, para a "fronteira final" (o espaço, no caso de terem estado encerrados num quarto insonorizado durante os últimos 40 anos), sentem-se as atmosferas de "Guerra das Estrelas", os conflitos de filiação de "Indiana Jones", vê-se o design do novo "Battlestar Galactica" e ouvem-se os sons dos anteriores Trek, mas com um novo toque.

O sonoplasta original recriou os sons para esta nova aventura "e

O futuro é tão que precisamos a

O realizador J.J. Abrams viaja até à inocência de "Star Trek", até à da pop - cinco séries de TV e dez filmes. E assim se renova a nossa radioso - pelo menos durante duas horas. O Ípsilon falou



"Star Trek" recua até aos anos da Academia da Frota Estelar em que Spock e Kirk se cruzam pela primeira vez e se define a futura equipa da nave Enterprise

isso tornou-se uma metáfora deste filme”, entusiasma-se J.J. Abrams perante a imprensa internacional em Paris. “Tudo o que fizemos foi pegar no espírito do que foi feito há 43 anos, contá-lo no contexto de hoje e apresentá-lo de forma que funcione em alta-resolução. E não estou só a pensar no IMAX - o público hoje é mais sofisticado e está mais atento ao que vê e ouve, aos adereços, à ponte, ao guarda-roupa”, diz, terminando a lista a mimetizar o som trémulo mas

inconfundivelmente cine-espacial das naves.

A eterna juventude

O realizador era para ser apenas produtor. Mas foi-se convencendo de que para “não-fãs de ‘Star Trek’ irem ver o filme, então o filme devia ser realizado por alguém não-fã” - “Se nunca viram o Star Trek, vocês são o nosso público”, avisa Abrams. E é verdade.

O que a equipa criativa (Abrams, com os argumentistas Roberto Orci

“Somos uma cultura empurrada pela história do Peter Pan, sobre crianças que nunca crescem”, David Lavery, professor

e Alex Kurtzman e os produtores Damon Lindelof e novamente Abrams) tentou fazer foi equilibrar o que eram os bons velhos tempos da saga Trek com uma perspectiva fresca sobre esse universo. E, no fundo, sobre a ficção científica, sobre as narrativas de viagens espaciais que já foram exploradas até à náusea fílmica e sobre o cinema de aventuras.

Abrams faz eco das palavras dos actores que o antecederam na conversa com os jornalistas: é um

membro orgulhoso de outra geração. “Eu era parte da geração ‘Guerra das Estrelas’. Fui uma criança dos 80s e achava o ‘Star Trek’ uma série enfadonha que os pais viam”, confessa Zoe Saldana, a nova Nyota Uhura. Chris Pine (o quase desconhecido que agora é o capitão Kirk) e Zachary Quinto (que aqui é Spock e que em “Heróis” é Syla) dizem o mesmo.

Em “Star Trek”, versão J.J. Abrams, o futuro é outro. Está lá o optimismo inerente da história →

ão brilhante de óculos escuros

juventude de Kirk e Spock. Assim se renova um dos patrimónios capacidade de maravilhamento e de acreditarmos num futuro com a equipa de “Star Trek! Joana Amaral Cardoso



Capa

← criada por Gene Roddenberry na era pós-Kennedy, mas sob a forma de uma história de origens. Com protagonistas jovens. “Os novos Lennon e McCartney”, brinca Zachary Quinto ao lado de Chris Pine, referindo-se à dupla que interpretam, Kirk e Spock. Eles são o símbolo da fonte da eterna juventude a que estamos a ir novamente beber.

“Star Trek era Spock e Kirk antes de se tornar numa série de outras coisas”, comenta J.J. Abrams. Para ele, tudo se resume ao processo de evolução das personagens. Ele quis mostrar como elas se formaram e se tornaram indivíduos e, depois, complementos. Os fãs mais radicais, aqueles que até ao início desta semana se entretinham a escrutinar os “trailers” com aguçados ciberbusturis, podem discordar. Mas é o recuar até aos anos da Academia da Frota Estelar em que Spock e Kirk se cruzam pela primeira vez, é a viagem até Vulcano, o encontro com a mãe humana e o pai vulcano de Spock, é o retrato da perda do pai de Kirk e da sua rebeldia pura de adolescente que perfazem “uma versão que dá ao público uma ligação emocional com as personagens”, diz Abrams. E que simboliza a procura de um lugar no mundo. E que desenha uma narrativa de filiação - Kirk e Spock recordam-nos a cultura americana e as temáticas subjacentes ou evidentes de filmes de grande público no cinema dos anos 1980. De “O Padrinho” a “Super-Homem”, de Darth Vader a Henry Jones Sênior, há sempre “daddy issues”. “Talvez seja mesmo uma coisa americana”, comenta David Lavery, professor de Inglês na Universidade Middle Tennessee e autor de livros sobre “Perdidos”, uma das séries com a marca de água Abrams. “Os americanos são obcecados com os pais. Há uma sensação incrível de que somos uma cultura com uma fixação na mãe. E em que os pais são bens desconhecidos”, reflecte.

Mas o que transpira das escolhas dos produtores e de Orci e Kurtzman é uma sensação de juventude, de frescura, da “nonchalance” juvenil sem total noção da sua inconsequência - uma utopia clássica do universo Trek, com todos os povos e espécies unidos no espaço, progressista, mas aqui nas mãos de jovens adultos com poder de combate. É um regresso às visões de “empowerment” dos jovens “mavericks” no cinema, do quero-possa-e-um-dia-vou-mandar.

Um grupo de sete jovens adultos, a vogar entre os 20 e os 30 anos, lidera um filme. Nada de novo. Luke, Leia e Han Solo também o fizeram. Até Indiana Jones ganhou um jovem na sua



“Os novos Lennon e McCartney”, brinca Zachary Quinto. Ele e Chris Pine interpretam Kirk e Spock



“Temos visto filmes cínicos que mostram um futuro no qual não estamos entusiasmados em viver. É refrescante uma história em que há um sentido de maravilhamento e optimismo”

J.J. Abrams

quarta aventura, os filmes de heróis BD não estão cheios de cinquentões e a dupla de “Transformers” roça os 20 e poucos. Mas o fascínio de “Star Trek” pela juventude, pelo seu pioneirismo, pela sua qualidade inconformista, e rebelde tem a ver com um contexto. “Nos últimos anos temos visto vários filmes macabros, negros, cínicos e que representam um futuro no qual a

maioria de nós não está entusiasmado em viver. Há algo de refrescante numa história sobre jovens em que há um sentido de pureza, de maravilhamento e optimismo”, associa Abrams, ele próprio um menino eternamente jovem com o olhar embebecido sobre o que lhe causa surpresa.

“Num país que não tem pais muito presentes, também somos um país que

sempre foi obcecado com a juventude”, comenta David Lavery. “Apesar de tudo somos um país novo e também somos uma cultura empurrada pela história do Peter Pan, sobre crianças que nunca crescem”. Para J.J. Abrams, tudo isto “dá confiança aos jovens públicos. Quando [a personagem do comandante] Pike (Bruce Greenwood) [que comanda a Enterprise nos primeiros momentos]



1 Scotty
Simon Pegg habita a Enterprise com o seu “timing” cómico. Na série original de 1966, Montgomery “Scotty” Scott era o canadiano James Doohan. Mas sempre teve sotaque escocês



2 Chekov
O russo que fazia as vezes de navegador e oficial técnico da nave passou das mãos de Walter Koenig para as de Anton Yelchin entre 1966 e 2009. Parte da piada é, mais uma vez, o sotaque





estava no local de filmagens e em cena, sentíamos a presença da figura paterna. Uma vez desaparecido, foi tipo: 'O pai saiu. Oh merda!' Este filme é sobre a transformação destes jovens, da descoberta do seu melhor eu."

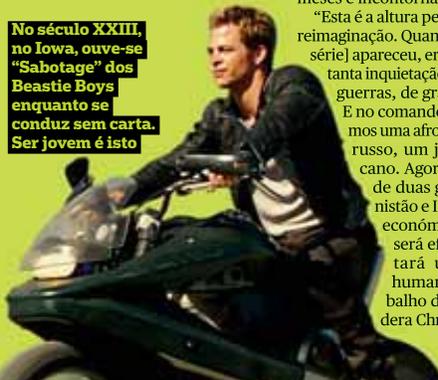
Uma dose extra de esperança

E será que precisamos disto, agora? "Claro. É uma das coisas que os mitos devem fazer - não só explicam porque é que o sol atravessa o céu, mas também porque é que nos levantamos de manhã, porque vivemos e porque é que continuamos em frente", poetiza David Lavery, recordando as teorias de Joseph Campbell, autoridade em Mitologia. "Os mitos guiam-nos ao estabelecer imagens de nós próprios que acabamos por incorporar. E o factor juventude é muito significativo e parece único: Star Trek nunca me pareceu ser sobre jovens".

Portanto, num mundo de "franchises" reimaginadas e em que "O Cavaleiro das Trevas" é tão relevante para o espaço quanto as prequelas em queda de "Guerra das Estrelas", em que estão para chegar a versão cinematográfica

de "A Estrada" de Cormac McCarthy e "Exterminador Implacável: A Salvação", o futuro tem de ser outro: uma dose extra de esperança. "O tom do filme libertou-o do cinismo actual", diz o realizador ao Ípsilon. A referência a "O Cavaleiro das Trevas" ou a "Watchmen" rola das bocas da equipa de "Trek" a cada conversa. "Aconteceu qualquer coisa e já não temos filmes assim", divertidos e para todos, lamenta Eric Bana.

No século XXIII, no Iowa, ouve-se "Sabotage" dos Beastie Boys enquanto se conduz sem carta. Ser jovem é isto



"O.J.J. teve a capacidade de nos devolver isso", agradece o actor - que no filme é o vilão romulano Nero.

Abrams, o realizador/argumentista/produtor de síntese, é agora uma figura de referência em várias plataformas. "Ele não só é bom na concepção de séries, mas também em chamar a si excelentes colaboradores", analisa Rhonda V. Wilcox, docente de Inglês na Gordon College e editora das séries "Studies in Popular Culture" e "Critical Studies in Television".

Ele tem a capacidade de "estabelecer boas personagens em situações imaginativas" com atenção ao detalhe, prossegue. E, completa Eric Bana, actor que começou a trabalhar em televisão na sua Austrália natal, segue os seus instintos. "Em televisão, é preciso actuar e criar instintivamente" e "tendo o JJ um historial na TV, compreende a estrutura de um mundo em que a cada cinco minutos as pessoas mudam de canal se não as divertirmos". Tem um "respeito pelo público que o obriga a cumprir, a mantê-lo na ponta do assento", diz, enquanto bate as palmas de forma resoluta.

E faz entretenimento. "Há grandes ideias por trás disto, mas em última análise [o filme] significa esquecer tudo durante duas horas. Espero que muita gente possa fugir do desespero do quotidiano, deixando-nos ajudado", diz um Chris Pine compenetrado.

No ano em que J.J. Abrams nasceu, Gene Roddenberry lançava nos televisores a sua visão optimista, científica e intelectual da corrida espacial. O Vietnam estava em pano de fundo, a Guerra Fria também, e JFK inspirava a criação de Kirk. Uma série sobre esperança vinha a calhar e hoje não podemos esquecer o lema da campanha do Presidente dos EUA: "Hope". Para trás ficaram os atentados terroristas de 2001, mas hoje o clima de preocupação que se abateu sobre o mundo nos últimos seis meses é incontornável.

"Esta é a altura perfeita para uma reimaginação. Quando [Star Trek, a série] apareceu, era uma época de tanta inquietação social, de duas guerras, de grandes divisões.

E no comando da nave tínhamos uma afro-americana, um russo, um japonês-americano. Agora, numa altura de duas guerras [Afeganistão e Iraque], de crise económica, penso que será eficaz e apresentará uma visão da humanidade" de trabalho de grupo, considera Chris Pine. →

Informações: 21 790 51 55 - culturgest.bilheteira@ccg.pt - www.culturgest.pt
Bilhetes à venda: Culturgest, Worten, Frac, Bica, Lagos Viagens, Abreu, Linnarius Balthas (Oleiros Parque e C.C. Glade do Porto), C.C. Dólar Vila, Muzafre e www.ticketline.sapo.pt - Reservas: Ticketline: 707 254 234

Preço único até aos 30 anos 5 Euros



© Rembrandt Viszart

Paul Bley Solo

O objectivo de dar um concerto deve ser chegar ao fim a saber algo que não sabias no princípio.

Paul Bley, *The New York Times*, 10 Abril de 2004

JAZZ TER 19 MAIO - 21H30 - GRANDE AUDITÓRIO - €20 - M12

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest

CCB

SARAVÁ

JOEL XAVIER
RANDY BRECKER

26 MAIO '09
GRANDE AUDITÓRIO
21H M/12

WWW.CCB.PT

BILHETEIRA ONLINE: TRAJALA O SEU BILHETE DE CASA

BILHETARIAS DO CCB / WWW.TICKETLINE.PT / WWW.PLATINIA.PT / LAGOS VIAGENS / ABREU / BISS / WORTEN / LIVINHOS / BILHETES DEBENS / PANGLOSS / BERTOLINI / EL CORTE INGLÉS / MEDIA MARKET / AGÊNCIAS ABEP E ALVALADE



3 Doutor "Bones"
Parceiro de Kirk desde a Academia, era Jackson DeForest Kelley e agora é Karl Urban. A seu lado na foto está Majel Barrett, a mulher de Roddenberry no papel da enfermeira Chapel.



4 Capitão Kirk
Ver Chris Pine no papel que durante anos pertenceu a William Shatner não deixa de ser estranho. A carreira de Shatner ficou colada à do capitão rebelde, namorado e corajoso



5 Uhura
Nichelle Nichols pensava deixar "Star Trek". Mas Martin Luther King pediu-lhe para continuar. Com Shatner, deu o primeiro beijo interracial da TV americana. Agora, Zoe Saldana é Nyota Uhura



6 Spock
Leonard Nimoy, em participação especial, regressa no filme em que Zachary Quinto é o Spock jovem. É um bombom para os fãs da série. Racional, calculista e meio-humano, é um vulcano



7 Sulu
É o homem do leme da Enterprise. Hikaru Sulu é mais uma das personagens que compõem a constelação multinacional e racial de "Star Trek". Era George Takei; o novo Sulu é John Cho

Era assim que nós éramos



“É bom ver uma fantasia em que sobrevivemos, trabalhamos juntos para ultrapassar barreiras raciais, políticas e culturais”
J.J. Abrams

O cineasta entre a sua equipa: Zachary Quinto, Zoe Saldana, Chris Pine e John Cho



Eric Bana, o vilão de “Star Trek”

← Este não é um filme da era Obama, visto que começou a ser planeado em 2006. Mas é um filme que contém em si um acontecimento, um cataclismo a que o guionista Alex Kurtzman chama “o 11 de Setembro do filme”. Fora isso, é uma montanha-russa. Nada fica de fora, nem a comédia.

nosso futuro utópico: “É bom ver uma fantasia em que sobrevivemos, trabalhamos juntos para ultrapassar barreiras raciais, políticas e culturais e até de espécies. Talvez seja ingénua, mas é uma coisa linda ter uma visão do futuro que é cheia de esperança”.

Em “Star Trek”, mostram-nos o

Ver crítica de filmes págs. 30 e segs

O ilusionista

É um promotor do culto para o “mainstream” que, graças a uma produtividade frenética, se transmuta num “mainstream” de culto. *Joana Amaral Cardoso*

Quando andava no jardim-de-infância (sim, num perfil profissional de J.J. Abrams o princípio começa cedo), a professora mandou chamar a sua mãe. Não, não tinha feito mal aos outros meninos: durante o intervalo ficava parado, sozinho, junto aos baloiços a olhar para os miúdos com uma mão a fazer um círculo à frente do olho. Como se fosse uma câmara. “O que é estranho é que noutra dia vi o meu filho de três anos a fazer exactamente a mesma coisa e aquilo assustou-me um bocadinho, como se fosse uma estranha coisa de memória sensorial”, explicava J.J. Abrams, 42 anos, à revista britânica “Empire”.

É um “TV/movie-brat”. O pai, Gerald W. Abrams, trabalhava em produção televisiva e o avô apresentou-lhe os bastidores do cinema numa visita aos estúdios da Universal, Los Angeles. Já fascinado pelas séries que mais adorava na TV - “A Quinta Dimensão”, “Batman” -, foi na Universal, entre o camarim de Lucille Ball e um dos “soundstages”, que Jeffrey Jacob Abrams percebeu “que os filmes faziam-se, não existiam simplesmente porque Deus os fez”.

O criador de “Perdidos” (2004-10), de “A Vingadora” (2001-06) e de “Felicity”

(1998/2002) - as suas obras mais conhecidas, a par de “Missão: Impossível III” (2006) e da produção de “Nome de Código: Cloverfield” (2008) - é uma figura divertida e afável. Mas daí a ajoelhar-se... Num encontro com a imprensa num hotel de Paris, em que o Ípsilon esteve presente, ajoelhou-se aos pés de um crítico italiano que lhe confessou ter achado este “Star Trek” uma obra-prima.

Como alguém que quer devolver às audiências actuais a sensação de maravilhamento que teve enquanto criança a ver “The Great Race”, de Blake Edwards, e, claro, “Guerra das Estrelas”, quer ter a certeza de que tocou nos botões certos. Mas, ao mesmo tempo, reconhece que a ausência de reverência em relação a universos ou bases de fãs lhe dá a liberdade criativa para reformular mitos. Foi o que tentou fazer com Super-Homem, quando escreveu um guião que se tornou público antes de tempo. E no qual postulava que Lex Luthor era, afinal, do planeta Krypton. Planeta que, na sua versão, nunca tinha explodido. Foi arrasado pela crítica

informal (a da Internet) e nunca chegou a concretizar-se.

Os olhos azuis, escondidos atrás dos óculos de massa que, tal como

“Perdidos”, se tornaram a sua imagem de marca, piscam atentamente face a cada pergunta. Nas respostas, não tem medo do ocasional palavrão. “Fazemos merdas muito alucinadas” neste filme, diz a propósito de uma reviravolta narrativa que pode deixar os “trekkies” de orelhas em bico. Confiante, acredita que “cada vez que há uma regra surge algo que rebenta com ela”.

Este deverá ser o filme que o consagra como um dos nomes mais poderosos de Hollywood, na televisão e no cinema, depois de um projecto menos bem sucedido (o seu “Missão: Impossível”) nas bilheteiras. Sobre tudo nos bastidores, tem embebido tudo o que faz com os elementos de que tanto gostava quando criança e jovem espectador: mistério, terror, sobrenatural, surpresa, personagens com dilemas morais e boas histórias pessoais. Que o emocionem.

Foi ele que decidiu que o elenco de “Star Trek” devia fazer uma paragem no Kuwait para visitar as tropas americanas ali estacionadas. E foi ele que se emocionou quando a sua “versão” de “Star Trek” começou a passar num ecrã em Sydney.

Zoe Saldana, a Uhura de “Star Trek”, já trabalhou com Cameron, Spielberg ou Neil LaBute. Admira J.J. Abrams como “um argumentista espantoso” mas também como um realizador “muito específico”, descreveu ao Ípsilon. “Quando chega ao local de filmagens, já tem o filme todo na cabeça - que planos, que ângulos,

Fascinado pelas séries de TV, foi na Universal, entre o camarim de Lucille Ball e um dos “soundstages”, que J.J. Abrams percebeu “que os filmes faziam-se, não existiam apenas porque Deus os fez”

que iluminação, porque é que a câmara estará tão perto naquela fala. Adoro a sua especificidade, mas temos que nos manter sempre a par.” Em rodagem é divertido, descreve a “Empire”, dando-se ao luxo de dar indicações aos actores ou à equipa sob a forma de “rap”.

Em equilíbrio entre o “relax” da sua personalidade e a mania do trabalho, conseguiu o seu primeiro emprego na indústria aos 15 anos, num filme de terror. Depois, destacou-se como argumentista - “O Regresso de Henry” (1991), “Eternamente Jovem” (1992) e “Armageddon” (1998).

Anos mais tarde, encontramo-lo atarefado a inserir o mistério e o espanto no “mainstream” televisivo com a colaboração em “Perdidos” e “Fringe”.

Neste mês está nas bancas

a edição da revista “Wired” que editou, subordinada ao tema... Mistério. É um autor que gosta de surpreender ou de espantar o público. E nem sempre lhe dá respostas. Não vale a pena citar exemplos de “Perdidos”, por serem demasiados. Basta lembrar que em “Missão: Impossível III” nunca chegámos a saber o que era a “pata de coelho” que movia os protagonistas. E, um pouco como em “Bela do Dia”, de Buñuel, em “Felicity” nunca chegámos a saber o que está dentro da caixa que pertence a uma das personagens.

A carreira de J.J. Abrams tem a atmosfera de um número de ilusionismo e parece funcionar em circuito fechado. Usa recorrentemente alguns actores e certos truques promocionais, como que alimentado a “private jokes”. Não tem medo de verter para a página partes da sua história pessoal e tudo aquilo de que gosta, sempre com um toque de mistério e encanto infantil, tem de ser dado às massas. É um promotor do culto para o “mainstream” que, graças à sua produtividade frenética (sempre inúmeros projectos em mãos), se transmuta num “mainstream” de culto.

Sobre o futuro de “Star Trek” - o elenco tem contratos assinados para três filmes e o segundo já está a ser trabalhado pelos argumentistas -, disse ao Ípsilon: “Quero sentir-me inspirado outra vez” por estas personagens para fazer mais filmes. Basta-lhe isso.



“Perdidos”, uma das marcas de J.J. Abrams



Mai~09 o são luiz noutros palcos

ONDE VAMOS MORAR

DE JOSÉ MARIA VIEIRA MENDES

COM SÉRGIO GODINHO
ARTISTAS UNIDOS

ANDREIA BENTO
CECILIA HENRIQUES
PEDRO CARMO
PEDRO GIL
PEDRO LACERDA
SILVIA FILIPE



PORTIMÃO

2 MAI ~ TEATRO MUNICIPAL

UISEU

8 E 9 MAI ~ TEATRO VIRIATO

SINTRA

15 MAI ~ CENTRO CULTURAL OLGA CADAVAL

TORRES NOVAS

16 MAI ~ TEATRO VIRGÍNIA

COIMBRA

19 MAI ~ TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE

VILA REAL

22 MAI ~ TEATRO MUNICIPAL

GUARDA

29 MAI ~ TEATRO MUNICIPAL

ALMADA

30 E 31 MAI ~ FÓRUM MUNICIPAL ROMEU CORREIA

a repoição é uma co-produção do São Luiz Teatro Municipal e dos Artistas Unidos M/12

EGEAC SÃO LUÍZ ARTISTAS UNIDOS

Centro Cultural Olga Cadaval SintraQuorum ALMADA

TEATRO VIRIATO Rádio Oficial

© JORGE GONÇALVES

PRÉMIO LITERÁRIO FERNANDO NAMORA

12ª EDIÇÃO

Termina em 31 de Maio o prazo para a recepção das obras destinadas à 12ª edição do Prémio Literário Fernando Namora. A este prémio no valor de 25 mil euros, podem concorrer autores portugueses, individualmente, através das editoras ou de outras entidades.

O Júri é presidido pelo escritor e ensaísta Vasco Graça Moura e integra representantes da Centro Português da Associação Internacional de Críticos Literários, Associação Portuguesa de Escritores, Direcção Geral do Livro e das Bibliotecas, Centro Nacional de Cultura e Estoril-Sol, além de duas personalidades convidadas de reconhecido mérito.

De cada livro editado em 2008 (romance ou novela), deverão ser enviados oito exemplares para: Prémio Literário Fernando Namora, Direcção de Comunicação e de Relações Exteriores da Estoril-Sol, Casino Estoril – Av. Dr. Stanley Ho, 2765-190 Estoril

Para mais informações os contactos são os seguintes:
Pelo telefone 214 667 797, por fax: 214 667 970
ou através de e-mail: gabimprensa.cestoril@estoril-sol.com



ESTORIL SOL

INSJ TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO PORTO

Teatro Nacional São João 14-24 Mai 2009

A FALECIDA VAPT-VUPT

cenário e figurinos
Rosângela Ribeiro
desenho de luz
Dani de Brito
sonoplastia
Raul Teixeira

TEATRO DO BRASIL

CO-PRODUÇÃO
CPT - CENTRO DE
PESQUISA TEATRAL,
GRUPO DE TEATRO
MACUNAÏMA
(SÃO PAULO,
BRASIL)

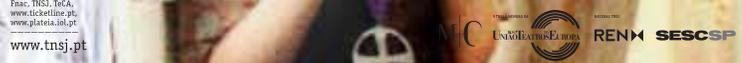
interpretação
Adriano Bolahi
André Lopes
Angélica Colombo
Bruna Ananite
Eliete Costa
Erico Galliani
Fred Marquetti
Gustavo Mariz
João Paulo
Lee Thälor
Marco Siglla
Marcos de Andrade
Márcia Benschke
Tatiana Letina
Ygor Fiori

ter-sáb 22:00
dom 15:00
M/12 anos
Info 800-10-8675

Bilhete: 10€
Fino: 10€
www.ticketline.pt
www.plataea.lol.pt

www.tnsj.pt

DE NELSON RODRIGUES
ENCENAÇÃO
ANTUNES FILHO





Sandro Aguilar em territórios *estranhos*

“A Zona” é um convite a visitar um território que ainda está por cartografar. Uma assombração. De onde é que aparece “A Zona”? *Jorge Mourinha*

“Sei o que estou a fazer.”

Mesmo que olhemos para “A Zona” - primeira longa-metragem de Sandro Aguilar em dez anos de cinema - e não tenhamos a certeza de saber o que ele está a fazer, o importante é deixarmos-nos levar pela certeza de que ele sabe.

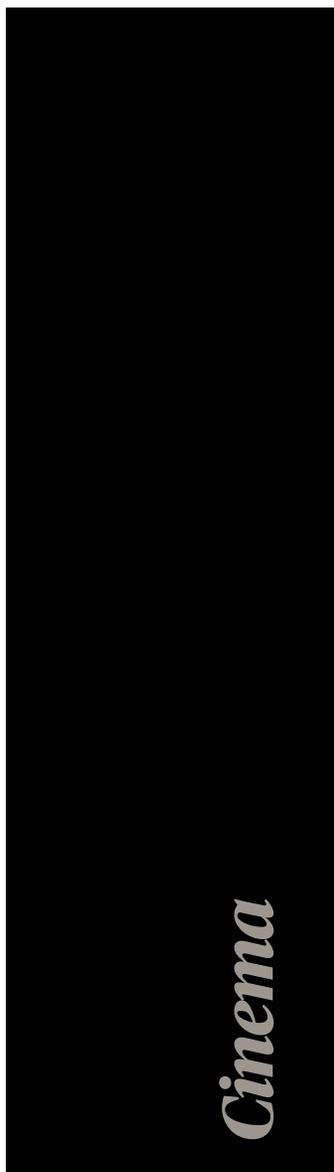
Mas Sandro Aguilar não tem ilusões quanto à quantidade de pessoas dispostas a acompanhá-lo para dentro d’“A Zona”.

“Para a maior parte dos espectadores um bilhete de cinema é um contrato que se faz com o realizador, e é um contrato que tem regras. Eu não assinei nenhum contrato, e não vou obedecer a nenhuma regra na minha relação com o espectador: quero respeitá-lo na sua inteligência e na sua sensibilidade. Só lhe peço disponibilidade. Mas muita gente não tem essa disponibilidade, e cobra isso aos realizadores. Para quem espera uma narrativa linear, se eu não o faço

é porque não o sei fazer. Mas é uma opção, não é uma incapacidade. E aí gera-se um equívoco - imagino que também aconteça com os arquitetos. Eles bem podem programar a casa com uma porta mais pequena, com uma janela sem frisos e sem moldura, mas o espectador, que é quem contrata o arquitecto, diz ‘eu é que vou viver aqui e quero florzinhas e galos de Barcelos’.” Sandro não põe florzinhas nem galos de Barcelos no seu cinema. (Provavelmente, haverá até quem dificilmente olhe para isto como cinema.)

“Sempre tentei que aquilo que faço não se pareça com nada do que está a ser feito à minha volta. O que me





Um filho visita um pai moribundo no mesmo hospital em que uma mãe dá à luz; talvez o homem e a mulher se conheçam. Quando e onde?

interessa são os planos, as imagens, os sons, o que fazer com essa matéria bruta. Explorar as justaposições, ver que sentidos se podem produzir, explorar as construções narrativas que se podem construir usando a linguagem cinematográfica. Não me sinto bem no interior de qualquer fórmula reconhecível. Não é o meu habitat."

Singularidades de um cineasta português.
Sandro Aguilar, 35 anos, sentado a beber café em tarde solarenga de dia feriado num café recatado da João XXI, é afável, conversador, articulado, bem disposto. Não podia estar mais nos antipodas da imagem opaca e oblíqua do seu cinema que pouco

"Para a maior parte dos espectadores um bilhete de cinema é um contrato com o realizador. Eu não assinei nenhum contrato, quero respeitar o espectador na sua inteligência" sensibilidade

tem a ver com o que se faz cá dentro - mesmo que reivindique alguma contiguidade.

"A maioria dos cineastas portugueses que me interessam" - cita: Pedro Costa, João Pedro Rodrigues, João César Monteiro, Manoel de Oliveira "nos seus melhores momentos"... - "estão convictamente à procura da sua linguagem, criando um cinema próprio, idiossincrático, do qual se gosta ou não se gosta. A minha forma de comunicar com o cinema português é partilhar essa liberdade".

Mas...

Quase todos os cineastas portugueses da sua geração já partiram há muito para a longa. Aguilar levou dez anos após terminar o curso. Tem trabalhado como montador - "uma área em que gosto tanto de trabalhar, que me estimula tanto, que o faço essencialmente por gosto, por achar que posso contribuir de alguma forma". Tem trabalhado como produtor no interior de O Som e a Fúria, estrutura que fundou em 1998 com João Figueiras (e que produziu Miguel Gomes, João Nicolau, Renata Sancho, Manuel Mozos - "o nosso objectivo é afastar da produção todo o ruído que não tem nada a ver com o filme, tentar inventar a melhor forma de o fazer acontecer"). E dirigiu uma série de curtas multi-premiadas no circuito de festivais, cujas tendências experimentais, não lineares, levaram muitos a perguntar-se se ele seria capaz de passar à longa.

Ver essas seis curtas progressivamente mais abstractas, depuradas, radicais - "Estou Perto", 1998; "Sem Movimento", 2000; "Corpo e Meio", 2001; "Remains", 2002; "A Serpente", 2005; "Arquivo", 2007 - é perceber a busca formal que transforma Sandro numa singularidade. Não só dentro do cinema português, mas dentro do cinema que se faz hoje por todo o mundo.

"Aborrece-me a generalidade do que se faz com o cinema. Só vale a pena fazer cinema para investigar alguma coisa com a linguagem, para que ela não se fixe. E quem faz este percurso solitário tem de facto tendência para ficar a falar sozinho. O que faço necessita de uma disponibilidade, de uma participação da parte de qualquer espectador que nem sempre é consentâneo com os nossos tempos."

O fantasma

A esse propósito, fala do "misto de fascínio e de indignação" que recebeu "A Zona" nos doze meses que passaram desde a sua primeira exibição no IndieLisboa 2008, ao longo de uma série de festivais europeus, entre os quais Locarno e Londres (onde recebeu uma crítica apaixonada de Kieron Corless, da revista "Sight & Sound"). "É um filme que divide, de facto, e que depende muito da forma como entramos nele. Muito se tem falado da minha recusa da narrativa, mas nesse aspecto aproximo-me do David Lynch: trabalho com premissas narrativas que não são de linearidade. Não recuso a narrativa - só não a trabalho da mesma forma que a maior parte

do cinema. É possível gostar d' 'A Zona' desde que se saiba que este filme não se esgota naquilo que de história está lá dentro."

(Isto não quer dizer que reivindique a influência de Lynch, como não reivindica a de Andrei Tarkovski, Stanley Kubrick, ou a de cineastas com quem tem uma "relação preferencial" como John Carpenter, David Cronenberg ou Apichatpong Weerasethakul. "Tento afastar-me o mais possível de qualquer referência". E, para que conste, não gostou nada de "Inland Empire".)

E o que é aquilo de história que está lá dentro? É um filho que visita um pai moribundo no mesmo hospital em que uma mãe dá à luz uma criança prematura; talvez o homem e a mulher se conheçam, talvez haja uma história em comum, ou talvez não. Quando e onde? Cada um que decida. "A Zona" é. "A Zona" não se apresenta como algo que não é. Para Sandro Aguilar, o filme apenas pede abertura. "É a invenção de um território e convida o espectador a habitar esse território, a participar na sua própria construção. Quem aceita esse convite pode ter uma experiência; quem o nega não vai conseguir entrar; quem estiver demasiado preocupado em tentar decifrá-lo não vai chegar a lado nenhum, não abre caminho por aí. 'A Zona' constrói um território permeável, no qual o que é vivo se transforma em morto ou o que é morto se transforma em vivo, o que é realidade se transforma em sonho e o que é sonho se transforma em realidade. O filme está estruturado como se fosse uma consciência, alguém a pensá-lo de um ponto que não é o nosso, e fá-lo nem estando vivo nem estando morto. É uma assombração. É um filme sonhado por alguém."

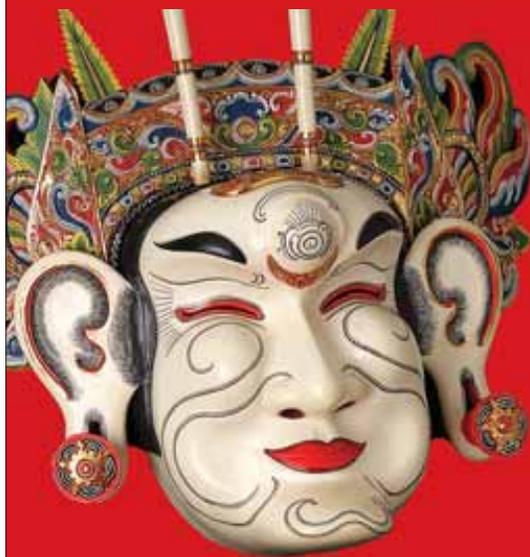
É inevitável: há alguma coisa de pessoal neste cinema tão idiossincrático? "Os meus filmes não são autobiográficos, mas são pessoais e lidam com sentimentos que passam pela noção da perda. Tenho um universo temático que lida com as omissões, as ausências, a falta... Uma das conclusões que tirei depois de fazer 'A Zona' é que estava a fazer filmes para tentar modificar as regras do jogo na vida, digamos assim. O facto de fazer habitar os espaços nem que seja por fantasmas é uma forma de lhes dar continuidade, de fazer com que nada se extinga. E faço poucos pontos finais neste filme, lanço muitas premissas - faço com que tudo vá para um território físico e emocional a que chamo 'a zona', mas nenhuma destas linhas é interrompida. Não atingi com isso nenhuma tranquilidade, mas este território faz uma espécie de nivelamento, e isso é apaziguador de certa forma. Tem a ver com a minha forma de olhar o mundo. O mundo não é plácido, está cheio de conflitos e predadores e presas, mas tudo se transforma em tudo e isso sim, é qualquer coisa que me anima."

Agora, um ano depois da conclusão, "A Zona" chega às salas, em plena consciência de que este não é um filme que se enquadre naquilo que passa hoje por ser o "mercado" da exibição comercial. "Gostava que o filme tivesse visibilidade, mas neste momento em que deixou de haver público nas salas para o cinema de autor, para o cinema português, para o cinema iraniano, não vale a pena ter demasiadas ilusões, nem demasiadas desilusões. Não é um filme elitista, exige disponibilidade. As pessoas que estão no Indie a ver filmes trazem essa disponibilidade inventada por um evento, e podem trazê-la para uma exibição episódica como esta, que passa uma, duas semanas e depois o filme desaparece. É ir vê-lo rapidamente, mas é arriscar ver."

Sandro Aguilar sabe o que está a fazer.

Ver crítica de filmes pgs. 30 e 36s.

MUSEU DO ORIENTE



Passaporte para o Oriente

fim-de-semana do 1º aniversário 8 • 9 • 10 Maio

Viaje pela China, Índia, Indonésia, Japão, Tailândia, Timor entre outros países, participando nas nossas actividades. Oferecemos ainda um passaporte que o poderá levar numa viagem a Macau.

Exposições

Fausto Sampaio - Viagem no Oriente
Presença Portuguesa na Ásia
Deuses da Ásia
Visitas Orientadas

Espectáculos

Um Português no Oriente: Rão Kyao
8 Maio • 21.30 • €20

Conhecimento

Japão
Caligrafia japonesa
Origami
Demonstrações e *workshop* de kimono

China

Tai-chi
Arte chinesa de recorte de papel
Ritual do chá oolong
Consulta do signo do Zodíaco
Workshop de Ábaco

Índia

Henna - pintura de mãos
Yoga

Tailândia

Massagens tailandesas

Indonésia

Demonstração de dança

Timor

Workshop de pintura de tecidos

Para participar nas actividades é necessário inscrever-se após adquirir o bilhete de ingresso no museu.

Museu do Oriente
Av. Brasília
Doca de Alcântara (Norte)
1350-352 Lisboa

www.museudoorientep.pt





"Noite de Nevoeiro no Japão" e "O Enforcamento", de Nagisa Oshima: dos filmes mais politizados do cineasta, debruçando-se sobre a nova paisagem sócio-política do Japão



"A Mulher-Insecto", de Shohei Imamura: a mulher japonesa; os "instintos" passam a s

Sexo e violência no Japão

Entre 12 e 17 desfila na Culturgest, em Lisboa, a forma sistemática como uma geração se Foi um dos períodos mais subversivos de qualquer cinematografia: Naberu Bagu, Nova Vaga

"Eros + Revolta", é assim que se introduz o ciclo de cinema japonês dos anos 60 (o "novo cinema", a "nova vaga" japonesa) que a Culturgest, em Lisboa, organiza entre 12 e 17. Um período de intensa renovação da cinematografia japonesa, caracterizado pela remodelação das suas estruturas industriais e pela emergência de novos autores que filmavam em "guerra" - com a sociedade e com o cinema japonês clássico. "Eros" e "Revolta", sexo e violência, instrumentos (mais do que "ingredientes") de um dos períodos mais subversivos de qualquer cinematografia em qualquer época.

A expressão "nova vaga" foi cunhada por uma jornalista do "L'Express" para apodar a torrente de jovens realizadores que despontou no cinema francês entre o final dos anos 50 e o princípio dos anos 60. Pegou, e ganhou um sentido histórico substancial. Desde então talvez se tenha tornado uma fórmula "passe-partout" - mesmo hoje, parece que há sempre um ponto do globo onde está a acontecer uma "nova vaga" qualquer. Mas um dos casos em que a apropriação da expressão fez mais sentido aconteceu no Japão. Em primeiro lugar porque a "Naberu Bagu" (a transcrição fonética do francês "nouvelle vague", rapidamente adoptada pelos críticos e jornalistas

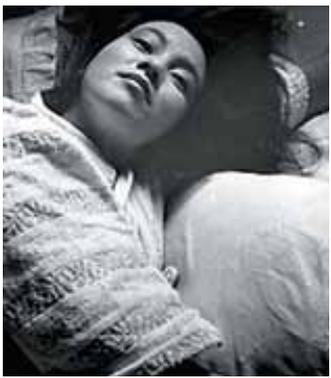
japoneses) apareceu praticamente ao mesmo tempo da francesa. A "nouvelle vague" foi inspiração directa de muito "cinema novo", um pouco por todo o lado, mas a "nova vaga japonesa" (assim como em Inglaterra, o "free cinema", frequentemente descrito como uma "ressonância" da "nouvelle vague") tem a sua própria história, que não é uma história de "influências" mas antes de "paralelismos" sem comunicação directa. Quando se vê, por exemplo, os primeiros filmes de Nagisa Oshima, rodados à volta de 59/60, chega a ser impressionante a espécie de "ar de família" - e talvez até com algum avanço sobre os franceses, por exemplo no tratamento da cor e do formato "scope". Depois, porque para os japoneses, como para os franceses, as idiossincrasias pessoais eram cobertas, mais do que pelas afinidades geracionais, por um fortíssimo sentimento de reacção. Era um cinema belicoso, feito em guerra contra o cinema dos "mais velhos" - o "cinéma de papa" em França, o cinema dos grandes mestres, dos "pais" do cinema clássico nipónico

(Mizoguchi, Ozu, Naruse...), no Japão. Evidentemente que Oshima, Shohei Imamura, e outros, tiveram tempo de relativizar essa reacção (à medida que eles próprios foram envelhecendo e tornando-se, por sua vez, "mestres") e professar a sua admiração pelos clássicos. Mas nesse tempo, por absolutamente "ferido" e tortuoso que fosse (e era) na relação com as transformações da sociedade japonesa do pós-guerra, o cinema dos "mestres" representava para os jovens o prolongamento de uma ordem em que eles não eram capazes de se reconhecer. Era a geração que tinha atravessado a adolescência na II Guerra (e, nalguns casos, combatido nela), que tinha chegado à idade adulta no Japão derrotado, que viveu o "milagre económico" e a decisiva "americanização" que o acompanhou. Era deste mundo, desordenado, em transformação, que

Foi um período de intensa renovação da cinematografia japonesa, caracterizado pela remodelação das suas estruturas industriais e pela emergência de novos autores que filmavam em "guerra" - com a sociedade e com o cinema japonês clássico



O magistral policial "O Vagabundo de Tóquio", Seijun Suzuki, citado por Tarantino ("Kill Bill") e por Jim Jarmusch ("Ghost Dog").



a e "O Enterro do Sol", de Oshima: o fim da sublimação e do fatalismo da a ser os protagonistas

cia

empenhou a destruir o "ser-se japonês".
em japonês. *Luís Miguel Oliveira*

queriam falar - sem desmesurado amor por ele, bem pelo contrário, mas seguramente sem nostalgia pelo mundo "antigo" ou pelas suas persistências: fora esse mundo "antigo", com os seus formalismos e códigos de valor, que conduziria ao desastre (ou que não o conseguiu impedir). Era preciso, pois, inventar um cinema de "ruptura", com a tradição social e a tradição cinematográfica. O cineasta Paulo Rocha, um dos portugueses que melhor conhece o cinema japonês, resumiu uma vez o que mais impressiona no cinema japonês dos anos 60: a maneira sistemática, quase um "projecto", como os cineastas dessa geração se empenharam num trabalho de destruição da "japonesidade", do "ser-se japonês".

Os instintos

Como noutros países sucedeu, por essa altura, a tarefa dos jovens foi facilitada por factores estruturais - o fim de carreira dos velhos mestres, as transformações na organização industrial, a perda de peso do cinema face à crescente importância da televisão, a renovação do público das salas. A este respeito, se alguma coisa difere especialmente a "nova vaga japonesa" é o facto de a "revolução" ter sido acolhida por alguns dos principais estúdios japoneses, como a Shochiku ou a Nikkatsu, o que talvez explique um aspecto desconcertante, sobretudo dos filmes iniciais do movimento: o nível dos "valores de produção" (da fotografia à cenografia), de uma qualidade industrial por vezes sumptuosa (nalguns dos primeiros Oshimas, por exemplo, isto salta à vista).

É uma viagem por este riquíssimo período da história do cinema japonês que a Culturgest propõe para os próximos dias, com filmes de alguns dos mais significativos cineastas da época. Encontraremos alguns temas recorrentes, mas sobretudo uma forma particular de os abordar. Deus sabe como Mizoguchi, Ozu ou Naruse filmaram, por exemplo, a condição da mulher (seja a mulher uma rapariga independente, uma esposa submissa, uma esposa adúltera, uma gueixa ou uma prostituta) em diferentes tempos e espaços da sociedade japonesa, mas

fizeram-no segundo uma perspectiva - diríamos, tão "japonesa" - de "sublimação", de sacrifício, de estoicismo, de fatalismo. Ora o que está em causa nestes filmes é justamente o fim disso tudo, o fim da sublimação e do fatalismo, pelo menos tal como os japoneses os conheciam. Não por acaso, os "instintos" (o sexo, mas também, e em relação com ele, a violência) são protagonistas: os filmes de Imamura, por exemplo, em cujo cinema a "animalística" sempre ocupou um lugar especial (vão ser mostrados "A Mulher Insecto", de 1963, e "Desejo Profano", de 1964, ambos dia 14); de Nagisa Oshima, que com Imamura é destes cineastas o mais conhecido no Ocidente, alguns dos seus filmes mais politizados, debruçando-se sobre a nova paisagem sócio-política do Japão (o "Enterro do Sol", de 1960, sobre "gangues" juvenis em Tóquio, e "Noite e Nevoeiro no Japão", 1960, sobre o activismo estudantil e a "nova esquerda", ambos 3ª feira dia 12, "Sobre as Canções Brejeiras Japonesas", de 1967, focando o "vazio" existencial da juventude, na 4ª feira dia 13) ou em directo questionamento das instituições ("O Enforcamento", 1967, parábola semi-kafkaiana, teatralizada, sobre a justiça).

A homossexualidade e o "submundo gay" estão em foco no "Funeral das Rosas" de Toshio Matsumoto, e os filmes de outros cineastas igualmente pouco conhecidos em Portugal (Koji Wakamatsu e "Gogo, Virgem pela Segunda Vez", Masahiro Shinoda e "Duplo Suicídio em Amijima", Yoshige Yoshida e "As Termas de Akitsu") insistem na conjugação destes temas, o sexo e a violência, como sinais de um mal-estar insidioso em vários estratos e vários "pilares" da sociedade japonesa. Ou, como resume o título do último filme a apresentar, "Eros mais Massacre" (de Yoshige Yoshida). Menção ainda para o mais inclassificável destes cineastas, até por questões geracionais: Seijun Suzuki, de que serão apresentados três filmes, todos no mesmo dia, incluindo o magistral policial "O Vagabundo de Tóquio", citado por Tarantino ("Kill Bill") e por Jim Jarmusch ("Ghost Dog").

Ver agenda págs. 32 e segs.



DÁ TUDO PELO OPTIMUS ALIVE
 O MAIOR EVENTO DE MÚSICA E ARTE



optimus 09
ALIVE! Oeiras

PASSEIO MARÍTIMO DE ALGÉS
09 10 11 JULHO

QUINTA 09
PALCO **optimus**
METALLICA
SLIPKNOT MACHINE HEAD
LAMB OF GOD MASTODON

PALCO SUPER BOCK
EROL ALKAN CRYSTAL CASTLES KLAXONS
TV ON THE RADIO DELPHIC SILVER SUN PICKUPS

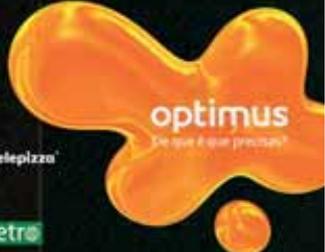
SEXTA 10
PALCO **optimus**
THE PRODIGY PLACEBO
THE KOOKS EAGLES OF DEATH METAL
OS PONTOS NEGROS

PALCO SUPER BOCK
FISCHERSPOONER THE TING TINGS HADOUKEN!
DOES IT OFFEND YOU, YEAH? LATE OF THE PIER
THE GASLIGHT ANTHEM

SÁBADO 11
PALCO **optimus**
DAVE MATTHEWS BAND
THE BLACK EYED PEAS
CHRIS CORNELL

PALCO SUPER BOCK
DEADMAUS GHOSTLAND OBSERVATORY LYKKE LI
AUTOKRATZ TROUBLE ANDREW LOS CAMPESINOS!
A SILENT FILM

MAIS INFORMAÇÕES: WWW.OPTIMUSALIVE.COM
 BILHETES: WORTEN, FNAC, CTT, EL CORTE INGLÉS,
 TICKETLINE (707 234 234)



optimus
O que é que precisava?



Vamos começar esta história pelo fim: no sítio onde ela acaba, em 2006, entre uma estação do metro e uma agência de trabalho temporário, coisas que em 1974 eram da ordem da ficção científica. Durante muitos anos, de 1979 a 2006, o Bairro da Bouça também foi ficção científica: uma coisa que tinha de acabar, a bem ou a mal, mas em que acreditávamos tanto como no teletransporte (a começar pelo autor do projecto, o arquitecto Álvaro Siza: “Quando fomos ter com ele para lhe anunciar que queríamos fazer as 72 casas que tinham ficado no papel em 1979, ele não queria crer. Foi preciso dizer-lhe: olhe que isto é mesmo para arrancar”, diz-nos o sr. Cardoso, um dos primeiros moradores do bairro). Foi a última operação SAAL (Serviço de Apoio Ambulatório Local) a ficar concluída - todas as outras ficaram a meio. “Nunca me passou pela cabeça que esta operação terminasse. Em 1979, quando a construção foi suspensa, publicaram-se nos jornais fotos daquilo - incompleto, incompreensível para quem não conhecesse o projecto - como prova da minha incompetência e da incompetência do SAAL. 30 anos depois aquilo foi para a frente - a vida de facto dá muitas voltas”, admite Siza. Este é o sítio onde a história acaba, dizíamos - ainda não sabemos é se acaba bem ou se acaba mal.

Perversão?

Também começámos a ver “As Operações SAAL” - o documentário de João Dias que passa no Cinema Classic City Alvalade, em Lisboa, fazendo a história do serviço criado em Agosto de 1974 pelo Secretário de Estado da Habitação e Urbanismo, o arquitecto Nuno Portas, para, “em face das graves carências habitacionais (...), fazer arrancar programas de construção convencional a curto prazo (...) e apoiar (...) as iniciativas de populações mal alojadas” - pelo fim. Também é aqui, no Bairro da Bouça, que o filme acaba: com Alexandre Alves Costa, o arquitecto que coordenou o SAAL / Norte, a olhar para as 72 novas casas do bairro, e sobretudo para a segunda geração de moradores da Bouça, e a dizer que a festa foi bonita, pá, mas só enquanto durou: “Estranhamente as casas estão a ser vendidas a arquitectos, e a mim isso repugna-me muito”. Dias depois de acabarmos de ver o filme, ele explica-nos porque é que a conclusão do Bairro da Bouça traiu o espírito das operações SAAL: “Os moradores pobres que estiveram anos à espera daquelas casas acabaram por ter de resolver a vida de outra maneira - e as casas que eram para eles foram compradas por pessoas sem problemas de precariedade económica, ao preço da chuva, com o bónus de ser um projecto do Siza, valorizadíssimo, com o qual a Câmara Municipal do Porto fez um figuraço apesar de, no passado, ter boicotado todas as outras operações SAAL”. Ganhou-se, diz, “um belíssimo projecto, que mostra bem aquele momento do Siza” - mas que se tornou “completamente irrelevante em termos de habitação social”. “Do ponto de vista simbólico, aflige-me que se tenha vindo terminar uma coisa que na altura teria sido uma utilidade social para agora viverem ali meia dúzia de colegas meus bem instalados na vida. Isso é que é perverso na maneira como isto acabou.”

São oito da noite no Bairro da Bouça e o sr. Cardoso trata todos os moradores pelo nome - ou por “sr. arquitecto”. Há vários a viver e a trabalhar ali - além das 72 casas que tinham ficado por construir, a segunda fase do projecto também fez sair do papel os três equipamentos originalmente previstos (uma biblioteca local, uma lavanderia e uma sede para a cooperativa), onde agora funcionam gabinetes de arquitectura, uma clínica dentária e a tal agência de trabalho temporário. Nuno



Bairro da Bouça

Foi bonita a festa do SAAL, pá

Em 1974 o país acordou para isto: três milhões de portugueses mal alojados. “As Operações SAAL”, documentário de João Dias, mostra o que se passou a seguir, nesse ano e meio em que brigadas de arquitectos e moradores fizeram habitação social de urgência. Parece uma história com 30 e tal anos, mas não é: o Bairro da Bouça ficou pronto em 2006. Inês Nadais



Álvaro Siza, o autor do projecto: segundo ele, não há “perversão” nenhuma no facto de estudantes, arquitectos, designers terem comprado casa de habitação social no Bairro da Bouça

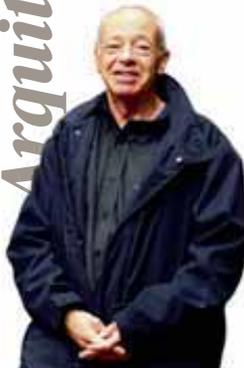




NEILSON GABRIÃO

Arquitectura

Para Alexandre Alves Costa conclusão do Bairro da Bouça traiu o espírito do SAAL



FERNANDO VELLOZO/INFACTOS

“Os moradores pobres que estiveram anos à espera das casas acabaram por ter de resolver a vida de outra maneira - e as casas que eram para eles foram compradas por pessoas sem problemas de precariedade económica, ao preço da chuva, com o bónus de ser um projecto do Siza”
Alexandre Alves Costa

Brandão Costa, o arquitecto que ganhou o Prémio SECIL de Arquitectura 2008, foi para lá quando um dos equipamentos foi posto à venda: “Estávamos à espera que aparecesse um milhão de pessoas no leilão, como tinha acontecido quando as casas ficaram prontas. Só estávamos nós, foi uma sorte. O projecto é incrível até na maneira como resistiu ao tempo, o sítio é fantástico e o ambiente é óptimo: há os moradores de sempre e depois uma segunda geração de estudantes universitários, arquitectos, designers.” É aqui que ele acha “exactamente o contrário” de Alves Costa: “Não há perversão nenhuma. Os tempos mudaram e as pessoas que estão ali são jovens, estudantes, recém-licenciados que tiveram ali a oportunidade de comprar uma boa casa, barata. Hoje as pessoas que lá estão há 30 anos convivem tão saudavelmente com os novos moradores que até já é difícil distingui-los”.

Pode não ser o espírito do SAAL - mas é o espírito da melhor habitação social, aquela que nunca se faz. “O Porto é uma cidade segregada: há zonas onde vivem os ricos todos e zonas onde vivem os pobres todos. No Bairro da Bouça a arquitectura conseguiu criar uma cidade plural e democrática em que pessoas de proveniências diferentes vivem em casas todas iguais”, continua Nuno Brandão Costa. Álvaro Siza também gosta do que vê: “O que aconteceu é compreensível e

saudável - e também se passou em outros sítios. O Bloco de Marselha do Corbusier, por exemplo: durante anos esteve degradado e foi considerado um fracasso, uma arquitectura socialmente inaceitável. Neste momento está tudo a funcionar porque houve uma geração - de professores, de arquitectos, de intelectuais - que quis ir para lá viver. Enquanto era para os pobrezinhos aquilo era um desastre. Agora é um sucesso”.

Uma utopia

Para quem lá está, como o sr. Cardoso, o bairro é de facto um sucesso. Mas dos 350 sócios iniciais da Associação de Moradores da Bouça não são muitos os que ainda lá vivem - na primeira fase só ficaram disponíveis 56 casas, que serviram para alojar as famílias que viviam em condições mais precárias, e quando as chaves das 72 casas da segunda fase começaram a ser entregues, em 2006, já poucos associados apareceram para as reclamar. “Vim para aqui em 1979, isto ainda nem estava pronto. Não havia electricidade nem saneamento, tinha de ir a um quarto de banho improvisado - e já vim para aqui com cinco filhos. Morava numa ilha na Rua da Peneda que estava em ruína e, quando se deu o 25 de Abril, juntei-me com outros moradores. Ocupámos uma antiga tinturaria que tinha deixado de laborar, a Fábrica do Cu para o Ar, e fizemos ali a nossa sede com um infantá-

rio, uma cooperativa de alimentação e um salão de festas. Depois fomos para as casas. O nosso lema era “Casas para Todos”, explica. No sítio onde agora está o Bairro da Bouça ia haver um empreendimento para funcionários do Ministério da Justiça, com projecto do arquitecto Siza, mas a associação ocupou o que havia e acabou por ficar com o terreno e com o projecto, que depois candelatou ao SAAL. Houve “barulhos e ferradelas” quando as primeiras 56 casas foram distribuídas, “mas as pessoas acabaram por entender que esta era só a primeira fase”.

Durante 25 anos, a primeira fase era tudo o que havia. Na década de 90, finalmente, a Associação de Moradores da Bouça conseguiu garantias da autarquia e convenceu o arquitecto a voltar a olhar para o projecto: “O Siza esteve sempre de pé atrás, mas lá veio ver o que era preciso. Tinhamos aí uns chorões que eu tinha plantado no Dia Mundial da Árvore e que me custou ver cortar, mas teve de ser”. Na primeira assembleia para atribuir as novas casas, vieram “cento e tal sócios e filhos de sócios”. Ficaram 12. A associação acabou por ter de leiloar as 60 habitações que lhe caíram no colo de um dia para o outro. “As pessoas viram o tempo a passar e as casas a não serem construídas, foram décadas com as calças na mão. Nem as minhas filhas quiseram esperar - foram dar 20 mil contos por um apar-

tamento quando podiam ter dado 12 mil aqui. Foi uma desilusão: estas casas eram para os sócios e eles é que deviam estar aqui, mas paciência: quem pôde ficar ficou”, sublinha o sr. Cardoso.

Ele foi dos que ficaram. Mas 25 anos é demasiado tempo, diz Siza, “e as referências mudaram”: “Aquele galéria que lá está servia para continuar o ambiente das ilhas em que havia aquele espírito de solidariedade e de vivência comunitária intensa - forçada mas intensa -, zangas misturadas. Esse espírito hoje não existe, e a referência passou a ser a casa esquerdo-direito, que as pessoas associam a um modelo de qualidade de vida”. Isso é uma coisa que não há ali. E mesmo que houvesse, argumenta Alves Costa, as pessoas perderam a vontade de morar na Bouça quando perceberam que ia demorar demasiado tempo (e, depois, quando o crédito à habitação transformou a construção privada numa alternativa viável): “As pessoas desmobilizaram quando perceberam que a casa não era realizável, e passado pouco tempo até era difícil falar com elas sobre o assunto: era como se o SAAL nunca tivesse existido. Mantivemos recordações da festa, que foi bonita: da manifestação não sei onde, do piquenique não sei quê, disso não se esquecem, do que se divertiram com o processo”.

Quem esteve lá dentro lembra-se disso e também se lembra “do desespero, dos bloqueios, da luta quotidiana, de as pessoas quererem as casas e elas não chegarem, da reacção da direita” - e, no caso de Alves Costa, “da bomba no serviço, da bomba no carro, de mudar de caminho muitas vezes à noite, quando voltava para casa depois das reuniões com os moradores”. Quem está de fora, como Nuno Brandão Costa - nasceu em 1970

-, lamenta que a experiência do SAAL não tenha resistido à “normalização democrática”: “Quando eu estava a estudar, o processo SAAL era uma coisa presente ainda. Muitos dos meus professores fizeram brigadas e foi aí que ensaiaram tipologias e linguagens que são muito a imagem da Escola do Porto até hoje. O SAAL foi um laboratório para aquela faculdade, mas muita da habitação social corrente que se vê por aí, feita nos anos 80, não aprendeu nada com o SAAL, e isso foi um erro”.

Para toda uma geração de arquitectos, ainda assim, o SAAL foi fundador: “Internacionalmente, até aí a arquitectura portuguesa era desconhecida e passou a haver um enorme interesse pelo que estávamos a fazer. Eu fui convidado a fazer habitação social em Berlim e em Haia por causa da minha participação no SAAL. Em Portugal continuamos a achar que aquilo foi uma coisa um pouco louca e um pouco degradante, mas na verdade o SAAL deixou marcas em nós e nos outros”, argumenta Siza.

Havia uma revolução em curso no país, e isto era o país a construir-se. “O SAAL era uma utopia, mas achávamos que era uma utopia viável. Perguntávamo-nos ‘isto será possível, será mesmo verdade?’, mas não tivemos muito tempo para perguntas porque um ano e meio depois percebi-me que era mentira”, acrescenta Alves Costa. Ele vai estar amanhã às 19h15 no Cinema Classic City Alvalade (também há sessões especiais hoje, com o realizador, e no domingo, com o arquitecto e historiador do SAAL José Antónimo Bandeirinha) para falar do tempo em que a arquitectura portuguesa queria mudar o mundo, antes de o mundo a mudar a ela.

Ver crítica de filmes págs. 32 e segs.

Informações: 21 790 51 55 - culturgest.bilheteira@cpg.pt - www.culturgest.pt
 Bilhetes à venda: Culturgest, Netes, Frac, Bica, Içate, Vigas, Almas, Livraria Bulhosa (Beiras, Paredes e C.C. do Estado do Porto), C.C. D. João V. Vila, Megapólo e www.ticketline.sapo.pt - Reservas: Ticketline, 707 234 234



Augustin Dumay

Camerata Metropolitana

Orquestra Metropolitana de Lisboa

Concerto comentado por Alexandre Delgado

Direcção musical e violino: Augustin Dumay
 Programa: Anton Webern *Langsamer Satz*, Claude Debussy *Clair de Lune*,
Beau Soir, *En Bateau*, *La Fille aux Cheveux de Lin* (transcr. para orquestra),
 Maurice Ravel *Tzigane*, Benjamin Britten *Simple Symphony*

MÚSICA DOM 10 MAIO · 11h00 · Grande Auditório · €2,5 · M6

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
Culturgest
 METROPOLITANA

Os Golpes “Isto somos nós, isto é Portugal e é só pop”

A iconografia junta a cruz de Cristo a tambores e a música tem tanto de Strokes como de Heróis do Mar. São Os Golpes e o seu muito aguardado disco de estreia, “Cruz Vermelha Sobre Fundo Branco”. “Rock que é português e nada mais.” *Mário Lopes*



Música

O encontro estava marcado para o Jardim da Estrela, em Lisboa, mais precisamente para o coreto que se ergue em frente a um dos seus portões. A entrevista não tinha ainda começado e eles, os Golpes, observavam o cenário. “Temos mesmo que dar aqui um concerto”, lança Luís, o baixista, a Manuel Fúria, vocalista e guitarrista.

Eles, recorde-se, são a banda que escolheu para primeiro teledisco uma cavalgada por prados em Alter do Chão (“A marcha dos Golpes”), uma banda que deu ao seu primeiro álbum, agora editado, o título “Cruz Vermelha Sobre Fundo Branco” e que, nele, canta sobre montras da Avenida de Roma e pelourinhos num largo municipal não identificado. Como não haviam eles de apreciar a ideia de montar um concerto no coreto? “O pop rock chegou a um tal estado de universalização que já não é património de ninguém”, dir-nos-á mais tarde Manuel Fúria. “Está tão entranhado no nosso crescimento, na nossa personalidade que, para nós, já é óbvio que podemos afundar as mãos no mar, na areia, no nosso passado, seja no que for, que sai rock.” Precisa: “Sai rock que é português e nada mais.”

Os Golpes não nasceram longe daquele coreto. “Começámos a ensaiar a poucos metros daqui, no atelier de pintura de uma amiga, num quarto minúsculo”, aponta Luís. Nessa altura chamavam-se ainda 400 Golpes, nome adoptado do filme de Truffaut.

Essa simples escolha do nome já indicava uma ideia para a banda - e mostrava que esta banda que canta “golpe a golpe, inventamos Portugal”, não se pretende fechada. Pelo contrário, é certo que têm cruzes de Cristo e tambores do folclore como

iconografia, mas cresceram com uma cultura popular globalizada - na sua música ouvem-se ecos de Television ou dos Strokes.

Voltemos ao nome.

Manuel Fúria, estudante de cinema antes de se voltar decisivamente para a música, explica os 400 Golpes que primeiro baptizaram o grupo: “Para além do facto de me parecer, muito simplesmente, um bom nome para uma banda, havia o lado das canções [tal como o filme] reflectirem uma visão ingénua, a visão de uma criança a descobrir as coisas da idade adulta.”

Quando os Golpes deixaram cair os 400, isso manteve-se - está lá, devidamente exposto, na trilogia “Tarde livre” que pontua o álbum, e no seu romantismo inocente de mãos dadas no largo, de esperas ansiosas frente ao colégio.

Porém, entre o momento em que os Golpes deixaram cair os 400 e este álbum que agora nos chega, algo mudou. Luís: “Antes, faltava-nos um objectivo. Estávamos ali [no ‘quarto de ensaios’], por vezes oito horas seguidas, comigo a sair directamente para o trabalho, e não havia objectivos. Não havia um concerto ou o que quer que seja. Mas, de repente, tínhamos ali material e fazia sentido pensar nisto de maneira mais séria.” De repente, dizemos nós, não era só eles terem material. Era saberem que haveria gente predisposta a ouvi-lo.

A bandeira de Morrissey

Em Novembro de 2008, escrevíamos na capa do Ípsilon: “Quem é esta gente que entra de rompante pela nossa música adentro?”

Esta gente era Tiago Guillul, João

Coração, Samuel Úria e Manuel Fúria, eram também os Pontos Negros, B Fachada, Feromona ou Smix Smox Smux, músicos e bandas divididos entre a Flor Caveira, a Amor Fúria (editora dos Golpes) ou Catadupa. Eram gente que fazia com que o português parecesse “a língua natural de uma canção pop”.

Na altura em que o relatório, o público já tinha respondido a essa “naturalidade” do gesto, comprando discos e enchendo concertos com a euforia própria de quem vive e testemunha algo de especial - um encontro de intenções, digamos. Não é o caso do músico que dá ao público o que o público quer ouvir: o músico deu ao público algo que o público descobriu querer ouvir.

Para os Golpes, a partir do momento em que se sintonizaram nessa efervescência, a partir do momento em que a música ganhou, definitivamente, uma intenção, as coisas tinham obrigatoriamente de se tornar mais sérias. Como não o ser quando cantam algo como “golpe a golpe construímos Portugal”? Quando criam todo um universo iconográfico que é impossível ignorar e que levou a inevitáveis paralelismos com os Heróis do Mar? Como não o ser quando, em crescendo de expectativa, viram como o seu álbum de estreia se foi tornando uma das mais aguardadas edições do ano?

Presenteiem-nos com esta retórica e a primeira coisa que eles farão será corrigir-vos. Que sim, as coisas tornaram-se sérias, mas no sentido de um comprometimento total com o álbum que ia nascendo, não de resposta ao burburinho que chegava do exterior. O guitarrista Pedro da Rosa é peremp-

tório: “Tudo o resto [a iconografia] é interessante e gostamos de o usar, larga ali umas especiarias que são claramente portuguesas, mas o que interessa é a música. Fazemos música, mais nada.” Luís prossegue: “De certa forma, o álbum [produzido por Jorge Cruz, que o baixista classificou, no processo, como o quinto elemento dos Golpes] foi sendo construído e foi ganhando personalidade no momento em que o gravávamos. Isso deu-lhe consistência. A única pressão que sentimos foi a de conseguir exactamente aquilo que queríamos com o tempo e orçamento disponíveis.”

E Manuel Fúria, quando voltamos aos Heróis do Mar e abordamos a polémica que causaram pelo imaginário inspirado no Portugal imperial, dir-nos-á, primeiro: “Acredito que os anos 80 foram uma explosão de criatividade muito engraçada que se perdeu nos anos 1990. Aquilo que nos interessa na música portuguesa está aí.” Dirá, depois: “Há este lado de usar bandeiras e torná-las de novo património comum que acho importante.” Porque? Porque “está tudo farto”, insurge-se Fúria. “Farto de ter vergonha e farto de estar associado a pessoas que têm vergonha. Podemos perfeitamente embrulhar-nos em bandeiras, como faz o Morrissey ou como fazem os The Who, e dizer ‘isto somos nós, isto é Portugal e é só pop’.”

Campos de férias

Dia 1 de Maio, Santiago Alquimista, em Lisboa. Apresentação do álbum de estreia d’Os Golpes, que convidaram a juntar-se à celebração Os Capitães de Areia e Os Velhos, duas bandas que a sua editora, a Amor Fúria, revelará brevemente.



“Acredito que os anos 80 foram uma explosão de criatividade muito engraçada que se perdeu nos anos 1990. Aquilo que nos interessa na música portuguesa está aí. Há este lado de usar bandeiras e torná-las de novo património comum que acho importante”
Manuel Fúria

Antes de começar, vivia-se um ambiente de acontecimento, com filas à entrada, um painel na parede a avisar os mais incautos (“Esgotado”) e pessoal, ainda assim, a tentar arranjar os bilhetes que já não existiam. Enquanto o concerto acontecia, fez-se a festa, com os bombos das Caixas Furiosas, o grupo de percussionistas que acompanhou os Golpes, a marcar o ritmo da dança. Viam-se miúdas a saltar para as cavalitas dos rapazes, única forma de verem o palco, e ilustres representantes da Flor Caveira a dar, via “crowd-surfing”, um ambiente punk a tudo aquilo.

Concerto eufórico, certamente, que as canções da banda ajudam à excitação pop. Concerto ganho à partida, naturalmente, que a primeira apresentação, como é da praxe, teve a presença de familiares, muitos amigos e conhecidos.

O cenário era diferente do habitual num concerto “indie”. Nesses, a presença da população vulgarmente designada como “beta” costuma ser

residual. Ali, estava em larga maioria. No concerto do Alquimista, enquanto a guitarra de Pedro da Rosa se lançava num floreado certeiro, enquanto o baixo de Luís e a bateria de Nuno Moura mantinham o ritmo em andamento seguro, enquanto Manuel Fúria, guitarra em punho, disparava o chamamento (“a dança começa!”), todos eles cantavam as letras palavra a palavra. A maioria dançou como a música obrigava, os restantes juntaram-se no comunitário mosh espoleado pela Flor Caveira, da suburbana Queluz.

A verdade, porém, é que análises sociológicas do público que dia 1 de Maio, num concerto de contexto muito específico, esgotou o Santiago Alquimista, são pouco relevantes para o quadro geral.

Os quatro membros dos Golpes conhecem-se há muito tempo - muito antes d’Os Golpes serem 400, muitos antes de os seus elementos sonharem que poderia existir esta banda de “Cruz Vermelha Sobre Fundo Branco”.

Não se encontraram por andarem na mesma escola ou por jogarem à bola no ringue ao fundo da rua: “O universo de pessoas de onde vimos”, explica Manuel Fúria, “está ligado a campos de férias dos jesuítas e foi aí que a malta se conheceu”.

Fora disso, os percursos são diferentes: Manuel Fúria nasceu em Lisboa e foi para Santo Tirso antes de regressar. Luís nasceu em Viseu e andou por Lisboa, pelo Algarve e por Coimbra antes de se fixar definitivamente na capital. Pedro da Rosa é ribatejano e a sua terra, afirma convicto, será sempre o Ribatejo - “vivo em Lisboa há não sei quantos anos e sou incapaz de me dizer lisboeta”. Nuno Moura, que substituiu o baterista original da banda, António Brito, é por sua vez, o único que nasceu em Lisboa e por ela ficou. Este elenco de proveniências e deambulações não é, nesta banda, pormenor supérfluo.

Na música e na iconografia dos Golpes, montada num contexto pop cui-

dadosamente elaborado, como que se plasmam aquelas diferentes experiências: nos pelourinhos que Manuel Fúria resgata a memórias de Santo Tirso ou nas cavalgadas de que Pedro da Rosa e Nuno Moura se lembram bem e que surgem no teledisco de “A marcha dos Golpes”. Nada disto, como eles disseram acima, começou por ser consciente. Manuel Fúria chama-lhe uma contingência: a desta banda ser formada por estas pessoas. O decidido Pedro da Rosa, uma inevitabilidade: “Faço questão de não me esquecer de onde venho. Isto é o que nós somos.”

O segredo, percebemos ao ouvir o disco, percebemos ao vê-los ao vivo, está em terem conseguido transformar isso que são em música em que todos neste país conseguirão, de alguma reconhecer-se. O segredo, reformulemos, está em terem conseguido transformar isso que são em música pop tão contagiante. Ponto final.

Ver crítica de discos pág. 43 e segs.

A ZONA

UM FILME DE SANDRO AGUILAR COM ISABEL ABREU E ANTÓNIO PEDROSO

Festival del Film de Locarno | Festival de Cannes | London Film Festival | Festival de São Paulo | Festival de Madrid | Festival de Lisboa | Festival de Porto | Festival de Coimbra

ATP | ECA | MC

EM EXIBIÇÃO

CINEMA LONDRES; AMC ARRÁBIDA 20 | M17 ODE

No sonho americano de Obama

Eles dizem “que não inventaram a pólvora”, mas são o primeiro grupo português do mundo pop com impacto nos Estados Unidos. *Vitor Belanciano*

Facto: é a primeira vez que um grupo português do universo pop tem impacto, alcança projecção e é referenciado pelos media mais influentes do mercado mais apetecido do mundo, os Estados Unidos.

É um acontecimento. Mas seria saudável que não fosse compreendido da forma idealizada como costumam ser olhados os portugueses que conseguem projecção na sua actividade no estrangeiro.

Sempre vistos como se fossem seres excepcionais, de outro mundo. Diferentes deste mundo, Portugal.

Felizmente, os Buraka, acabados de chegar dos EUA, excitados pelo que vivenciaram, têm noção disso. São produto de uma boa ideia - fundamental - de muito trabalho, de um contexto global e de sorte. Tudo coisas naturais e explicáveis, mas que adquirem carácter de excepção num país onde ainda existe uma espécie de obstáculo anímico que impede mais gente de competir no mercado global.

“Não nos preocupa se somos os primeiros. Não pensamos nisso. Lamentamos é que não haja mais, porque só se consegue fazer mozza, em

termos de movimento cultural, se existirem mais”, reflecte Kalaf. “Não inventámos a pólvora”, completa Conductor, “olhamos apenas para os discos e para os espectáculos como coisas que se completam: a forma como se apresenta a música ao vivo é fundamental e é também importante ter um disco que seja uma coisa conceptual.”

No último ano, actuaram em inúmeros países europeus, na Austrália e no Japão - onde regressarão, em Agosto, para o mega festival Fuji. Mas os EUA, até pela carga mítica, são outra coisa.

Não actuaram, evidentemente, em Pavilhões Atlânticos. Mas tocaram em espaços

“A palavra ‘positivo’ não chega para descrever o que se passou”, diz Kalaf. “Chegar lá e ter aquela recepção muda as regras do jogo”

Música

Mish, ma.

os Buraka puseram

Tocaram em Portland e em Seattle, em Chicago e Boston. Passaram no Canadá, antes de



Eles avisaram mal entraram em palco: “Nova lorque, isto vai ser uma festa.” E foi. O concerto de encerramento da digressão norte-americana dos Buraka Som Sistema, no Bowery Ballroom, uma das salas de concerto mais “in” de Nova Iorque, foi uma farra, uma borga para as 400 (?), 600 (?) pessoas que assistiram ao espectáculo e no fim tiveram de ser empurradas para fora - sorridentes, embriagadas, encharcadas em suor, triturdadas, exaustas e rendidas. “Man, it was awesome.”

Se o que se passou no Bowery Ball-

room serve de ilustração para a aventura americana do grupo de Lisboa, não há como não qualificá-la como um retumbante sucesso. Os Buraka começaram na costa leste, e foram elogiados como uma das sensações do festival Coachella, na Califórnia. Tocaram em Portland e em Seattle, em Chicago e Boston. Passaram no Canadá - Vancouver, Toronto e Montreal - antes de acabarem em Manhattan. “Sempre quisemos muito vir aqui”, confessou Kalaf, depois do arranque fulgurante do espectáculo.

Durante o caminho foram impressionando críticos e coleccionando fãs. O “Chicago Tribune” qualificou os Buraka como “fashionable but brilliant” e decretou que era um crime perder o seu concerto. O “San Francisco Weekly” disse que o seu espectáculo naquela cidade, apropriadamente na noite mais quente do ano, foi “tórrido” e “relativamente absurdo”. “Absurdely entertaining, that is”, concluiu.

O “Boston Globe” escreveu sobre o kuduro como “a nova loucura da música de dança”, e sobre os Buraka

Som Sistema como intérpretes pouco ortodoxos: “O seu uso dos elementos tradicionais [do kuduro] é só uma parte de uma barragem sónica que toca liberalmente vários géneros e locais.” O Brooklyn Vegan, um popular blogue de música independente de Nova Iorque, presente no concerto do Bowery Ballroom, considerou os Buraka uma daquelas bandas “onde mais importante do que qualquer outra coisa é juntar as pessoas e fazê-las sentir felizes”.

Sem dúvida que as juntaram e sem dúvida que se sentiram. “Perdão



que conferem auréola, como o Festival Coachella, em Los Angeles - onde se concentram os agentes mais importantes da música - ou o Bowery Ballroom de Nova Iorque, onde tocam quase todos os grupos mais credíveis da actualidade.

"A palavra 'positivo' não chega para descrever o que se passou", diz Kalaf. "Chegar lá e ter aquela recepção muda as regras do jogo. Uma coisa é a Europa, onde se pensa que as pessoas são mais receptivas. Mas chegar aos EUA, ou Japão, é ver uma nova estrada a abrir-se à frente." Conductor completa: "Foi impressionante perceber que há muitas pessoas que têm um conhecimento mais profundo da nossa música do

que na Europa."

É natural. As tendências culturais urbanas têm grande expressão nos EUA. Talvez agora ainda mais, na era Obama, espelha Conductor. "Sentimos que somos mais um elo da cadeia, principalmente num momento em que existe uma grande sede de perceber tudo o que remete para África, por causa do Obama."

"O nosso público lá, gente entre os 25 e os 30 anos, representa essa 'nova América' do Obama, que tem curiosidade e se relaciona com formas culturais da América Latina - como a música cumbia - ou as subculturas jamaicanas", completa Kalaf. Além das razões

socioculturais, há motivos mais elementares que explicam o contexto favorável em que os Buraka foram recebidos. Nomeadamente, a actividade de cúmplices do grupo. "O trabalho que o Diplo tem feito lá ou o facto de a M.I.A. se ter mudado para Brooklyn, N.Y., também foi importante. Neste momento têm mais expressão lá do que na Europa. Aquela coisa europeia das bandas se mudarem para os EUA faz sentido. Quem quer ter uma carreira global é o ideal, até porque lá as coisas acontecem de forma mais espontânea do que imaginamos."

Até ao final do ano, o projecto vai continuar com concertos em Portugal, e um pouco por todo o mundo, ao mesmo tempo que

vai tentar dar um novo impulso à casa-mãe, a editora Enchufada. Até porque querem que os Buraka sejam compreendidos, em todo o mundo, a partir do contexto que os viu despontar - Lisboa.

"Não dá para compreender Buraka se não for colocado no contexto lisboeta", afirma Kalaf. "Este projecto seria diferente se tivesse nascido em Luanda ou noutra parte do mundo. As referências que o João [Bartolomeu] e o Rui [DJ Riot] têm - do rock de Seattle às 'raves' nos anos 90, com DJ Vibe, no Alcântara-Mar ou no

Kremlin - unem-se com o nosso entendimento sobre música africana e outras músicas.

Tudo isto faz sentido aqui."



CHRIS HANSON

ush, mush

Nova Iorque a dançar

acabarem em Manhattan e fazerem a festa. Rita Siza, em Nova Iorque



ANA GILBERT

Se o que se passou no Bowery Ballroom serve de ilustração para a aventura americana do grupo de Lisboa, não há como não qualificá-la como um retumbante sucesso.

Durante o caminho foram impressionando críticos e coleccionando fãs. "Grande energia, difícil parar de dançar, difícil entender o que eles cantavam mas interessante na mesma", diz Leslie

pelos constantes encontros", desculpava-se educadamente Brandon, para cima e para baixo aos saltos, ensoado depois das rajadas dos canhões de água (pareciam umas bazucas) disparadas do palco - gentileza dos dois MC. "Isto é demais, não consigo parar de dançar."

Lotação esgotada

Quem já assistiu a muitos concertos em salas americanas sabe que não é fácil pôr o público a dançar. Mas não foi problema para os Buraka Som Sistema, que aliás já tinham contado com a ajuda de um tal DJ Segá para excitar os espíritos. Não foi bem um aquecimento: foi ele quem deu o tiro de partida. Mas era noite de maratona, apesar da velocidade vertiginosa que parecia fazer rebentar as colunas e desafiava a resistência do público.

Jonathan Feldman estava desgastado com o DJ ("é horrível"), impaciente com os Buraka. "Quando é que começa? Eles fazem uma espécie de um som tribal africano, verdade?", perguntava. Tinha vindo recomendado por um amigo, que conhecia a banda da internet e lhe falara do kuduro. À última hora, o amigo desmarcou. "Mas eu já tinha o bilhete e decidi vir espreitar", explicou.

A uma hora do início, a casa informou aqueles que disciplinadamente

se encostavam "em silêncio" ao lado direito da escadaria, conforme as instruções berradas pelo porteiro: a lotação estava esgotada. Foi suficiente para um mini-motim. Mas afinal os que acataram ordens com paciência não ficaram de fora.

Como esperava Jonathan, os Buraka começaram por familiarizar o público com o kuduro, depois passaram ao funk e por aí fora. "Primeiro vamos a África", "agora é o Brasil" - o itinerário ia sendo explicado, excepto quando a multidão berrava refrões em inglês sobre o volume dos microfones.

"Agora que já todos estamos confortáveis uns com os outros, vamos dançar!", anunciava Kalaf, depois de ter convidado dez "ladies" para o palco - saltaram aí umas trinta -, de ter dedicado uma canção "a todos os que têm menos de cem dólares na conta" e de se ter engasgado com um imprevisto "stagedive" do irrequieto DJ Segá.

"Como é, já estão cansados?", gritava-se do palco, se por acaso a plateia baixava os braços por mais de um minuto. "Não", respondia o público, e de novo saltava sincopadamente.

Enés, uma eslovaca que dançou com a banda em palco, estava eléctrica no final do concerto. "Para dizer a verdade, eu achava o kuduro meio aborrecido. Quer dizer, um bocado

monótono. Mas eles foram excelentes, espectaculares", comentava.

Leslie reagia naquele jargão de comentador profissional que parece estar a ditar um telegrama: "Grande energia, difícil parar de dançar, difícil entender o que eles cantavam mas interessante na mesma."

Dois amigos com forte sotaque, Juan de Espanha e Alberto do País Basco (foi assim que se apresentaram), seguem a carreira dos Buraka Som Sistema pelo MySpace. "Foram muito melhores do que esperávamos. Foi muito mais intenso e interessante", comentavam.

Eli, nova-iorquino, ficou a conhecer o grupo quando "um amigo que é DJ gravou umas músicas dele num podcast". Ele ficou curioso e andou pela internet à procura de saber mais sobre a banda portuguesa. Para ele o mais interessante na música dos Buraka é a mistura de sons e estilos - um "mish, mash, mush", descreveu Peter, que também achou piada ao exercício mas criticou a fórmula repetitiva. "Não tem nada a ver com os rapazes. Eles foram óptimos. Só que esta não é bem a minha cena", esclarecia - e era difícil imaginá-lo de boné na cabeça ou calções camuflados como outros na assistência. A última vez que esteve no Ballroom foi pelos Band of Horses, a banda indie-rock de Seattle, e eles também não o impressionaram assim muito.



ANA GILBERT

mayra andrade "Stória, Stória..."

DIGRESSÃO NACIONAL JUNHO 2009

04 PORTO COIMBRA Teatro Municipal de Coimbra Bilhete: 20,00 €	10 COIMBRA TEATRO MUNICIPAL DE COIMBRA Bilhete: 20,00 €
06 PORTALEGRE CENTRO ARTÍSTICO E ESPECTACULAR Bilhete: 20,00 €	12 CALDAS DA RAINHA C. CULTURAL E DE CONGRESSOS Bilhete: 20,00 €
07 LISBOA CENTRO CULTURAL DE BELÉM Bilhete: 20,00 €	13 FARO TEATRO DAS PRAIEIRAS Bilhete: 20,00 €
09 AVEIRO C. CULTURAL E DE CONGRESSOS Bilhete: 20,00 €	

Gay Talese

“Se escrever com estilo”

“Honra o teu Pai” é a história de uma família da mafia. Durante sete anos, Gay Talese investigou os livros de Talese nunca acabam. Como as personagens são reais, as suas vidas continuam e ele deixam de colaborar. “Se escrever com estilo as pessoas aceitam.” Um dos mestres

“Honra o teu Pai”, publicado nos EUA em 1971, é o primeiro livro de Gay Talese editado em Portugal (Presença) - a continuação, que começa onde este termina, foi lançada há uma semana nos EUA. Narra a história verdadeira de uma família da mafia nova-iorquina, os Bonanno. Durante sete anos, Talese investigou a vida de Joe Bonanno, da mulher, Fay, do filho, Bill, da nora, Rosalie... Tudo começou quando, um dia, viu Bill Bonanno, um jovem da sua idade, a conversar com o seu advogado no intervalo de um julgamento, em Manhattan. Como será estar na pele dele?, pensou. E dirigiu-se a Bill. Escreveu este livro porque tinha curiosidade de saber como é ser-se um jovem da mafia? Sim, essa é a pergunta a que tento

“Honra o teu Pai” (1971) é o primeiro livro de Gay Talese editado em Portugal - a continuação, que começa onde este termina, foi lançada há uma semana nos EUA

responder em todo o livro: como é estar na pele deles? O que se sente? Em que são eles diferentes de mim? Como é o seu mundo? Quais são as suas ambições? Qual é a tragédia das suas vidas?

O ponto de partida é a curiosidade.

Sim, como em toda a minha obra. Na descrição que faz de Bill Bonanno diz que ele é como um jornalista, porque vive a sua própria vida como se, ao mesmo tempo, estivesse fora dela. É essa a principal qualidade de um jornalista?

Tem de ter uma visão dupla. Como um actor desempenhando um papel. Pode identificar-se totalmente com Hamlet, mas, simultaneamente, tem de ter a consciência de que está em palco, e conseguir ver-se a si próprio, do ponto de vista da audiência.

Como convenceu Bill Bonanno a cooperar neste trabalho?

Ele sentiu que poderia morrer a qualquer momento, com uma bala, e que toda a sua vida seria definida por um departamento da Polícia. Ou seja: a sua vida seria descrita e interpretada por detectives e oficiais de Justiça, gente que nunca a compreendeu. E Bill acreditou que eu tentaria um entendimento diferente. E que, se morresse subitamente, haveria alguma compreensão histórica sobre a forma como viveu.

Porque confiou ele em si?

Confiou e eu nunca traí a sua confiança.

Ele e a família mafiosa gostaram do livro, quando foi publicado?

Muita gente não gostou. O pai, Joe Bonanno, não gostou. Mas passou algum tempo e todos aprenderam a respeitar o que eu tinha feito. Quando um livro sai, as pessoas dizem que é bom ou mau. Mas, com o tempo, o livro ganha uma vida própria, que está acima desse julgamento sumário.

As próprias personagens do livro aprendem a respeitar o que lá está escrito?

Sim, e é por isso que continuo a contactar com elas depois de o livro estar terminado e publicado. Foi o que aconteceu com Bill Bonanno, 10, 20, 30 anos depois. Até ele morrer, em 2007. E este ano escrevi sobre tudo o que aconteceu desde que o livro saiu, em 1971.

É a continuação da história?

Sim, é um “paperback”, saiu esta semana. Faça quase sempre isso. Há pouco tempo, publiquei também uma nova versão de “Thy neighbor's Wife”, na Harper Collins, com dois novos capítulos.

Escreve o que acontece depois de o livro ser publicado? Incluindo a própria publicação do livro e as reacções a ele? O livro faz parte da história?

Deixe-me explicar como trabalho: levo anos para conhecer as pessoas. Em média, demoro dez anos a escrever um livro. E quando acabo continuo a falar com aquelas pessoas. Muitos jornalistas terminam uma história e nunca mais na vida falam com aquelas fontes.

Porque têm de fazer outras coisas.

Claro. Num dia estão com uma história, no outro dia com outra. E muitos escritores comportam-se da mesma maneira. Quer escrevam sobre uma guerra, a vida de um político, de um cientista, de uma actriz. Acabam o livro e nunca mais falam com aquele cientista, aquele artista. Eu não sou assim. Mantenho-me em contacto com toda a gente sobre quem escrevo.

A certa altura, não começa a ser muita gente?

Tenho 70 anos. Escrevo há 50. E enquanto as pessoas estão vivas, continuo a falar com elas. Mesmo que sejam histórias dos anos 60, 70 ou 80.

Porquê?

Porque a vida dessas pessoas continua, muitas vezes acontecem coisas interessantes, e eu escrevo mais livros sobre elas. Continuo a segui-las, até morrerem. Vou dar-lhe um exemplo: o primeiro livro que escrevi chamava-se “The Bridge”. Era sobre um grupo de homens que construiu uma enorme ponte entre dois bairros de Nova Iorque, Brooklyn e Staten Island - a Verazanno-Narrow Bridge. A construção decorreu entre 1961 e 1963. A ponte foi aberta ao tráfego em 1965. Bom, 30 anos depois, fui ver o que aconteceu com aquelas pessoas, e elas contaram-me uma história assombrosa, que publiquei, numa nova versão do livro, há dois anos.

Ainda tinha algo a contar sobre a ponte?

“posso dizer a verdade”

a vida dos Bonanno. E permaneceu na vida deles porque segue-as depois de o livro ter sido publicado e elas nunca da narrativa americana de não-ficção. *Paulo Moura*

Sim. Era uma das maiores pontes suspensas do mundo e eles estavam orgulhosos, porque a construção era formidável. Todos eles eram especialistas na edificação em altitude. Trabalhavam no céu. Então, depois da ponte, arranjaram emprego na obra do World Trade Center. Durante 5 anos, construíram as duas torres gêmeas. Mas muito infelizes, porque, segundo o que me contaram, o projecto de engenharia era frágil. Os materiais eram baratos, o aço era fino. Não havia reforços interiores entre as inúmeras janelas. Todo o design dos edifícios tinha por único objectivo o aproveitamento máximo do espaço, para que fosse possível arrendar cada centímetro quadrado.

Eles contaram-lhe isso durante a construção?

Depois. Disseram que aquilo era como uma gaiola de pássaros. Não obedeciam aos mesmos critérios da Verazzano Bridge, ou da Brooklyn Bridge, ou do Empire State Building, que foram construídos como fortalezas, ou catedrais, que nenhum terramoto conseguiria destruir. Quando os terroristas atacaram as torres gêmeas, em 2001, os construtores estavam tristes, mas não surpreendidos. Sabiam que aquilo era como um brinquedo. Se os aviões tivessem chocado contra o Empire State Building, teriam caído esmagados, como mosquitos.

E publicou essa história.

Sim. É por isso que vale a pena seguir as pessoas. Permitiu-me, 40 anos mais tarde, escrever, sobre o WTC, uma história diferente de todas. Com “Honra o teu Pai” aconteceu o mesmo. O livro termina com Bill Bonano a ir para cadeia. Pois fui visitá-lo muitas vezes durante os 4 anos em que esteve preso. Quando saiu, em 1975, continuei a encontrar-me com ele. Quando o livro saiu, os filhos dele tinham 4, 5, 7 anos. Depois, tinham 16, 17, 19, depois 25, 26, 29, e escrevi o que lhes aconteceu. E quando este livro saiu, esta semana, essas crianças já têm 46, 47, 49 anos, o Bill Bonano morreu, fui ao seu funeral...

É interessante que tenham continuado a colaborar consigo, toda a vida. Nenhum ficou zangado com o que escreveu...

Eles vão lendo o seu trabalho?

Não. Nunca lhes mostro nada. Mas sou honesto no que escrevo. E muito sensível em relação a quem escrevo. Conheço a minha gente muito bem. Mas é normal que as pessoas não gostem, quando se escreve algo demasiado verdadeiro sobre elas.

Sabe qual é o segredo? É que se escreva de forma bela. Se escrever muito bem, com complexidade, subtilidade e estilo, posso dizer a verdade, que as pessoas vão aceitar.

“Em 50 anos de escrita, nunca ninguém me disse que não voltaria a falar comigo por causa do que escrevi.

Eu humanizo as histórias, sem as distorcer. Conto a verdade, mas dou a entender que há muitas verdades”

Mesmo que sejam apreciações negativas sobre elas?

Se a escrita for excelente, as pessoas apreciam. Tudo o que se fizer de belo terá sempre audiência. É como o retrato feito por um pintor. Picasso, por exemplo: um rosto pode ter três olhos, mas se for feito com arte, com cuidado, com poesia, ninguém se vai zangar. Em 50 anos de escrita, nunca ninguém me disse que não voltaria a falar comigo por causa do que escrevi. Eu humanizo as histórias, sem as distorcer. Conto a verdade, mas dou a entender que há muitas verdades. Isto não é um trabalho de detective. Na verdade, não é um trabalho de jornalista. É sobre factos, e os factos têm de estar correctos. Mas não tem mais nada em comum com o jornalismo. É não-ficção, que pode ser tão profunda e reveladora como a ficção. Mas demora tempo. Eu passo, pelo menos, 4 ou 5 anos com as minhas personagens. Fico a conhecê-las tão bem quanto um romancista conhece as personagens que inventou.

Mas tratando-se de personagens reais, não corre o risco de estar a justificar os actos, por exemplo, de uma família mafiosa, como os Bonano?

Quando o livro saiu, fui acusado de justificar os crimes, de humanizar monstros. A questão é que não estou a humanizá-los: eles são humanos. O que me interessa são as pessoas nos seus próprios termos. Quero ser muito mais do que um observador compadecido. Eu quero compreender, o que nem sempre é bem tolerado. O que acontece é que as minhas histórias vão contra as atitudes estabelecidas. “Thy Neighbor’s Wife” é um livro sobre sexualidade e obscenidade. Vivi num campo nudista e num bordel, porque é assim que trabalho. Investigo na pri-

meira-pessoa. No livro “A Writer’s Life” conto histórias de sexo inter-racial, ou sobre a feminista que cortou o pénis ao marido...

Lorena Bobbit. Porque lhe interessou esse caso?

É a história de uma imigrante do Equador, que pensa ter feito um bom casamento, porque arranhou um “marine” americano. Ele era daqueles brancos com pouca cultura, a que chamamos “white trash”, que vão para a tropa para terem algum estatuto, uma identidade. Mas perdeu o carro, perdeu tudo, porque não conseguia pagar os empréstimos. Era o desastre total. Então ela cortou-lhe o pénis. Mas, como naquela altura (1994) o movimento feminista era muito influente nos media, ela foi absolvida e considerada uma heroína. Acho isto maravilhosamente irónico.

Também conta, nesse livro, que passou um ano na China à procura de uma jogadora de futebol...

Queria escrever sobre a China. Então vi aquele jogo de futebol feminino na televisão. E vi aquela mulher, que era a jogadora principal, provocar a derrota do seu país, ao falhar um penálti. Pensei que ela era a representante da nova China, da primeira geração de mulheres que sai à rua, viaja. Ao fracassar, naquela final de campeonato mundial, ela tinha sobre os ombros todo o peso do falhanço da China, que quer vencer, como nova superpotência. Viajei para a China e passei lá um ano...

As críticas desse livro foram muito más.

Péssimas. Mas “Honra o teu Pai” também foi mal recebido pela crítica da altura. Todos os meus livros o foram. “A Writer’s Life” é a história dos seus últimos 10 anos. “Unto the Sons”, a dos seus antepassados. “The Kingdom and the Power” é sobre o “New York Times”, o jornal onde trabalhava. “Honra o teu Pai” é sobre a mafia italiana, porque a sua própria família é italiana. Por que razão só escreve autobiografias?

Escrevo sobre o que conheço. Sabe o que estou a escrever, nos últimos dez anos? Um livro sobre o meu casamento. Estará pronto em 2011.

No jornalismo, a regra é não escrever sobre o que nos é muito próximo...

Eu não quero nada com o jornalismo. Não escrevo notícias. As notícias duram um dia. Eu quero escrever algo que se possa ler daqui a 30 anos, com o mesmo interesse. “Honra o teu Pai” foi escrito em 1971. Por alguma razão é agora publicado em Portugal, como se fosse um livro novo.

Ver crítica de livros págs. 24 e segs

MARIA JOÃO QUADROS
FADO MULATO AO VIVO
DIRECÇÃO: TIAGO TORRES DA SILVA
LISBOA 28 DE MAIO COLISEU
SINES 22 DE MAIO FIG. DA FOZ 30 DE MAIO

ROKIA TRAORÉ
Porto 27 Maio Casa da Música
Lisboa 28 Maio LUX

ESTC ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA
LICENCIATURA EM TEATRO
RAMOS: ACTORES | DESIGN DE CENA | DRAMATURGIA | PRODUÇÃO
LICENCIATURA EM CINEMA
RAMOS: ARGUMENTO | PRODUÇÃO | REALIZAÇÃO | IMAGEM | SOM | MONTAGEM
CONCURSO LOCAL DE ACESSO
INSCRIÇÕES TEATRO ATÉ 5 JUNHO
INSCRIÇÕES CINEMA ATÉ 15 JUNHO
MAIS INFORMAÇÕES www.estc.ipl.pt
TEL.: 21 498 94 00 FAX: 21 498 94 01 ENDEREÇO ELECTRÓNICO: estc@estc.ipl.pt

Vai ver se eu estou online!

Internet

Estamos online. Entre em www.ipsilon.pt. É o mesmo suplemento, é outro desafio. Venha construir este site connosco.

Ensaio

Combater a depressão

O livro do Nobel da Economia é mais um clarão de luz que nos ajuda a pensar na melhor forma de sair do buraco.

Luís Villalobos

O Regresso da Economia da Depressão e a Crise Actual

Paul Krugman
(Tradução: Alice Rocha, Saul Barata e Alberto Gomes; Revisão técnica: Nuno Valério)
Editorial Presença, 15 euros

★★★★★



As perguntas surgiram mesmo antes da leitura: como é que se adapta à crise actual um livro escrito em 1999, mesmo com novos capítulos, apostando numa

edição revista e aumentada? Não seria este lançamento de Paul Krugman apenas uma justificação para lucrar com a atribuição do Nobel de Economia? A resposta, felizmente para o mercado e para os leitores, é que sim, certamente que o lançamento veio aproveitar os efeitos de marketing

proporcionados pelo Nobel. Mas isso não prejudica o trabalho de Krugman, que soube redesenhar o livro editado há dez anos, e cujo principal enfoque é a análise às crises da Ásia e da América do Sul dos anos 90. Ao voltar o olhar para o que aconteceu no México, Argentina, Brasil, Tailândia, Malásia e Indonésia, explicando as razões do descalabro financeiro, o que Krugman faz é chamar a atenção para um simples facto: já existiam vários sinais de que era exagerado o optimismo geral sobre a imunidade da economia e do mercado a uma recessão profunda. E que mesmo com várias armas ao seu dispor, os governos nem sempre conseguem inverter uma crise porque, como escreve este professor de 56 anos de Princeton, há casos em que “a reconhecida necessidade de entrar no jogo da confiança substitui as preocupações normais da política económica”. Isto, sublinha, “parece, e é, uma perfeita loucura”.

Os capítulos mais interessantes são, no entanto, os dedicados ao Japão e os que se reportam directamente à crise actual. O país asiático, em dificuldades desde o início dos anos 90, foi afectado por factores como o rebenamento de uma bolha imobiliária e maus empréstimos bancários (semelhanças com o caso actual não são simples coincidências). E nem a descida das taxas de juro para zero conseguiu trazer vigor à economia, até porque a população, requeira e envelhecida, não aproveitou para gastar ou investir, bloqueando parte do potencial empresarial e económico, entrando assim o país, como descreve Krugman, na “armadilha da liquidez”. O

Japão, explica, entrou numa situação parecida à dos Estados Unidos nos anos 30 (conseguindo crescer um pouco à boleia das exportações chinesas, fornecendo componentes) mas, no entanto, ninguém pareceu ligar muito ao problema. Na parte final, esta claramente focada nos dias de hoje, Krugman mostra o seu apreço por Keynes e políticas de intervenção estatal,



A atitude de Herzog não releva de nada que seja aproximável da “cinefilia” em sentido clássico

que o têm oposto à administração Obama no caso dos bancos, onde, aproveitando a atenção proporcionada pelas suas colunas de opinião e pela notoriedade acrescida do Nobel, usa o seu estatuto de referência intelectual para defender uma maior intervenção directa, se necessário recorrendo à nacionalização provisória de algumas instituições financeiras em dificuldades causadas por má gestão e ganância.

Utilizando uma linguagem acessível e pouco académica, depois de atacar o ex-presidente da Fed, Alan Greenspan, por ter substituído uma bolha do mercado de acções por uma bolha imobiliária, com o recurso à forte baixa das taxas de juros, Krugman identifica o grande problema: a banca na sombra. Sem regulamentação, através de instrumentos como veículos de investimento que não estavam contabilizados nos balanços, inovações financeiras de partilha de risco e a noção irracional de que os preços das casas iam sempre subir, esta “banca sombra”, não visível à luz do dia, trouxe verdadeiros tumores malignos para uma economia que se julgava sã e incólume a doenças como depressões profundas. A economia mundial, constata, “revelou-se um lugar muito mais perigoso do que tínhamos imaginado”. Agora o problema é, mais uma vez, perceber como é que se cria “procura suficiente para fazer uso da capacidade da economia”. É aqui que volta à questão das nacionalizações, pois, para que o crédito volte a circular no sistema, são precisas atitudes mais fortes do que emprestar milhões de dólares às instituições que mostraram não saber cumprir bem o seu papel. A verdadeira escassez nos anos 30, a década do mundo de Keynes, diz Krugman, não foi de recursos, nem sequer de virtude, mas sim de compreensão.

O conhecimento é, de facto, o primeiro passo para a cura, neste caso da economia da depressão. E o livro do Nobel da Economia é, sem dúvida, mais um clarão de luz que nos ajuda a perceber onde estamos metidos e a pensar na melhor forma de sairmos do buraco.

O êxtase da verdade

Sinais de Vida - Werner Herzog e o Cinema

Grazia Paganelli
(tradução Marta Amaral)
Edição IndieLisboa/Edições 70

★★★★★



O cineasta alemão Werner Herzog esteve em foco no Festival IndieLisboa, que lhe dedicou uma retrospectiva e algumas outras iniciativas associadas. Entre elas, em co-edição com as Edições 70, a publicação de “Sinais de Vida - Werner Herzog e o Cinema”, da italiana Grazia Paganelli, editado em 2008 pelo Museo Nazionale del Cinema de Turim por ocasião da organização de uma retrospectiva da obra de Herzog.

O coração do livro é uma entrevista com o cineasta, organizada em blocos temáticos, cada um deles introduzido por um texto de Paganelli que simultaneamente enquadra, resume e lança o segmento de conversa que se segue, numa abordagem “não cronológica mas orgânica” (como escreve Alberto Barbera em prefácio) da obra. Bastante da riqueza do livro está nesta recusa da linearidade e do A+B, nesta opção por uma estrutura que parece ser a melhor maneira de responder à complexidade da obra de Herzog.

Começa-se, ainda assim, pelo princípio, focando o princípio do trabalho de Herzog e as suas primeiras curtas, talvez os títulos menos vistos da sua filmografia. Foi o período em que Herzog “teve que inventar o cinema”, e assumiu essa invenção como uma tarefa obstinada, fora de compromissos colectivos: 1962 foi também o ano do “manifesto de Oberhausen”, que Herzog não assinou por não gostar nem da “atitude”, nem dos realizadores que conceberam o manifesto.

Mais à frente, justifica a sua recusa de participar em “Deutschland im Herbst”, célebre filme colectivo realizado no final dos anos 70 (muito em relação →



TIM SHAFFER/REUTERS

Utilizando uma linguagem acessível, Krugman identifica o grande problema: a banca na sombra, que trouxe verdadeiros tumores malignos para uma economia que se julgava sã e incólume a doenças como depressões profundas

AGENDA CULTURAL FNAC

entrada livre

APRESENTAÇÃO

AO VIVO

LANÇAMENTO

EXPOSIÇÃO

AO VIVO

ADRIANA

Com uma agradável sonoridade, feita com referências à pop leve, à bossa nova e ao jazz, o disco de Adriana é universal.

10.05. 17H00 FNAC CHIADO



AO VIVO

GOMO

Nosy

De regresso aos discos em 2009, Gomo mantém-se fiel ao formato canção com uma estética pop/rock onde a sátira e o humor estão sempre presentes.

10.05. 17H00 FNAC COLOMBO



FÓRUM MIÚDOS

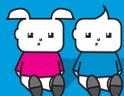
A MAIOR FLOR DO MUNDO de José Saramago

Leituras por Ana Cravo e Mónica Faneco

Uma magnífica história para crianças, mas antes de tudo, é um legítimo Saramago.

Livro recomendado pelo Serviço de Apoio à Leitura do Instituto Português do Livro e das Bibliotecas.

10.05. 11H30 FNAC ALFRAGIDE



APRESENTAÇÃO

ENTRE NÓS

Um projecto de João Pedro Marnoto

Um documentário que parte das imagens e das palavras das crianças, para revelar os contrastes existentes em Portugal: entre o interior e o litoral, entre o rural e o urbano.

13.05. 22H00 FNAC NORTESHOPPING



EXPOSIÇÃO

UNTITLED SHORT FILMS/ MY OWN PRIVATE WONDERLAND

Fotografias de Teresa Sá

Novo Talento Fnac Fotografia 2006, Menção Especial

09.04. - 04.06.2009 FNAC ALMADA

novotalentosfnac



Consulte a agenda cultural Fnac em <http://cultura.fnac.pt/Agenda>

Apoio:

ípsilon



www.fnac.pt



Espaço Público

RUIGAUDINCO

["Memórias do meu Cativo", de Clara Rojas] Um bom livro para ser lido nesta altura em que muito sensacionalismo tanto vende. Vale ler este livro exactamente por não ser sensacionalista, de quem sofreu na selva da Colômbia às mãos das FARC o cativo como refém de 6 anos. E nesse tempo teve um filho. Clara não

nos conta quem é o pai do seu filho, diz que foi uma experiência e que se trata de um episódio que faz parte da sua vida privada e os pormenores ficarão para o filho, quando lhe fizer perguntas, refere o distanciamento havido a partir do cativo relativamente à grande amiga Ingrid Bergman de quem foi, além de amiga, con-

selheira. Findos estes seis anos como refém na Selva da Colômbia, diz "o refém é um ser despojado de tudo". Fala, escreve quem viveu esta má experiência. Volto a pensar ser um livro bom de ler nesta altura!! Augusto Küttner de Magalhães, 59 anos, Gestor de Recursos Humanos

Ciberescritas Acontecimentos da semana



Isabel Coutinho

1 - O escritor e biógrafo brasileiro Fernando Morais - que hoje, dia 8, participa no Letras em Lisboa, numa sessão, às 15h00, no Teatro São Luiz, sobre "Literatura, História e biografia" com Fernando Morais, Germano Almeida, Leonor Xavier - está a lançar em Portugal "O Mago", a biografia que escreveu sobre o escritor Paulo Coelho (ed. Planeta). Este é o pretexto para uma visita ao "site" dedicado ao livro.

Mal se chega lá, depara-se com uma declaração do biografado: "Não sei qual será a minha reacção ao ler o que estará escrito nessa biografia. Mas na capela que neste momento está diante do meu campo de visão existe uma frase escrita: 'Conhecerei a verdade, e a verdade vos libertará.'"

O primeiro capítulo de "O Mago" - intitulado "É um pássaro? É um avião? Não, é o popstar Paulo Coelho, o escritor que já vendeu mais de cem milhões de livros" -, e que é, por si só, já um magnífico retrato do mais popular escritor brasileiro, está disponível para leitura. Além de

uma galeria de fotos - aquelas que estão também publicadas no livro - é possível consultar algumas opiniões sobre "O Mago" e também artigos que saíram em jornais brasileiros sobre a obra. Mas é na secção "O autor fala" que podemos ver uma longa entrevista com Fernando Morais em vídeo. Uma ótima maneira de completar a leitura do livro.

2. Há mais novidades no mundo dos e-Books. Esta semana a Amazon.com deve ter anunciado uma nova versão do Kindle (estou a escrever antes da conferência de imprensa de quarta-feira). Com ecrã grande, destina-se à leitura de livros, mas também jornais e textos académicos. Permitirá a leitura de PDFs (sem ser necessário enviar um email à Amazon para que ela converta os textos) e segundo o "Wall Street Journal" (WSJ) a partir do Outono alguns estudantes da universidade

Case Western Reserve, em Cleveland, vão receber estes aparelhos para ler em ecrã grande. A universidade vai, depois, fazer um estudo comparando as experiências e opiniões dos estudantes que vão receber o Kindle e daqueles que vão continuar a ler os textos e os livros em papel. Haverá mais universidades envolvidas neste projecto (Pace, Princeton, Reed, Darden School na University of Virginia e Arizona State).

O mesmo artigo do WSJ e também um artigo do "The New York Times" dizem que a Plastic Logic - de que já aqui falámos - está a pensar lançar o seu aparelho para leitura de livros e jornais electrónicos este Verão (também em ecrã grande) com o "Detroit Free Press" e o "Detroit News" (jornais que restringiram a sua publicação em papel a alguns dias da semana). Mas tanto o Kindle em versão grande como o Plastic Logic são a preto e branco. E se os rumores de que a Apple vai lançar um Tablet até ao final do ano, com um ecrã quatro vezes maior que o do iPad e a cores, se concretizarem? Esta é uma batalha que está para durar.

isabel.coutinho@publico.pt

(Ciberescritas já é um blogue <http://blogs.publico.pt/ciberescritas>)

Fernando Morais
<http://www.fernandomorais.com.br/>

Lançamento do novo Kindle
<http://online.wsj.com/article/SB124146996831184563.html>

Lançamento do Plastic Logic
http://www.nytimes.com/2009/05/04/technology/companies/04reader.html?_r=2&partner=rss&emc=rss

← com os traumas gerados pelas acções dos Baader-Meinhof) com o argumento de que, "Fassbinder à parte", os outros cineastas envolvidos não eram muito interessantes. Toda a conversa de Herzog indica algum grau de "não-reconhecimento" em face do cinema alemão, e do cinema alemão da sua geração. Em parte confirma-se a ideia de Herzog como cineasta que concebeu a sua obra em "soliloquio", com preocupações demasiado pessoais e específicas para encontrar alguém com quem as partilhar. São raríssimas as referências a outros cineastas, e a atitude de Herzog não releva de nada que seja aproximável da "cinefilia" em sentido clássico (inventou mesmo "o seu cinema"). Quando "dialoga", fá-lo mais facilmente com gente de outras áreas: escritores, pintores, desportistas, filósofos, músicos.

Um tema recorrente é a ideia da "extinção". Herzog é um obcecado pelo "fim", pelas ruínas civilizacionais, pelos "últimos representantes" de uma tradição, de um povo ou de uma linguagem. De certa maneira este interesse foi uma das coisas que o fizeram (e fazem) correr mundo, a procura de florestas, desertos e povos remotos. Em "Lektionen im Finsternis" ("Lessons of Darkness"), um filme de 1992 construído com imagens dos poços de petróleo em chamas durante a primeira guerra do Golfo e com pedaços do comentário "off" baseados no Livro do Apocalipse, Herzog incluiu uma citação inventada por ele mas atribuída a Blaise Pascal (para que as pessoas a levassem mais "a sério"): "A queda dos universos siderais ocorrerá - como a Criação - com imponente beleza." Há aqui um misticismo "romântico", sempre na fronteira com um humor sibilino que se liga a um dos credos mais importantes do cineasta, a insistência no cinema como instrumento de "revelação" de uma "verdade extática", comparada por Herzog aos místicos medievais. Para Herzog, convém distinguir entre a "verdade" e os "factos", entre a realidade e as suas máscaras - "temos que encontrar algo (...) que vá para além ou sob esta realidade, algo que nos dê uma espécie de visão em êxtase, que perdure por muito mais tempo do que a própria realidade". Tanto mais num tempo em que a realidade pode ser "retocada no photoshop" ou produzida por "um efeito digital": "Neste momento confrontamos algo que transformo o nosso sentido de realidade. (...) De certa forma, nos meus primeiros filmes, já tinha antecipado este salto."

Para além desta inesgotável conversa, o livro integra uma série de anexos, textos escritos por Herzog em tom de manifesto, como a "Declaração do Minnesota", proclamação "anti-cinema verité" (que, diz Herzog, "não possui qualquer verité").

A tradução é irreprensível. Luís Miguel Oliveira

Ficção

Morte a crédito

É um antipolicial ou um contrapolicial. É a "crónica", pós-modernista, paródica e agoniada, "de uma morte anunciada". E desejada.

Mário Santos

London Fields

Martin Amis
(tradução de Telma Costa)
Teorema, € 24,15

★★★★☆



Martin Amis (n. 1949) disputa a lan McEwan, que é da mesma geração, a glória jornalística de ser "o melhor escritor" inglês contemporâneo. A edição portuguesa tem dado mais e

melhor atenção ao seu alegado rival. Ao contrário do que acontece com McEwan, são vários os livros de Amis sem tradução e publicação em Portugal. Ou com publicação portuguesa temporalmente distante da original. "London Fields", que é de 1989, é (só) agora apresentado pela Teorema como "o novo romance" de Amis. Talvez seja. Em português é um livro novo.

A acção decorre na "carcaça de Londres" (com residual incursão aos EUA) no final do milénio passado. Numa mistura de "ruína e ruindade". São três as personagens principais. Ou melhor, quatro: o narrador é suficientemente intruso para disputar às outras personagens (que ele procura em vão manipular e influenciar, apesar de lhe terem dado "de bandeja" uma história

"verdadeira", tendo ele somente "que a escrever") o verdadeiro protagonismo da narração. Protagonismo que ele ostensivamente assume, aliás, desde o início ("Tecnicamente falando, sou também, suponho, cúmplice dos factos") e na parte final de cada um dos 24 capítulos do livro. Quando fala de si, comenta o narrado e o que está por narrar e como aí chegou ou vai chegar. Tem sempre a última palavra. O que não quer dizer que seja a melhor e a decisiva: "Talvez por terem o vício da forma, os escritores atrasam-se sempre em relação à informalidade contemporânea. Escrevem sobre uma realidade velha, numa linguagem ainda mais velha. Não são as palavras, são os ritmos do pensamento. Neste sentido, todos os romances são romances históricos. Não sendo bem um escritor, talvez eu veja as coisas mais claramente. Mas faço o mesmo." Pode dizer-se que "London Fields" é, essencialmente, um romance sobre a escrita de um romance.

Em Amis, os nomes das personagens não costumam ser inofensivos e com frequência caricaturam as personagens nomeadas, desnudando-as satiricamente. O narrador chama-se Samson Young, e nem é novo nem forte. É um perdedor americano que, por uma temporada, troca de casa com Mark Asprey, autor londrino de sucesso literário e sexual. É claro que já notaram que as iniciais são as de Martin Amis. O que nos obriga a aludir aqui ao motivo literário da rivalidade literária. Young chega a Londres e creê chegada também, finalmente, a sua hora: "A vida real está a chegar tão depressa que já não posso adiar mais." Vai portanto escrever o seu romance. É o que iremos ler. As outras personagens principais chamam-se Keith Talent, um patético pícaro de pub (de Portobello Road) sem virtudes e que tem como único talento a pequena vigiar; Guy Clinch, sem improvável comparsa, um pobre rapaz rico,

"romântico", simpático e sem rumo, cuja mulher se chama Hope; e Nicola Six, uma "femme fatale" de caricatura cujo apelido, se (in)convenientemente pronunciado, pode provocar estimulantes equívocos.

O quarteto irá interpretar aquilo a que o narrador chama, na tradução portuguesa, "um policialzinho bem catita. E original, a seu modo. Não é um quemfoi. É mais um porquefoi." A originalidade está neste: "London Fields" é um antipolicial ou um contrapolicial. É a "crónica", mas uma crónica pós-modernista, paródica e agoniada, "de uma morte anunciada". E desejada. O que não quer dizer que seja um romance freudiano. Nicola Six é uma suicida suficientemente perversa para pretender que sejam outros a fazer o trabalho sujo. Quer ser, por assim dizer, suicidada. É uma "assassinanda", uma falsa vítima à procura do seu assassino verdadeiro. O romance é, portanto, a história →



Martin Amis disputa a Ian McEwan a glória jornalística de ser "o melhor escritor" inglês contemporâneo

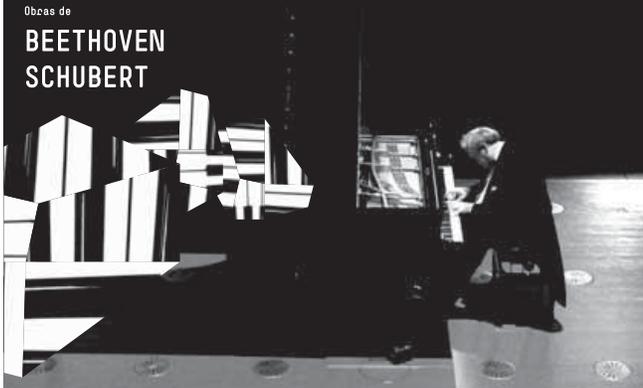
casa da música

ciclo
piano edp

GRIGORI SOKOLOV

QUI 21 MAI
21:00 SALA SUGGIA

Obras de
BEETHOVEN
SCHUBERT



Vivaldi & Seixas

SÁB 16 MAI
18:00 SALA SUGGIA

ORQUESTRA BARROCA CASA DA MÚSICA

Antonio Florio *direcção musical*
Eufemia Tufano *meio-soprano*
Huw Daniel *violino*
Pedro Castro *oboé*
Filipe Quaresma *violoncelo*

Obras de Antonio Vivaldi
e Carlos Seixas

Antonio Florio, um dos mais conceituados maestros no domínio da música antiga a nível internacional, dirige um programa dedicado a Vivaldi, com destaque para a apresentação do *Stabat Mater*, uma das mais comoventes e belas obras dentro do género.

22 MAI -
07 JUN

Os grandes concertos para
piano e orquestra.

Oito obras para piano e orquestra para celebrar os oitenta anos do pianista Sequeira Costa. Naquela que é uma maratona inédita pela história do concerto para piano desde o período Clássico, Sequeira Costa interpreta oito obras magistrais do repertório concertante em quatro concertos consecutivos com a Orquestra Nacional do Porto. O seu regresso à Sala Suggia marca, assim, um dos momentos altos da programação da Casa da Música.

Perfil. Sequeira Costa



ORQUESTRA NACIONAL
DO PORTO
SEQUEIRA COSTA *piano*

SALA SUGGIA
ONP FORA DE SÉRIE

SEX 22 MAI 21:00
Rudolf Barshai
direcção musical
Obras de C.W. Gluck, Mozart
e Brahms

DOM 24 MAI 18:00
Rudolf Barshai
direcção musical
Obras de C.M. von Weber
e Rachmaninoff

SEX 05 JUN 21:00
Jean-Pierre Wallez
direcção musical
Obras de Emmanuel Chabrier,
César Franck, Debussy e Ravel

DOM 07 JUN 18:00
Jean-Pierre Wallez
direcção musical
Obras de Mendelssohn, Schumann
e Grieg

PREÇO DE CICLO | € 40

PREÇO DE CONCERTO | € 17



casa da música

MECENAS CICLO PIANO

MECENAS DA ORQUESTRA
NACIONAL DO PORTO

APOIO INSTITUCIONAL

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS DA CASA DA MÚSICA



SEJA UM DOS PRIMEIROS A APRESENTAR HOJE ESTE JORNAL NA CASA DA MÚSICA E GANHE UM CONVITE DOPLOPARA O CONCERTO DE DIA 16 DE MAIO NA CASA DA MÚSICA. OFERTA LIMITADA AOS PRIMEIROS 10 LEITORES.



Rui Tavares junta as suas crónicas publicadas na Blitz

Tarantino é a sua referência e não Truffaut? Então você é um snob...

Saídas

Crónicas



O Fiasco do Milénio e outras tragédias menores
Rui Tavares
Tinta da China
As crónicas reunidas em "O Fiasco do Milénio e outras tragédias menores" foram publicadas entre 2006 e 2009 na revis-

ta "Blitz". Segundo o autor, "a ausência de constrangimentos temáticos e o ritmo de publicação mensal" proporcionaram-lhe "liberdade total": "mais liberdade do que alguma vez tive na imprensa." E uma sedimentação de obsessões, que se foram tornando recorrentes. Guia temático, ainda segundo o próprio autor, olhando retrospectivamente: o futuro e o passar do tempo, as cidades, alguns clarões da infância...

Dicionário



Dicionário de Cinema para Snobs
David Kamp e Lawrence Levi
(trad. de Ana Markl)
Tinta da China
Utiliza com frequência a expressão MacGuffin quando fala num filme

de Hitchcock, não confunde William Wyler com William Wellman, trata por "tu" os textos de Serge Daney, sabe que não o estão a insultar quando lhe chamam um "ciné-fils"? Então este livro não é para si. Este livro é para você, aí ao lado, que é um "snob": você para quem o modelo de sofreguidão cinéfila não é Truffaut mas Tarantino, para quem a segunda casa não é a Cinemateca mas a sala de estar

com o DVD, você que tem um fraquinho por filmes de Bollywood e por tudo o que seja género amaldiçoado, você para quem a arma não é a afectividade e a benevolência que derretem mas o sarcasmo que queima. David Kamp e Lawrence Levi fazem um dicionário à altura - do sarcasmo e da snobeira da nova cinefilia. Apresentação de Pedro Mexia, vice-director da Cinemateca.

de um crime por vir, a história de um crime em busca de autor. O seu objectivo é fazer coincidir o assassino, a vítima e o acto que os liga e determina. São, à partida, dois os chamados, mas o determinismo e a convenção falham, como falha o narrador "na arte e no amor". E onde falham o determinismo e a convenção realistas, vence a discricionariedade romanesca. O escolhido (o "suicidador" de Nicola) será outro. O moribundo narrador, como todos os deuses incompetentes, consegue escrever torto por linhas direitas. É talvez a vingança deste ou do irónico prémio de consolação que lhe dá Amis.

É claro que a personagem Nicola pode ser lida como personificação de um mundo esgotado e suicida, à beira do desastre nuclear ou da ruína ecológica, da definitiva "Crise" e do "horroridia", um mundo, enfim, cheio de carros estacionados em segunda fila e fezes de cão nos passeios. E estaríamos a falar do subtexto 'sério' e eloquente do livro. Mas "London Fields" vale, sobretudo, como romance auto-reflexivo. Talvez excessivamente longo. Crio-me relativamente insuspeito nesta matéria, pois gosto de romances metaficcionalis (embora, na verdade, prefira "Le Paysan de Paris", de Aragon, a "London Fields", de Amis).

Talese sugere explicações: Bill Bonanno, o filho do patriarca Joe "Bananas" Bonanno, não quis que, depois de morrer, a sua vida fosse reduzida a um relatório da Polícia. Ou então quis ter um veículo para comunicar com o próprio pai e a própria mulher, coisas que não era fácil de fazer. Confiou em Talese para que ele fosse uma espécie de seu intérprete, para com a sociedade e a História, para com a própria família.

Se a boa literatura de ficção dá vida a personagens inventadas, a literatura de não-ficção dá vida a personagens reais, explica Talese. Uma outra dimensão de vida, que é impossível atingir no devir da realidade crua.

Seja como for, Bill Bonanno permitiu que Talese, então ainda jornalista do "New York Times", entrasse na sua vida de jovem mafioso nova-iorquino. Durante sete anos, o autor perguntou, investigou, viu e sentiu. Depois escreveu uma narrativa cheia de introspecções, pormenores e complexidades. E diálogos. Como num romance. Assim: "No dia seguinte, Bill Bonanno conduziu até uma cabina telefónica e ligou para os escritórios de Maloney.

- Bom dia, doutor Maloney, daqui fala Bill Bonanno - exclamou ele animadamente, imaginando o velhote a dar um salto na cadeira.

- Então? - replicou Maloney. - Onde é que estás? Onde está o teu pai?

- Espere aí - respondeu...
Como foi possível reproduzir fielmente os diálogos? Como podia o autor saber o que Bill estava a imaginar?

Ele explica, ao Ípsilon: "Faço perguntas, tomo notas. Uma semana depois, volto a fazer as mesmas perguntas às mesmas pessoas, para confirmar se respondem o mesmo. Depois pergunto-lhes o que estavam a pensar quando disseram ou fizeram isto ou aquilo. Depois volto a perguntar..."

"Honra o teu Pai", publicado nos EUA em 1971, é um romance de não-ficção na linha de "A Sangue Frio", de Truman Capote. Mas o tema, os bastidores da máfia de Nova Iorque, tem outra relevância e outro alcance. A análise psicológica tem também outra profundidade.

Ao contrário dos outros grandes nomes do "New Journalism" dos anos 60 e 70, como Tom Wolfe, Capote ou Mailer, Talese não

escreveu ficção (excepto uma pequena experiência sem história em 1965). Talvez por isso, por se ter auto-confinado às fronteiras da realidade, tenha sido quem levou o género mais longe. Os perfis que Talese escreveu para a "New Yorker" ou a "Esquire", como o famoso "Frank Sinatra has a Cold", são hoje obras de arte clássicas. Como o são a sua história do "New York Times" ("The Kingdom and the Power"), "Unto the Sons", sobre a saga da imigração italiana para os EUA, ou este "Honra o teu Pai", com que a Editorial Presença introduz o autor em Portugal.

Poesia

A vida, já se sabe, é um desconsolo



Comércio Tradicional
Vítor Nogueira
Averno, € 10
★★★★★



Auto-Ajuda
Tiago Gomes
Mariposa Azul
★★★★★

Os poemas de Vítor Nogueira (nasceu em 1966, publicou "Senhor Gouveia", 2006, "Bagagem de Mão", 2007) são descendentes da "Tabacaria" de Álvaro de Campos: desânimo quotidiano meditativo. "Comércio Tradicional" (2008) é um título que pode ser decomposto em duas metades. O "comércio" diz respeito às pequenas lojas onde acontecem pequenas histórias e ao "comércio" social entre as gentes. "Tradicional" evoca uma vida de bairro, de engraxadores e drogarias, que parece condenada pelo progresso (e "progresso" aparece sempre aqui com cunho negativo). O dono do "comércio tradicional", uma espécie de "Esteves", e igualmente sem metafísica, é ajudado pelo sujeito dos poemas, ou antes, pelo observador dos poemas,

passivo e triste. Como acontece em quase todos os "poetas sem qualidades", a falta de brilho estilístico espelha vidas sem nenhum brilho, feitas de amargura, solidão e contagem decrescente. Espectros entre o parquímetro e a pastelaria, estas personagens excitam-se com cafeína, restauram a juventude com restaurador Olex, fazem as cruces do totobola como se fossem as cruces da sua campã. E perguntam para que se vive, qual é o sentido daquilo em que acreditamos, se no fim de contas alguém se salva. Clientes dos mesmos estabelecimentos, todos saem por instantes do seu individualismo para tentativas tocas de contacto, de entreajuda. Pedem as coisas ao balcão, como se lhas dessem, e a sabem que a loja, a tabuleta, tudo, já não dura muito, entaipada em breve, ou feita "franchising". Vítor Nogueira ironiza, aludindo ao "problema da poesia frouxa" (que "está oficialmente controlado", garante), mas a poesia frouxa é tão-só a poesia das vidas frouxas, para a qual não há outro idioma que seja honesto. Como a vida daquele emigrante que diz que queria ter a vida dos rapazes que ficaram e que os rapazes que ficaram queriam ter a vida dele. Ou a vida do cateleiro, essa reliquia melancolia de um dos poemas mais conseguidos: "«Já tenho dado prémios.» Aí vem o cateleiro / que parece ter apenas um motivo para sorrir: / (...). Um pregão a sofrer com dignidade, / como quem cultiva um jardim de nervos. / A terapia é para aqueles que têm tempo / e dinheiro para criar problemas. «Boa sorte / para todos. Não se metam em sarilhos.» / (...) Lá vai ele, rua abaixo, ardendo calmamente / como o cigarro que cravou, à falta de melhor negócio. / «Já tenho dado prémios» - uma história predilecta / conta-se sempre da mesma maneira. / A vida, já se sabe, é um desconsolo. / E, como se não bastasse, fumar mata" (pág. 27).

Tiago Gomes (n. 1971) é a figura mais simpática do "underground" lisboeta. Em vez de azedo e sectário, como é hábito nesse meio, Gomes é um "anti-social tremendamente sociável" e ecuménico, e tem organizado incontáveis lançamentos, debates e exposições, além de editar a revista "Bíblia", a mais resistente desse nicho. Como poeta, publicou "Caixa Negra de Avião desviado por ataque Terrorista" (1993), "Homem Vago em Cinzento" (1995), "Brincadeiras com Cianeto" (1998) e

"Viola-me Eléctrica" (1998), quatro livros agora reunidos em "Auto-Ajuda". Há nestes poemas uma tremenda dimensão soturna, deambulações no "wasteland" urbano de vagabundos com sacos de plástico, putas nos passeios, arrumadores, tribos da noite. Os poetas que cultivam esse universo são geralmente atreitos ao derrame verbal, ao fel e à demagogia. Não é o caso. Tiago Gomes é fiel à cartilha segundo a qual tudo é preferível a uma vida burguesa, mas os poemas de escárnio são poucos: Gomes prefere escrever em tom contido e empático sobre os seus iguais, conhecidos ou anónimos que como ele sobem a Rua Morais Soares ou descem o Bairro Alto. É uma colecção de vinhetas lisboetas, do Caos e da Trindade, como ele diz, velhos que espriam raparigas no jardins, marinheiros ex-soviéticos que ligam mais à lascívia que ao comunismo, fantasma que se escondem e revelam num parque de diversões. E gente cuja vida é sintetizada em um ou dois versos: "o contentor onde vive o meu amigo" (e note a nobreza da palavra amigo junto da palavra contentor) ou a amiga que "anda feliz / enquanto me puxa para a prisão" (e não é preciso dizer mais). Muitos destes poemas são esboços, anotações, textos aqém, e nunca se imaginam mais do que isso, anotações, textos aqém, esboços, numa incomum modestia. "O poeta sente após o acto", diz Tiago Gomes, pessoalmente, e mais à frente sugere que "o espanto é o facto poético" (foi o que lhe disse "um entendido", brinca). E com efeito é o espanto (ou a compaixão, ou o medo) que causa estes poemas, porque o espanto é o acto. E o acto é o poema. Tudo isso sem literáticas posturas, apenas acenos a alguns mestres (O'Neill, Cesariño), e diga-se, um cuidado compositivo que permite alguns poemas mais trabalhados, às vezes muito breves e alusivos: "Em noites perdidas / comendo papéis vegetais / com bigode aprendiz" ("Quinze anos", pág. 137). Numa poesia que vive do instante e do coloquial, surgem, esparsos, pequenos momentos de eternidade. O mundo devastado e vácuo alberga ainda essa velha utopia: o amor na cidade, pelos bairros antigos, nos túneis de metro, em noites eléctricas. Mas é um amor que não é de salvação, e que nos deixa afinal como antes: chacinados, como depois de um massacre. **Pedro Mexia**

Não-ficção

A máfia humanizada

A história dos Bonanno, família da máfia.
Paulo Moura

Honra o teu Pai
Gay Talese
Tradução de Marta Mendonça
Editorial Presença

★★★★★



O mais difícil de compreender é a razão que terá levado a família Bonanno a colaborar com Gay Talese na escrita de um livro sobre a sua vida. O próprio

NOKIA
Connecting People

ESPECIAL, COMO OS XUTOS

OFERTAS

- NOVO ÁLBUM
- TAMPA AUTOGRAFADA PELOS XUTOS&PONTAPÉS



**NOKIA 5130
XUTOS&PONTAPÉS**

€109,90

EDIÇÃO LIMITADA
TELEMÓVEL AUTOGRAFADO PELA BANDA

Junta-te aos 30 anos dos Xutos com a Optimus.

O mais recente álbum dos Xutos já toca no Nokia 5130 Xutos & Pontapés. São 10 faixas do melhor rock que se faz em Portugal. E como o bom pode ser ainda melhor, o Nokia 5130 Xutos & Pontapés vem autografado por todos os membros da banda.

www.musica.optimus.pt



Vai ver se eu estou
online!

Internet

Estamos online. Entre em www.ipsilon.pt. É o mesmo suplemento, é outro desafio. Venha construir este site conosco.

"Elegia da Luta", de Seijun Suzuki



5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 12h40, 15h30, 28h30, 21h20, 00h20; Castello Lopes - 8ª Avenida: Sala 1: 5ª 2ª 3ª 4ª 15h30, 18h30, 21h30 6ª 15h30, 18h30, 21h30, 00h10 Sábado 12h50, 15h30, 18h30, 21h30, 00h10 Domingo 12h50, 15h30, 18h30, 21h30, ZON Lusomundo Fórum Aveiro: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 14h30, 17h30, 21h, 24h; ZON Lusomundo Glicínias: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 17h, 21h10, 00h10;

Lamentamos muito, mas impõe-se a hipérbole: se só quiser ir ver um "blockbuster" hollywoodiano em 2009, então corra a ver "Star Trek". Mesmo que nunca tenha gostado da série televisiva de Gene Roddenberry ou que a ficção científica não lhe diga muito – isso não tem importância nenhuma para o caso. Porque o que J. J. Abrams fez a partir do "franchise" futurista que tem sido ressuscitado a espaços respira um aroma de possibilidades, de maravilhamento, de entretenimento popular como uma Hollywood demasiado apoiada em fórmulas e projecções-teste e marketing e produtos formatados e derivados raramente tem conseguido. Mais grave é que Abrams fá-lo por dentro do sistema: quer-se mais formatado que um "Star Trek" que tinha como lema norteador imposto pelo estúdio relançar a saga espacial da nave Enterprise em função do público jovem que é hoje o pão para a boca dos estúdios, mas sem trair o "livro de estilo" de um universo anteriormente declinado em dez filmes e cinco séries de televisão?

É por não se esperar grande cinema desse caderno de encargos puramente utilitário que "Star Trek" é uma surpresa tão grande. Porque, sim, é grande cinema popular - com um extraordinário lado lúdico de "serial" clássico que vê os nossos heróis saltarem de cenário em cenário, de "cliffhanger" em "cliffhanger", sem que nunca se perca ritmo (sacrilégio: "Os Salteadores da Arca Perdida" veionos à cabeça...), mas sem que isso implique perder de vista a construção de personagens sólidas e plausíveis. Repare-se como, nos primeiros vinte minutos, Abrams e os argumentistas Roberto Orci e Alex Kurtzman delineiam com uma mão-cheia de traços simples e sem perderem tempo com mais do que o essencial, quatro personagens centrais – e, ao fazê-lo, introduzem com inteligência aquele que é o tema que percorre todo o filme: a filiação.

Mais do que ser (que também é) uma história sobre pais e filhos, tema central à narrativa hollywoodiana, este "Star Trek" levanta questões de transmissão de conhecimento e de valores, de heranças aceites com maior ou menor relutância, do conflito entre o respeito pela tradição e a necessidade de injectar novidade para a poder levar para a frente. Ou seja: Abrams, Orci e Kurtzman transformaram o seu próprio dilema ao receberem as rédeas do "franchise" no motor que embla e desenvolve a história desta "prequela" que imagina a primeira missão da equipa "clássica" da Enterprise (o capitão Kirk, o vulcano Spock, o médico "Bones" McCoy...),

aqui recém-saída da Academia da Frota Estelar. Como é que se faz novo do velho? Fazer uma prequela, por si só, não chegava (veja-se o resultado descoroçoante de "Wolverine"), era preciso infundir-lhe uma qualquer "alma" indefinível e intangível que mantivesse intacto o espírito original.

Este, então, não é o "Star Trek" cerebral e reflexivo que reconhecemos da TV – ou antes, também é, mas transposto para um corpo de "space opera" pura e dura

que nem hesita em reciclar elementos derivativos e utilizados noutros filmes para construir uma "síntese" do que deve ser uma "space opera". E esse é o truque seguinte de Abrams, que usa esse processo de reciclagem e derivação para evocar/invocar a memória do grande entretenimento clássico hollywoodiano, o prazer do reconhecimento de fórmulas a que se dá a volta de maneira virtuosa e de sentimentos que estamos em casa,

como um velho sofá que acabou de voltar a ser estofado. Não se trata apenas de recauchutar o sofá: trata-se de o restaurar de um modo que lhe devolva a sua função primária mas sem perder a identidade, o conforto, na reconstrução. E que Abrams tenha sido capaz de o fazer como se fosse a coisa mais fácil do mundo, respondendo ao "caderno de encargos" sem ter o mínimo problema de descartar o que já não funciona, é por si só notável. "Star →

Eros+Revolta

Lisboa Culturgest

3ª, 12, às 18h30: **O Enterro do Sol**, de Nagisa Oshima; às 21h30: **Noite de Nevoeiro no Japão**, de Nagisa Oshima

4ª, 13, às 18h30: **Sobre as Canções Brejeiras Japonesas** de Nagisa Oshima; às 21h30: **As Termas de Akitsu**, de Yoshishige Yoshida

5ª, 14, às 18h30: **A Mulher-Insecto**, de Shohei Imamura; às 21h30: **Intenção de Matar / Desejo Profano**, de Shohei Imamura

6ª, 15, 18h30: **Go, Go, second time virgin**, de Kōji Wakamatsu; às 21h30: **O Funeral das Rosas**, de Toshio Matsumoto

sáb., 16, às 15h30: **A Porta da Carne**, de Seijun Suzuki; às 18h30: **Elegia da Luta**, de Seijun Suzuki; às 21h30: **O Vagabundo de Tóquio**, de Seijun Suzuki

dom., 17, às 15h30: **Duplo Suicídio em Amijima**, de Masahiro Shinoda; às 18h30: **O Enforcamento**, de Nagisa Oshima; às 21h30: **Eros mais Massacre**, de Yoshishige Yoshida

UMA PRODUÇÃO DE
CIDADE DE DEUS

DE FOX FILMES
GLÓRIO FILMES &
PETROBRAS
APRESENTA

ALAGARIM POR
PAULO MORELLI

Cidade dos Homens

NOS CINEMAS 7 MAIO

www.cidade doshomens.com.br

Filme Avulso Não Classificado Para DANC

As estrelas do público

	Jorge Mourinha	Luís M. Oliveira	Mário J. Torres	Vasco Câmara
Almoço de 15 de Agosto	★★★★☆	★★★★☆	★★★★☆	★★★★☆
Um Amor de Perdição	★★★★☆	☆☆☆☆☆	★★★★☆	★★★★☆
A Mulher Sem Cabeça	★★★★☆	★★★★☆	★★★★☆	★★★★☆
As Operações SAAL	☆☆☆☆☆	★★★★☆	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆
A Organização	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆
Singularidades de uma Rapariga Loura	☆☆☆☆☆	★★★★☆	★★★★☆	★★★★☆
Star Trek	★★★★☆	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆	★★★★☆
Tyson	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆	★★★★☆
X-Men Origens: Wolverine	★★★★☆	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆
A Zona	★★★★☆	★★★★☆	☆☆☆☆☆	★★★★☆

depois, o que foram, como se fizeram e que efeitos tiveram as "operações SAAL (Serviço Ambulatório de Apoio Local)", um projecto lançado durante os governos do PREC com o objectivo de responder, rapidamente, às necessidades de alojamento ou realojamento das populações mais carenciadas.

Na prática, tratava-se de pôr os arquitectos e os engenheiros no terreno, em colaboração directa com as pessoas que depois iam habitar as casas, em cuja construção acabavam, em muitos casos, por ter um papel determinante. Estruturando-se em torno dos depoimentos e das memórias de muitíssimos intervenientes (de Nuno Portas, então Secretário de Estado da Habitação e Urbanismo, a moradores, passando pelos arquitectos, Siza Vieira, Souto Moura, Manuel Vicente, Alexandre Alves Costa, entre muitos outros), "As Operações SAAL" reaviva um pedaço pouco divulgado da história portuguesa recente, e fá-lo de maneira séria e, sobretudo, atenta às suas implicações e ramificações no contexto do PREC: as minudências (ou o que hoje parecem minudências) de carácter político e burocrático, frequentemente fontes de conflito, ou os pormenores idiossincráticos (que levam a que seja possível distinguir um "SAAL Norte" e um "SAAL Sul"). E sobretudo as questões ideológicas, que se hoje parecem microscópicas naquele contexto podiam ter uma amplitude desmesurada, mas que encaminham o filme para um entendimento do SAAL como uma espécie de "interpretação da Revolução" na área do urbanismo e da arquitectura - como quando se fala da necessidade de envolver as populações nos próprios projectos de concepção arquitectónica, por se entender que o conhecimento científico especializado não devia ser "imposto". Por tudo isto, é um contributo documental extremamente interessante; só é pena que careça de outro tipo de habilidade, ou de agilidade, que o arrancasse à sua estrutura formatada e por vezes demasiado próxima da que encontraríamos num programa concebido para TV. Por outro lado, é verdade que na televisão há cada vez menos lugar para este tipo de trabalho aprofundado sem empolamento nem "espectáculo" gratuito - pelo que, provavelmente, →



Bárbara Reis

Coffee-break O problema do lustre

Se eu fosse rica comprava um lustre de cristal e a seguir um palácio para o pendurar. Sempre gostei de lustres e há anos que faço parte do Clube de Amigos do Lustre da Isabel, criado para ajudar uma amiga que tinha um problema no seu lustre.

O clube retine-se desde 1995 e, ao contrário do antiquado Club Portuense, o nosso é aberto a todos os géneros, raças, sexualidades e religiões. Somos um clube sem preconceitos nem complexos, que ama lustres e admira o lustre da nossa amiga, a única, de entre todos nós, que tem um.

A particularidade mais distintiva do clube é termos tido o único tema de discussão ao longo de 14 anos. O lustre da Isabel estava inacabado, faltava-lhe alguma coisa e nós não sabíamos o quê. À noite, a seguir ao jantar, começávamos a olhar para o tecto a tentar descobrir o enigma, por vezes ao longo de horas e apesar das guerras, da pobreza e do desconforto da posição que obriga a torcer o pescoço todo para trás. Em noites sem sono, e por absurdo que pareça, os membros mais entusiasmados iam buscar um banco à cozinha de modo a estudarem o lustre mais de perto. Era lá de cima, empoleirados em bicos dos pés e como se nada de mais importante houvesse para discutir no mundo, que os membros do clube defendiam teses definitivas. Originalmente, o lustre tinha velas, mais braços ou mais colares? O problema era a ausência de abat-jours nas lâmpadas? Como acabaria aquele remate em bronze tão ambíguo? Com outra peça em vidro redonda, como os lustres do Palácio de Versailles, mas da qual nasceriam novos braços de cristal? Quem sabe

Se eu fosse rica comprava um lustre de cristal...

se desses braços imaginários não penderiam dezenas de colares e coroas de prismas a que os especialistas chamam bacalhau? Quem sabe se não faltava uma magnífica cascata de missangas Swarovski... A única certeza que tínhamos era que o lustre da Isabel estava desequilibrado.

Modelos de belíssimos lustres não nos faltavam, porque nós somos um clube que viaja, lê livros e vai à wikipédia. Os óbvios lustres de Versailles, que estão na Galeria dos Espelhos - a que tem 17 janelas e à frente 17 espelhos reflectindo os jardins - deram-nos óptimas ideias. Foi debaixo de um deles que o Tratado de Versalhes foi assinado em 1919, selando a paz na Europa. Também pensamos no maior lustre do mundo, o da Grande Mesquita de Oman (15 metros de altura, nove toneladas, 600 mil cristais e 1114 lâmpadas). E até o estranho lustre do Palácio de Belém nos deu ideias. Foi D. Fernando II, marido da rainha Maria II, quem tratou das reformas do palácio quando, já no século XIX, ele deixou de ser uma casa de campo real e começou a ser usado para dar bailes. Os reis mandaram construir um "sumptuoso salão de baile 'onde se deram muitas e esplêndidas funções'" ("Pintura e Mobiliário do Palácio de Belém", de Diogo Gaspar, edição do Museu da Presidência da República, 2005) e o primeiro baile de que há notícia foi a 19 de Janeiro de 1839, ainda iluminado com velas (700). Três anos depois, "encomendou-se em Paris um imponente lustre para a sala de baile, sendo grandemente comentada a sua feérica iluminação". Hoje, está lá um "esplendoroso lustre com águia bicéfala em cristal de Murano que o rei comprou numa viagem a Veneza". "Custou-me barato, dei doze mil francos por ele", disse o rei a Possidónio da Silva, arquitecto da Casa Real.

Depois de anos de estudo profundo, a Isabel chamou uma restauradora de lustres. A senhora chegou, olhou uns segundos e disse que estava bem, o lustre não tinha problema algum. A Isabel, claro, indignou-se. Nenhum problema como? Não falta nada? E foi então que, talvez inspirada em Versailles, talvez por piedade, a senhora respondeu: "Aqui, no remate, falta uma bolinha de cristal."

breis@publico.pt



AFRICA.COM.T

african screens

NOVOS CINEMAS DE ÁFRICA

Cinema São Jorge - Lisboa
27 Março - 17 Maio 2009

Curadoria: Manthia Diawara (New York University)
Lydie Diakhaté (Ghana Real Life Documentary Festival)

3º FIM DE SEMANA

Tema: Nollywood - O Nascimento de um Cinema Indígena
Cinema Africano, Pós-Colonialismo e Estratégias Estéticas de Representação (Parte II)
Sessões de cinema - 8, 9 e 10 Maio
Painel de Discussão - 9 Maio 15h

4º FIM DE SEMANA

Tema: Negritude
Sessões de cinema - 15, 16 e 17 Maio
Painel de Discussão - 17 Maio 15h

Filmes legendados em português.

Programa em www.africacont.org
Para mais informações:
T. 218 170 828 | africa.cont@gmail.com

Cinema São Jorge
Av. Liberdade, 1º 175 - Lisboa
Bilheteira: T. 213 103 400



SERRALVES 20 ANOS 10

COMEMORAÇÃO 20 ANOS
FUNDAÇÃO DE SERRALVES
10 ANOS MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA

PROGRAMA MAI-JUN 2009
MÚSICA

13 MAI 2009, 22h00
LARSEN & LITTLE ANNIE

Co-produção: Auditório de Serralves e O.F.F.

14 JUN 2009, 22h00
TONY CONRAD & GENESIS P. ORRIDGE

Convidado MORRISON EDLEY (PTV3/Psychic TV)





"Singularidades de uma Rapariga Loira"



Charles Burnett... a descobrir

← para o ver será mesmo preciso aproveitar esta semana única de exibição. **Luis Miguel Oliveira**

Continuam

Singularidades de uma Rapariga Loira

De Manoel de Oliveira, com Catarina Wallenstein, Leonor Silveira, Rogério Samora, Ricardo Trêpa. M/12

★★★★☆

Lisboa: Medeia King: Sala 1: 5ª Domingo 3ª 4ª 13h45, 15h45, 17h45, 19h45, 21h45 6ª Sábado 2ª 13h45, 15h45, 17h45, 19h45, 21h45, 00h15; ZON Lusomundo Alvaláxia: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h50, 16h30, 18h40, 22h, 23h40;

Porto: Medeia Cidade do Porto: Sala 3: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 14h05, 16h35, 19h05, 21h30; ZON Lusomundo Dolce Vita Porto: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 14h30, 16h20, 18h10, 20h20, 22h10, 24h;

Sem o suporte do mundo romanesco de Agustina Bessa-Luis,

sem uma intervenção sobre a História ou o Sebastianismo, longe do imaginário camiliano, que lhe é tão familiar, Oliveira refugia-se num minimalismo estratégico ao abordar um pequeno conto de Eça de Queirós de forma original, atualizando-o e reduzindo-o a um esboço, coerente com a sua estética, mas distante de antigos fulgores. Falta fôlego a este ensaio sobre os costumes, o guarda-roupa é pobrezinho, há pormenores que

parecem pertencer a outro projecto (pela primeira vez, Luís Miguel Cintra não se integra no conjunto). E, no entanto, aparecem pequenas ideias de encenação, como as "janelas indiscretas" que comunicam os sentimentos, uma rarefação extrema de cenários, tudo aponta para um neo-primitivismo que reconhecemos. Não é Oliveira no seu melhor, mas, ainda assim é Oliveira. **Mário Jorge Torres**

Cinemateca Portuguesa

R. Barata Salgueiro, 39 Lisboa. Tel. 213596200

Sexta, 8

A Minha Mulher Favorita

De Garson Kanin 15h30 - Sala Félix Ribeiro

A Chegada do Outono

De Mikio Naruse 19h - Sala Félix Ribeiro

Anatomia de uma Traição

De David Jones 19h30 - Sala Luís de Pina

Hearts and Minds

De Peter Davis 21h30 - Sala Félix Ribeiro

Vencendo o Medo

De Robert Mulligan 22h - Sala Luís de Pina

Sábado, 09

O Homem do Revólver Silencioso

De Don Siegel 15h30 - Sala Félix Ribeiro

A Flecha Sagrada

De Samuel Fuller 19h - Sala Félix Ribeiro

Outubro

De Sergei M. Eisenstein 19h30 - Sala Luís de Pina

A Estratégia da Aranha

De Bernardo Bertolucci 21h30 - Sala Félix Ribeiro

L'Ordre

De Jean-Daniel Pollet 22h (a abrir a sessão a curta "Bassae", de Jean-Daniel Pollet) - Sala Luís de Pina

Segunda, 11

Os Indomáveis

De Paul Newman 15h30 - Sala Félix Ribeiro

Idílio em Setembro

De Robert Mulligan 19h - Sala Félix Ribeiro

Esposa

De Mikio Naruse 19h30 - Sala Luís de Pina

Uma Ilha ao Sol

De Robert Rossen 21h30 - Sala Félix Ribeiro

Dina e Django

De Solveig Nordlund 22h - Sala Luís de Pina

Terça, 12

Homens para Queimar

De John Ford 15h30 - Sala Félix Ribeiro

Amar um Desconhecido

De Robert Mulligan 19h - Sala Félix Ribeiro

Several Friends + The Horse + Dr. Endesha Ida Mae Holland + Olivia's Story + Quiet As Kept

De Charles Burnett 19h30 - Sala Luís de Pina

Las Hurdas, Tierra sin Pan Los Olvidados

De Luis Buñuel 21h30 - Sala Félix Ribeiro

Nuvens Dispersas

De Mikio Naruse 22h - Sala Luís de Pina

Quarta, 13

Perfídia

De Leslie Arliss 15h30 - Sala Félix Ribeiro

My Brother's Wedding

De Charles Burnett 19h - Sala Félix Ribeiro

A Voz da Montanha

De Mikio Naruse 19h30 - Sala Luís de Pina

Lolita

De Stanley Kubrick 21h30 - Sala Félix Ribeiro

Filhas, Esposas e uma Mãe

De Mikio Naruse 22h - Sala Luís de Pina

SKYFEST

CASINO LISBOA

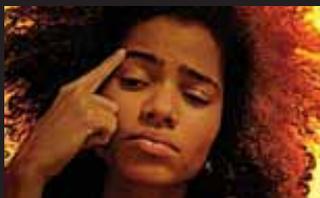
WORLD MUSIC, JAZZ & BLUES

DE 14 A 17 MAIO



M/12

DIA 14 | QUINTA
EDSON CORDEIRO
COM THE KLAZZ BROTHERS
AUDITÓRIO DOS OCEANOS



M/12

DIA 15 | SEXTA
NNEKA
AUDITÓRIO DOS OCEANOS



M/18

DIA 16 | SÁBADO
DYNAMICS
ARENA LOUNGE (ENTRADA LIVRE)



M/12

DIA 17 | DOMINGO
LILA DOWNS
AUDITÓRIO DOS OCEANOS



RESERVAS 707 234 234 WWW.TICKETLINE.SAPO.PT / SAIBA MAIS EM WWW.UAU.PT

sala branca
LEILÃO CCB
 2009 18. Maio
 Arte Moderna e Contemporânea 21h30

AUTORES: ALBERTO GARRIDO ALBUQUERQUE MENDES ADEMARIA LUIS VARELA ALEXANDRE CONEYREY ALMADA NEGREIROS ALVAREZ ALVARO LARA ALVES, MANUEL ALVES AMARCO DE SOUZA CARDOSO ANA LUISA REIS ANA PRINTELL ANGELO DE SOUSA ANTONIO AREAL ANTONIO CAMPOS ROSADO ANTONIO BUAL ALGODADO BARRIOS BALDIZA TORRES BERTHOLO, RENE BRUNO RACHECO CAMISTA RES, PEDRO CALVALI, FERNANDO CÂNDIDO COSTA PINTO CARLOS BOTELO CARLOS CALVET CARLOS CARREIRO CARLOS CARREIRO CESARINY, MARIO CHARITERS DE AZEVEDO CHICHORRO, ROBERTO CIRIA, JOSÉ MANUEL COSTA PRINHEIRO CRISTINA IGLESAS CRISTINA VALAÇAS CUTILEIRO, JOÃO DACCOTA, ANTONIO	EDUARDO BOUSAT EMERENCIANO ERVIO, GUDALINDUR FÁTIMA MENDONÇA FAUSTO BOARDA FERNANDO LEMOS FRANCISCO LEIRO GERARDO CASTELLO LOPES DE TEIXEIRA LOPES GONÇALO DUARTE GRACIA MORAIS JACINTO LUIS JACQUES MONORY JAMES BIDDING JEAN FAUTREY JOAQUIM BRAVO JOAQUIM RODRIGO JORGE ANADE JORGE AMARAL JORGE PRINHEIRO JORGE VIEIRA JOSE DE GUARIMÁES JOSE LOURENÇO JOSE MOURA JULIAO SARMENTO JUSTINO ALVES KAREL, APPEL KLASSEN, PETER LEONIL, MOURA LINDBLOM, BENGT LOURDES DE CASTRO LUIS DOURDES MANUEL BAPTISTA MANUEL VEIRA MARIA BEATRIZ MARIA VELEZ	MÁRIO BOTAS MÁRIO DICONSIO MÁRIO ELOY MEL RAMOS MIGUEL D'ALTE MILLY POSSOZ NAOR AFONSO NATÁLIA MELLO NORONHA DA COSTA PAULO ANTONIO PRT ANDREA PAULA REGO PAULO QUINTAS PEDRO AMARAL PEDRO CALAFAT PEDRO CAÇODEIRO PEDRO CHORÃO PEDRO PORTUGAL PEDRO PROENÇA POMAR, JULIO RAUL PEREZ REBECCA, JULIO ROGERIO DE FREITAS ROGERIO RIBEIRO RUI MACEDO RUI SANCHES SÁ MOURA SANDRA QUARONIS SARA MARI DÉBILIO POMBO TÍCIA, JOSÉ MARIA SOPHIA AREAL TOM WERSELMANN VESPERA, MARCELINO VIEIRA DA SILVA XANA
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Centro Cultural de Belém (CCB)
 Exposição: 15 | 18 | 17 | Maio de 2009 | das 10h às 19h
 Leilão: 18 | Maio de 2009 | 21h30
www.salabrancia.com

CIRQUE DU SOLEIL
 "Encantador...estimulante...inesquecível"
 The Boston Globe

VAREKAI
 ESCRITO E DIRIGIDO POR DOMINIC CHAMPAGNE

NOVO ESPECTÁCULO!
ESTREIA 15 MAIO EM LISBOA | PARQUE TEJO
 BILHETES À VENDA WWW.CIRQUEDUSOLEIL.COM
 RESERVAS 707 234 234 WWW.TICKETLINE.SAPO.PT
 CASINO LISBOA, FNAC, WORTEN, BLISS, BULHOSA, ABREU, ABEP, MEGAREDE E EL CORTE INGLÉS

CGI RTP RFM TVT Diário de Notícias Globo sapo.pt

Photo: Veronique Vail Costume: Eiko Ishioka

TREM
 galeria municipal
 de arte **FARO**

Rua do Trem 8000 Faro tel.: 289 804 197
 e.mail: dm.dcp@cm-faro.pt
 Terça a Sexta 10:00 às 18:00
 Sábado e Domingo 10:30 às 17:00
 Encerra às Segundas

PATRÍCIA GARRIDO
 MÓVEIS AO CUBO, DESENHOS AO ACASO

09 de Maio/07 de Junho de 2009

Câmara Municipal de Faro
 Departamento de Cultura e Património
 Divisão de Museus

uci CINEMAS
 Um cinema Em grande!
 11 novas salas em Lisboa

E com o seu **ucicard**

Bilhetes
 Todos os dias da semana

4€

AGORA O DESCONTO
TAMBÉM PARA OS SEUS FILHOS!

Já pode pedir o seu uci card nas bilheteiras do cinema ou em www.ucicinemas.pt
 Máximo 3 filhos por uci card. Só para utilizantes activos. Máximo 4 bilhetes por cartão. Válido até dia 8 de Junho 2009. Oferta válida só na bilheteira.

APROVEITE BARABERTO DE BEBIDAS!!
 Durante a primeira semana
 Apresentando este cupão em conjunto com o bilhete de cinema do dia.
 De 7 a 14 de Maio 2009.

www.uci-cinemas.pt
 707 234 234

DOLCE VITA PAIXÃO CINEMA

*A entrada por telefone e internet tem uma taxa adicional.

Teatro/Dança

Espaço Público

Este espaço vai ser seu. Que filme, peça de teatro, livro, exposição, disco, álbum, canção, concerto, DVD viu e gostou tanto que lhe apeteciu escrever sobre ele, concordando ou

não concordando com o que escrevemos? Envie-nos uma nota até 500 caracteres para ippsilon@publico.pt. E nós depois publicamos.



Dança

Eles estão ocupados a não fazer nada

"im-", a nova criação de Francisco Camacho e Vera Mota, é o espaço em branco em que o coreógrafo e a artista plástica se encontram e se desencontram. Amanhã, no Festival da Fábrica.

Inês Nadais

im-

De Francisco Camacho e Vera Mota.

Porto. Teatro Helena Sá e Costa. Rua da Escola Normal, 39. Tel.: 22 5189982/3. Amanhã, às 21h30. €3,5 e €10

Francisco Camacho e Vera Mota encontraram-se no Porto, há uns anos, quando a artista plástica estava a fazer o curso do Fórum Dança e o coreógrafo vinha de peças em que os temas da presença e da representação do corpo em cima de um palco eram tudo na vida.

Amanhã voltam ao Porto para se desencontrar no Festival da Fábrica: "im-", a peça que fizeram juntos, são eles ocupados a não fazer nada.

Iniciado há mais de dois anos e entretanto interrompido por afazeres vários - Francisco Camacho foi para Berlim trabalhar com Meg Stuart e Vera Mota ficou cá a fazer a tese de mestrado -, o processo de criação de "im-" deu à ideia inicial



Vera Mota e Francisco Camacho começaram a trabalhar há dois anos

uma direcção inesperada, explica ao Ípsilon o coreógrafo: "Já tínhamos tido alguns períodos de pesquisa conjunta, mas entretanto cada um foi à sua vida e, com a distância temporal entre esses primeiros encontros e a segunda fase do trabalho, o projecto foi-se alterando. No início estávamos mais interessados nas questões do género e da representação da mulher, que a Vera aborda muito, e também nas relações entre a alta e a baixa

cultura. As experiências que tivemos entretanto fizeram-nos convocar novos temas de trabalho."

Foi aqui que vieram parar: "A Vera trouxe muitas questões sobre o informe, sobre a desclassificação como tentativa de não ser ou de deixar de ser alguma coisa; preocupei-me sobretudo com as questões da representação do corpo no palco e sobre o que está por trás das decisões de fazer, sabendo que com cada decisão que tomamos

estamos a deixar de fora muitas possibilidades", continua.

O que isso deu é "um objecto com uma formalização visual e plástica bastante forte" e que é sobretudo o espaço em branco em que eles tanto se encontram como se desencontram. O título, de resto, já aponta para aí: "É um prefixo de negação que nos permite colocar não só as questões da inação e da recusa mas também a questão do não-fazer, e do que é isso de estar ocupado com o não-fazer. Para nós, esse vazio não é um estado angustiante: é um estado que nós aceitamos e que estamos ali a explorar, no que tem de possibilidades e de impossibilidades, sem grandes expectativas nem grandes ansiedades em relação ao resultado. Interessamos esta latência", diz Camacho.

Dentro desse espaço em branco, há duas personagens ("figuras que oscilam entre a condição humana e a fantasia") que partilham o mesmo espaço e que precisam uma da outra - mas que estão permanentemente na impossibilidade de se encontrarem.

Eles, Francisco Camacho e Vera Mota, encontraram-se a fazer isto. "Gosto sempre de ir fazendo pequenos 'shifts', pequenos ajustes nos materiais, mas acho que o que vamos apresentar no Porto já estará muito próximo daquilo que esta peça vai ser no futuro. Nos últimos tempos houve um efeito de redução a vários níveis - ia haver mais interferências com outras linguagens e até com participações externas - e cortámos radicalmente o vídeo, por exemplo, que esteve sempre muito presente ao longo do processo. É possível que regresse, mas para já precisamos deste embate com o público e de ganhar alguma distância", conclui o coreógrafo.

Agenda

Teatro

Estreiam

A Falecida Vapt-Vupt

De Andrell Lopes. Encenação: Antunes Filho. Com Adriano Bolshi, Angélica Colombo, Bruna Anauate, Eloisa Costa, entre outros.

Porto. Teatro Nacional São João. Pç. Batalha. De 14/05 a 24/05. 3ª, 4ª, 5ª, 6ª e Sáb. às 22h. Dom. às 16h. Tel.: 22340910. 20€.

O Circo Africano

Companhia: Companhia Dittout. Guarda. Teatro Municipal da Guarda. Rua Batalha Reis, 12. Dia 14/05. 5ª às 21h30. Tel.: 271205241. 5€.

Papel Químico

De Luís Franco Bastos. Com Luís Franco Bastos. Lisboa. Teatro Municipal de S. Luiz. R. Anrª Maria Cardoso, 38-58. De 16/05 a 23/05. 5ª, 6ª e Sáb. às 22h. Tel.: 213257650.

Elisabeth's Last Stand

Encenação: Simon McBurney. Com Nola Rae. Lisboa. Chapitô. R. Costa do Castelo, 1/7. De 11/05 a 13/05. 2ª, 3ª e 4ª às 22h. Tel.: 218855550. 10€

FIMFA LX9

Gobo. Digital Glossary

Companhia: Akhe Theatre. Encenação: Yana Tumina. Com Maxim Isaev, Pavel Semchenko. Lisboa. Teatro Municipal Maria Matos. Av. Frei Miguel Contreiras, 52. De 14/05 a 15/05. 5ª e 6ª às 22h. Tel.: 218438801.

El Avaro

De Jordi Bertran. Companhia: Tàbola Rassa. Encenação: Olivier Benoit, Miquel Gallardo. Com Olivier Benoit, Jean-Baptiste Fontanarosa, Asier Saenz de Ugarte. Lisboa. Museu da Marioneta. Rua da Esperança, 146 - Convento das Bernardas. De 09/05 a 10/05. Sáb. às 22h. Dom. às 17h. Tel.: 213942810.

Les Miniatures de La Licorne Chère Famille!

Companhia: Théâtre La Licorne. Encenação: Claire Dancoisne. Com Thomas Dubois. Lisboa. Museu da Marioneta. Rua da Esperança, 146 - Convento das Bernardas. Até 08/05. 5ª e 6ª às 22h00. Tel.: 213942810.

Continuam

Onde Vamos Morar

De José Maria Vieira Mendes.

Encenação: Jorge Silva Melo. Com Andreia Bento, Cecília Henriques, Pedro Carmo, Pedro Gil, Pedro Lacerda, Sérgio Godinho, Sílvia Filipe. Viseu. Teatro Viriato. Lg. Mouzinho Albuquerque. De 08/05 a 09/05. 6ª e Sáb. às 21h30. Tel.: 232480110. 7,5€ a 15€.

L'Élégance et la Beauté

De Charlotte Saliou. Com Charlotte Saliou, Delphine Saliou. Lisboa. Chapitô. R. Costa do Castelo, 1/7. Até 10/05. 5ª, 6ª, Sáb. e Dom. às 22h00. Tel.: 218855550. 10€.

A Menina Júlia

De August Strindberg. Encenação: Rui Mendes. Com Albano Jerónimo, Beatriz Batarda, Isabel Abreu. Lisboa. Teatro Nacional D. Maria II. Pç. D. Pedro IV. Até 24/05. 4ª a sáb. às 21h30. Dom. às 16h00. Tel.: 213250835.

Variações Enigmáticas

De Eric-Emmanuel Schmitt. Encenação: João Mota. Com Carlos Paulo, Álvaro Correia. Lisboa. Teatro da Comunidade. Pç. Espanha. Até 31/12. 4ª, 5ª, 6ª e Sáb. às 21h30. Dom. às 16h. Tel.: 217221770. 10€ e 7,5€ (quartas e quintas: 5€).

Dança

Estreiam

Cinderela

Companhia: Russian Classical Ballet.

Parçal. Centro de Congressos do Arade. Encosta do Arade. Dia 13/05. 4ª às 21h30. Tel.: 282498577. 25€ a 35€.

Lisboa. Coliseu dos Recreios. R. Portas St. Antão, 96. Dia 10/05. Dom. às 17h e 21h30. Tel.: 213240580. 10€ a 35€

Braga. Teatro Círculo. Av. Liberdade, 697. Dia 09/05. Sáb. às 21h30. Tel.: 253203800. 25€ a 30€

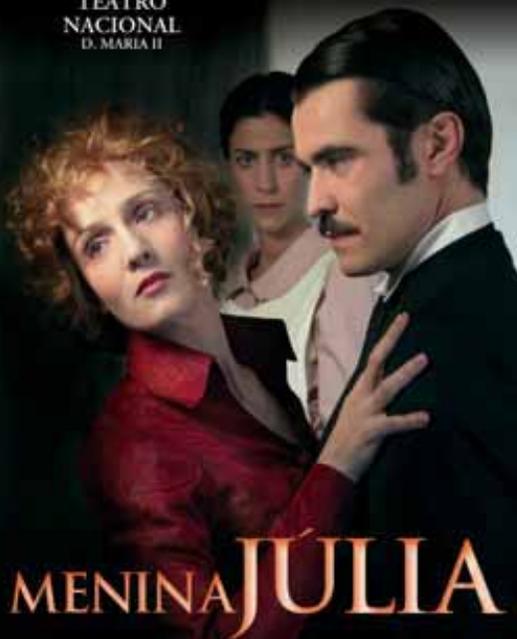
Porto. Coliseu do Porto. R. Passos Manuel, 137. Dia 08/05. 6ª às 21h30. Tel.: 223394947. 10€ a 30€

Continuam

La Danseuse Malade

De Tatsumi Hijikata. Coreografia: Boris Charmatz. Bailarino: Jeanne Balibar, Boris Charmatz. Lisboa. Culturgest. Rua Arco do Cego - Edifício da CGD. Até 08/05. 5ª e 6ª às 21h30. Tel.: 217905155. 18€. Joventis até ao 30 anos: 5€.

TEATRO
NACIONAL
D. MARIA II



MENINA JÚLIA

DE AUGUST STRINDBERG
TRADUÇÃO AUGUSTO SOBRAL
ENCENAÇÃO RUI MENDES

16 ABR
A 24 MAI

COM BEATRIZ BATARDA,
ALBANO JERÓNIMO E ISABEL ABREU

4ª A SÁB. 21H30 DOM. 16H

SALA GARRETT

M/12



HARPER REGAN

DE SIMON STEPHENS

TRADUÇÃO JORGE CARVALHO
ENCENAÇÃO ANA NAVE

SALA ESTÚDIO
4ª A SÁB. 21H30 DOM. 16H

7 MAI M/12
A 14 JUN



Informações e Reservas Tel.: 21 225 08 35 Ticketline
reservas@teatro-dmaria.pt www.teatro-dmaria.pt 707 234 234 | www.ticketline.pt



8ª Grande GaladoFado

Carlos Zed

TRÊS GERAÇÕES
DO FADO

Ana Moura
Argentina Santos
Camané
Carlos do Carmo
D. Vicente da Câmara
Maria da Fé

GUITARRA
Mário Pacheco
Paulo Parreira

VIOLA
Carlos Garcia

VIOLA BAIXO
Joel Pina

salão pretoeprata

21 MAIO 2009
20h30

M/18

BILHETES À VENDA
Casino Estoril Tel. 214 667 700 Fax 214 667 965
info.cestoril@estoril-sol.com | www.casino-estoril.pt
www.ticketline.sapo.pt Tel. 707 234 234 | Lojas FNAC
Lojas Abreu | www.plateia.pt Tel. 214 346 304 | El Corte Inglés

CASINO
ESTORIL

EXPOS

Vai ver se eu estou online!

Internet

Estamos online. Entre em www.ipsilon.pt. É o mesmo suplemento, é outro desafio. Venha construir este site conosco.

Sem cabeça

Novos trabalhos de Alexandre Estrela no Porto e em Lisboa. **Oscar Faria**

Deserto Acéfalo

De Alexandre Estrela.

Porto. In Transit. R. Miguel Bombarda, 457. T. 936396964. Até 16/5. 3ª a Sáb das 15h às 19h30.

Vídeo, Fotografia.

★★★★★

Ar Curvo

De Alexandre Estrela.

Lisboa. MAR2 - Galeria. R. Reinaldo Ferreira, 20A. T. 915769723. Até 16/5. 3ª a Sáb. das 12h às 20h.

Instalação, Outros.

★★★★★

Em 1936, numa aldeia de pescadores da Costa Brava, Tossa de Mar, Georges Bataille e André Masson lançaram as bases de uma aventura que os iria ocupar nos próximos anos: a revista, e também sociedade secreta, "Acéphale". O homem que escapou à

Em "Ar Curvo" Alexandre Estrela questiona uma vez mais os mecanismos da percepção visual



sua cabeça, tal como o condenado que fintou o seu destino, é sobretudo um anti-idealista e tem como avatares Sade, Nietzsche, Don Juan, Kirkegaard e Dionísio, o deus grego do prazer.

No manifesto que inaugura a publicação, "La Conjuración Sacré", Bataille escreve: "Para além daquilo que sou, encontro um ser que me faz rir porque é sem cabeça, que me enche de angústia porque é feito de inocência e de crime: ele tem uma arma de ferro na sua mão esquerda, chammas semelhantes a um sagrado coração na sua mão direita. Ele reúne, numa mesma erupção, o Nascimento e a Morte."

A revista terá cinco números - um dos quais duplo - publicados até 1939 e era considerada a face exotérica de um grupo esotérico que tinha alguns rituais particulares, como o de comemorar o dia da decapitação de Luís XVI junto ao Obelisco, na Praça da Concórdia, em Paris, o de não apertar a mão a anti-semitas, e o de realizar excursões a uma árvore atingida por um raio, situada nas imediações da estação ferroviária de Saint-Nom-la-Bretèche. O acéfalo, figura com um crânio no lugar do sexo, é o homem que despreza a razão; ele é um mutilado, mas essa condição potencia o excesso, a soberania: o decapitado passa a simbolizar uma possível imortalidade - o corpo sem culpa. "Não é um homem. Não é tão pouco um Deus. Ele não é eu mas é mais eu do que eu: o seu ventre é o dédalo no qual ele mesmo se perdeu, eu me perco com ele e no qual me encontro sendo ele, isto é, monstro", escreve ainda Bataille em "La Conjuración Sacré".

No espaço In.Transit, no Porto, Alexandre Estrela (Lisboa, 1971) propõe a colisão entre a impressão "Acéfalo", de 1997, e o vídeo "Sound Escape", este em colaboração com o músico Paul De Jong, dos The Books. A primeira obra corresponde a uma das experiências iniciais do artista com o editor de imagem Photoshop, lançado no ano anterior. Nela, Estrela apropria-se de um dos trabalhos da série em que o norte-americano Richard Prince volta a fotografar

anúncios publicitários onde surge o denominado "Marlboro Man". Na sua apropriação, o autor português apagou a cabeça de um cavalo, deixando assim o cowboy num potencial estado de insegurança, gerado por aquele invulgar animal, apenas corpo: "A hiper-realidade da imagem foi corroborada nesse mesmo ano com o aparecimento, num laboratório americano, de LIM 1, o primeiro rato transgénico sem cabeça."

A sobreposição do vídeo "Sound Escape" - um "travelling" sobre uma imagem panorâmica de um deserto - à imagem "Acéfalo" cria um inespereado curto-circuito, pois a primeira sensação é a de que, de facto, o cavalo sem cabeça se move na paisagem, até tudo entrar em colapso. Há um efeito óptico, uma vertigem, que sublinha a ruptura dos sentidos: nada é mais estável nesta série de apropriações e desvios, com origem no "Homem de Vitruvius", de Leonardo da Vinci.

Contudo, apesar da referência directa a Bataille, Estrela terá apenas considerado o aspecto formal da figura desenhada por Masson, deixando de parte as considerações filosóficas inerentes ao projecto do escritor francês. Ainda assim, o resultado da mistura, intitulada "Deserto Acéfalo", é assinalável. Em Lisboa, na sala de projectos da galeria Marz, Estrela apresenta "Ar Curvo", uma projecção de dois slides sobre uma parede, que serve, uma vez mais no âmbito do trabalho do artista, para questionar os mecanismos da percepção visual. O facto de jogar com a apresentação paralela de dois diapositivos remete, desde logo, para uma ideia relacionada com a visão, contudo, essa situação, no caso do trabalho presente, sugere movimento; uma deslocação anamórfica. A imagem - a mesma nos dois casos e já estranha em si - como que ganhou elasticidade, foi esticada - uma série de elásticos, presos à superfície onde surgem as fotografias, potencia esse efeito óptico. Há uma instabilidade associada ao ver, nada deve ser tomado como certo, definitivo. É sempre necessário voltar a olhar.

Agenda

Inauguram

Do Quilómetro Seis

De Fabrizio Mats.

Porto. MCO Arte Contemporânea. R. Duque de Palmela, 141/143. Tel.: 225102328. Até 15/06. 2ª a Sáb. das 14h às 19h. Inaugura 8/5 às 21h30. Pintura, Fotografia, Vídeo.

Estrela Brilhante da Manhã / Bright Morning Star

De Tamar Guimarães, Jonathan Meese, Jannis Varelas, John Bock, Manuel Ocampo, Markus Selg, Kenneth Anger, Joachim Koester, António Poppe, Alexandre Estrela, Brian Butler.

Lisboa. Galeria Zé dos Bois. R. da Barroca, 59 - Bairro Alto. Tel.: 213430205. Até 01/08. 4ª a Sáb. das 15h às 23h. Inaugura 8/5 às 22h. Outros. Ciclo Kenneth Anger.

Surrealismo... Porquê?

De Marcelino Vespêira, Fernando de Azevedo, Alexandre O'Neill, António Dacosta, António Pedro, entre outros.

Tomar. Casa dos Cabos. Praceta Alves Redol. Tel.: 917599035. Até 13/09. 2ª a 6ª das 09h às 19h. Sáb. e Dom. das 10h às 19h. Comemoração dos 60 anos da exposição do Grupo Surrealista de Lisboa. Inaugura 9/5 às 16h. Documental, Pintura, Outros.

A Casa Onde Nasci e Outras Histórias

De Carla Cabanas.

Lisboa. Carlos Garvalho - Arte Contemporânea. R. Joly Braga Santos, Lote F-7/c. Tel.: 217291831. Até 24/06. 2ª a 6ª das 10h30 às 19h30. Sáb. das 12h às 19h30. Inaugura 13/5 às 21h30. Fotografia.

Viagens com a Minha Tia



De Daniel Blaufuks.

Vila do Conde. Galeria de Arte Cinemática. Solar de S. Roque. Tel.: 253476286. Até 21/06. 3ª a 6ª das 14h30 às 18h. Sáb. das 10h às 00h. Dom. das 10h às 18h. Inaugura 8/5 às 22h. Instalação, Vídeo, Fotografia.

João Penalva



Lisboa. Galeria Filomena Soares. R. da Manutenção, 80. Tel.: 218624122. Até 04/07. 3ª a Sáb. das 10h às 20h. Inaugura 14/5 às 21h30. Instalação, Fotografia.

Cahier de Cent Dessins

De Pedro Tropa.

Lisboa. Galeria Quadrado Azul - Lisboa. Lg. dos Stephens, 4. Tel.: 213476286. Até 20/06. 3ª a Sáb. das 13h às 20h. Inaugura 14/5 às 18h. Fotografia, Desenho.

Informações: 21 790 51 55 - culturgest.bilheteira@cad.pt - www.culturgest.pt
Bilhetes à venda: Culturgest, Worten, Frac. Bicos, Livros Viagens Abertas, Livrarias Bulhões (Delfos Parque e C.C. Gládio do Porto), C.C. Dóce Vita, Megafone e www.ticketlinesupport.com. Reservas: Ticketline: 707 294 234

Comissário: Augusto M. Seabra

TER 12 18h30 O Cemitério do Sol de Nagisa Oshima **21h30** Noite e Nevoeiro no Japão de Nagisa Oshima

QUA 13 18h30 Sobre as Canções Brejeiras Japonesas de Nagisa Oshima **21h30** As Termas de Akitsu de Yoshishige Yoshida

QUI 14 18h30 A Mulher-Insecto / Crónicas Entomológicas do Japão de Shohei Imamura **21h30** Desejo Assassino de Shohei Imamura

SEX 15 18h30 Go, Go, second time virgin de Kōji Wakamatsu **21h30** O Funeral das Rosas de Toshio Matsumoto

SÁB 16 15h30 A Porta da Carne de Seijun Suzuki **18h30** Elegia da Luta de Seijun Suzuki **21h30** O Vagabundo de Tôquio de Seijun Suzuki

DOM 17 15h30 Duplo Suicídio em Amijima de Masahiro Shinoda **18h30** O Enforcamento de Nagisa Oshima **21h30** Eros + Massacre de Yoshishige Yoshida

Filmes legendados em inglês, excepto "O Enforcamento" que será legendado em português.



Eros + Revolta

O novo cinema japonês dos anos 60

CINEMA DE TER 12 A DOM 17 MAIO - PEQUENO AUDITÓRIO - €3,5 - M16



FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
Culturgest

filmes legendados em português

entrada livre



Quem somos hoje?



Que diferenças existem entre os europeus?



DOC EUROPA 27 países | 27 filmes
CCB - Centro Cultural de Belém 8, 9 e 10 de Maio

08/05 sexta

- 19.30 **Padre Nostro**, Carlo Lo Giudice, Itália, 2008,40' - com a presença do realizador
- The Protestants**, Clarisse Hahn, França, 2006, 85'
- 21.30 **Hidden**, Hanna Heilborn, David Aronowitsch, Mats Johansson, Suécia, 2002, 8'
- The Taylor**, Óscar Perez, Espanha, 2007, 25'
- All White in Barking**, Marc Isaacs, Reino Unido, 2007, 72'

09/05 sábado

- 14.30 **Scarecrow**, Rimantas Grudis, Lituânia, 2002, 9'
- There Goes My Heart**, John Appel, Holanda, 2005, 59'
- The Red Bridge**, Genevieve Mersch, Luxemburgo, 2007, 14'
- 17.00 **Strip Tease**, Attila V. Nagy, Hungria, 2005, 7'
- Osman's Land**, Cristóvão Reis, Alemanha, 2007, 28' - com a presença do realizador
- Alive, Alive O - A requiem for Dublin**, Sé Merry Doyle, Irlanda, 2000, 55'
- 19.30 **Home sweet Hope**, Stella Karageorgi, Chipre, 2007, 9'
- Trial of a Child Denied**, Michelle Coomber, Rep. Checa, 2008, 25' - com a presença do realizadora
- Rubbed Out**, Dimitar Anokiev, Eslovénia, 2004, 45'

- 21.30 **The Box**, Eva Stefani, Grécia, 2004, 11' - com a presença do realizadora
- Out of time**, Harald Friedl, Áustria, 2006, 80' - com a presença do realizador

10/05 domingo

- 14.30 **Parlez moi d'Amour**, Alexia Bonta, Bélgica, 2007, 14'
- Jolly Old Farts**, Manfred Vainokivi, Estónia, 2009, 28'
- Egg Lady**, Una Celma, Letónia, 2000, 26' - com a presença do realizadora
- 17.00 **Kaxxa Infernali**, Edward Said, Mark Samsone, Malta, 2001, 26'
- Blind Loves**, Jura Lehotsky, Eslováquia, 2008, 77'
- 19.30 **Hearing Boy**, Katrine Tøft, Dinamarca, 2007, 28'
- Independenta**, Rastko Petrovic, Roménia, 2007, 33' - com a presença do realizador
- Goleshovo**, Allian Metev, Metodi Metev, Bulgária, 2008, 45'
- 21.30 **Behind the Fence**, Marcin Sauter, Polónia, 2005, 12'
- Keidas**, PV Lehtinen, Finlândia, 2007, 15'
- Documento Boxe**, Miguel Clara Vasconcelos, Portugal, 2005, 52' - com a presença do realizador

TNSJ TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO PORTO

Teatro Carlos Alberto 15-31 Mai 2009

OS EUROPEUS

HOWARD BARKER

ENCENAÇÃO
ROGÉRIO DE CARVALHO
UMA CRIAÇÃO
AS BOAS RAPARIGAS...

Tradução Francisco Frazão cenografia Cláudia Alexandra Espirito Realização Montador Desenho de luz Jorge Ribeiro scenografia Lúcia Aly assist. de encenação Carla Miranda

Interpretado Carla Miranda Cláudia Chru Elmano Saraiva Laura Barbeiro Maria João de Ribeiro Maria Luísa Miguel Eloy Nuno Espírito Paula Garcia Paulo Duarte Wagner Borges

co-produção: As Boas Raparigas... TNSJ
Tel: +351 21130 4000 16:00
21/16 entre
Info: 800-10-8675
Bilhetes:
Financ. TNSJ, TeCA,
www.teca.pt
www.plataola.oi.pt

MIC UNIV. DE ESTADOS UNIDOS RENO

www.tnsj.pt

TNSJ TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO PORTO

Teatro Nacional São João 19-23 Mai 2009

PRÊT-À-PORTER

(COLECTÂNEA 2)

COORDENAÇÃO
ANTUNES FILHO

Atuação de Maria João e interpretação Escenografia de Paulo Pimenta direção de teatro, luzes e interpretação Francisco Borges Maílha Soares Fonecia do espetáculo texto e interpretação Francisco Duarte Susan Danarone figurinos e adereços Diálogo de Conceição do CPT produção executiva Sécuro Maria Emerson Daniels
19h30 21h30
21/16 entre
Info: 800-10-8675
Bilhetes:
Financ. TNSJ, TeCA,
www.teca.pt
www.plataola.oi.pt

TEATRO DO BRASIL

CO-PRODUÇÃO
CPT - CENTRO DE PESQUISA TEATRAL/
SESC SP. GRUPO DE TEATRO MACUNAIMA (SÃO PAULO, BRASIL)

www.tnsj.pt

MIC UNIV. DE ESTADOS UNIDOS RENO SESC SP SÃO PAULO - BRASIL

* O CEJID enquanto Organismo Intermediário no quadro da Parceria de Gestão estabelecida entre o Governo Português e a Comissão Europeia, através da sua representação em Portugal.
www.eurocid.pt www.apordoc.org



Concertos



Ursula Rucker: sugestões de funk, jazz, hip-hop ou soul



Depois de três EPs, os d36 chegam ao álbum

Pop

Antony de regresso

Terceiro álbum serve de pretexto para a digressão que agora passa por Portugal. **Vitor Belanciano**

Antony & The Johnsons

Liisboa. Caliseu dos Recreios. R. Portas St. António, 96. 5ª às 21h30 (portas abrem às 20h30). Tel.: 213240580. 20€ a 50€.

Ao longo dos últimos anos, Antony tem sido uma presença regular em palcos portugueses. Inicialmente, em 2003, visitou-nos ao lado dos Current 93 e depois com Lou Reed. Só mais tarde viria a fazer vários concertos a solo. A Europa foi durante alguns anos o seu porto de abrigo preferido. A América só acordou para ele quando venceu, em 2005, o Mercury, o mais importante galardão da indústria britânica, atribuído ao álbum "I Am Bird Now". "Em Portugal sempre senti um grande calor para comigo, foi um dos primeiros países onde comecei a actuar regularmente", dizia-nos em Janeiro, altura em que foi editado "The Crying Light".

É esse álbum, o seu terceiro, que serve de pretexto para a digressão que agora passa por Portugal. Trata-se de um registo mais grave e interiorizado que os antecessores, embora mantendo as características

que fazem dele um dos cantores e compositores mais singulares do panorama pop dos últimos anos. A música ganhou em elegância e justeza, com os arranjos clássicos do americano Nico Muhly, mas o centro da acção volta a ser, claro, a voz vibrante de Antony, marcada pela expressividade emocional. Uma voz que expõe transparência de uma forma tão desmesurada que, inevitavelmente, causa arrepios nuns e fânicos noutros.

Quem parece cada vez mais distante das visões antigónicas que a sua voz e postura provocam é o próprio Antony. Talvez por isso, nunca como agora, em "The Crying Light", as canções sejam atravessadas por uma beleza tão minimal e serena, meia dúzia de notas de piano, algumas orquestrações e uma voz que nos devolve, com naturalidade, a complexa natureza do mundo.

A velha conhecida Ursula Rucker

Ursula Rucker

Liisboa. Café Teatro Santiago Alguemista. R. Santiago, 19. 5ª às 22h00 (portas abrem às 21h30). Tel.: 218884503. 20€.

Sempre que lança um novo álbum - desde 2001 já lá vão quatro - a norte-americana Ursula Rucker vem a Portugal para sessões de música, poesia, catarse. No ano passado editou "Ruckus Soundsysdom" e e-la, outra vez, em Portugal para o apresentar. Na sua companhia virão dois velhos conhecidos, o multi-instrumentista Tim Motzer e o baterista Kevin Gift. Os três propõem, quase sempre, uma cerimónia sóbria e introspectiva, marcada por uma actividade rítmica em câmara lenta, por figuras jazzísticas e pelo registo vocal de Rucker, entre o falado e o cantado. Pelo meio, brincar e falará com o público sobre experiências individuais que podem ser transportadas facilmente para contextos sociopolíticos colectivos. A última vez que a vimos, estava irada com Bush. Foi antes da eleição de Barack Obama. Agora serão, provavelmente, outras as suas preocupações, mas a música (sugestões de funk, jazz, hip-hop ou soul), o espírito inquieto e a exigência serão as de sempre. **V.B.**

Sai um par de concertos enquanto o álbum não chega

D36

Porto. Plano B. R. Cândido dos Reis, 30, 6ª, 8, às 23h00. Tel.: 222012500. Na Sala Palco.

O álbum só chega lá mais para o fim do mês, mas o pessoal vai comemorando enquanto espera. Depois de três EPs e da caixa onde os reuniram, acrescidos dos obrigatórios extras, os d36 chegam ao álbum. Tem título, "Exposed", e

uma canção que já anda a rodar. Chama-se "I wanna hold you", nova versão do single editado o ano passado, e é d36 vintage, de electricidade exposta e "groove" rock'n'roll bem desenhado (boa forma de aumentar a curiosidade quanto ao que aí virá).

O concerto de apresentação oficial está marcado para 4 de Julho, no Musicbox, em Lisboa, mas os d36 não ficam escondidos na toca à espera da data. Afinal, sabe quem os acompanha desde os primeiros concertos, ali longe em 2001, são banda que vive no palco e para o palco: Toni Fortuna em crescendo de euforia confrontante, Tó Rui a arrancar alucinações "garageiras" da guitarra e Miguel, imperturbável, a aguentar o andamento da locomotiva com precisão.

Os d36, que actuam esta noite no Plano B, no Porto, e amanhã no Bar N101, nas Caldas das Taipas, em Guimarães, não têm nada a esconder. Conhecemos-lhes o gosto pelas reverberações do "Rumble" de Link Wray, pela ferrugem eléctrica dos Stooges, pela carga iconográfica do Jon Spencer (que adora o Elvis). Conhecemos-lhes tudo isso e curiosidades como uma versão de "Rehab" que transporta a canção de Amy Winehouse para o sul dos Estados Unidos - está no MySpace. Isso e as canções com marca de "autor", como a sanguinolenta "Bleed", a mui dançável "Da dog", o gospel adulterado de "Cross the river" ou a insaciável "Couldn't care at all", que é matéria voraz, capaz de levantar uma plateia inteira - quem já os viu ao vivo sabe do que falamos.

"Exposed", o novo álbum, é aquilo que levantará mais curiosidade nas próximas actuações. Mas, depois, há esse pormenor de serem, simplesmente, novos concertos dos conimbricenses d36. O rock'n'roll como matéria viva e pulsante, a não perder. **M.L.**

Larsen + Little Annie: dramáticos e intensos

Larsen + Little Annie

Barcelos. Biblioteca Municipal de Barcelos. Largo Doutor José Novais, 47. 3ª, 12, às 21h45. Tel.: 253809641. 10€. No Auditório

Porto. Museu de Serralves. Rua Dom João de Castro, 210. 4ª, 13 às 22h00. Tel.: 226156500. 10€. Pré-venda: 75€.

Não podemos saber o que sairá daqui mas apostamos que não será um concerto convencional, porque as

personalidades envolvidas escapam ao óbvio. Little Annie e os Larsen juntam-se para três concertos, 3ª no Auditório da Biblioteca Municipal em Barcelos, 4ª na Fundação de Serralves no Porto, 6ª, 15, na ZDB em Lisboa (concerto integrado nas comemorações dos 20 anos de Serralves, ciclo que começou com a homenagem ao cineasta Kenneth Anger). O concerto deverá andar à volta de "La Fever Lit", oitavo disco de estúdio desta estranha banda de Turim, e nele colaborava Little Annie, estranha performer nova-iorquina cuja carreira saltou do dub para o punk, da experimentação avant-garde para a electrónica. Ela é inclassificável, e os Larsen idem: chamaram a atenção do produtor Michael Gira quando começaram a mandar-lhe uma série de CD-Rs e no fim desses discos estava um envelope com um bilhete de avião para Turim (terra natal dos moços) e dinheiro (para pagar a produção de um disco). Gira produziu-lhes o disco, mas nunca os conheceu pessoalmente (eles gostam de mistério) e desde então têm desenvolvido um som indefinível, que parte de guitarra, baixo e bateria para, com a adição de outros instrumentos (nomeadamente cordas ou glockenspiel), se aproximar ora do ruído, ora de um qualquer pós-rock. Em "La Fever Lit" há sintetizadores espaciais vindos de um disco de krautrock dos anos 70, há texturas de guitarra que se acumulam por repetição, cordas dramáticas e - mais estranho de todos os elementos - a voz teatral de Little Annie. Não podemos saber o que sairá daqui, mas será dramático e intenso. **J.B.**

Clássica

Na onda dos poetas

Recital de piano e electrónica e o espectáculo "Ondas segundo Poetas", com poesia, música e vídeo são as propostas da temporada Miso Music. **Cristina Fernandes**

Solistas do Sond'Ar-te Electric Ensemble

Anna Telles (piano), Miguel Azguime (electrónica) Obras de Enrique Macías, Miguel Azguime, Carlos Caires e João Pedro Oliveira

Liisboa, Instituto Franco-Português - Auditório Philippe Friedman, hoje, 8, às 21h30.

Abstra'Duo

Pedro Bittencourt (saxofone) Pedro Rodrigues (guitarra) "Ondas segundo Poetas" - Obras de Miguel Azguime, Isabel Soveral, João Pedro Oliveira, Rita Torres, António Sousa Dias e Paulo Ferreira-Lopes

Antony: beleza minimal e serena



Little Annie: ela é inclassificável



Kennet Anger

B Fachada

Edson Cordeiro

Lisboa, Instituto Franco-Português - Auditório Philippe Friedman, dia 9, às 21h30.

A temporada da associação Miso Music, a decorrer no Instituto Franco-Português, continua este fim-de-semana com duas aliciantes propostas. Hoje, às 21h30, a pianista Anna Telles (solista do Sond'Ar-te Electric Ensemble) apresenta-se num concerto com repertório para piano solo e electrónica, constituído por obras de Enrique X. Macias, Miguel Azguime, Carlos Caires e João Pedro Oliveira. Amanhã, à mesma hora, realiza-se o espectáculo "Ondas segundo poetas" que combina poesia, música e vídeo em torno da temática do mar.

Antiga aluna da lendária pianista Yvonne Loriod-Messiaen (viúva do compositor francês Olivier Messiaen), Anna Telles tem centrado a sua carreira na interpretação e divulgação da nova música para piano. Neste contexto tem estreado várias peças e trabalho directamente com compositores como Philippe Hurel, Aaron Jay Kernis, Emmanuel Nunes, João Pedro Oliveira, João Rafael, Carlos Caires, Alexandre Delgado, Christopher Bochmann, Pedro Amaral, Joaquim Santos, Thomas Bloch e Lucia Dugloszewski.

"Ondas segundo poetas" dará a conhecer obras de Miguel Azguime, Isabel Soveral, João Pedro Oliveira, Rita Torres, António Sousa Dias e Paulo Ferreira-Lopes (os dois últimos com peças em estreia) em contraponto com o vídeo de Katja Wahl, com a poesia de Pessoa, Charles Baudelaire e Paul Valéry e as vozes de João Villaret, Luis Miguel Cintra, Inês Calazans, Jean Philippe Dequin, Marcus Hechtle e Vincent Guillier. Depois da estreia no ZKM (Zentrum für Kunst und Medientechnologie) de Karlsruhe, na Alemanha, e de uma apresentação em Paris, o programa foi adaptado para o concerto de Lisboa de modo a integrar apenas música portuguesa, interpretada pelo ABSTRAI Duo, formado pelo saxofonista brasileiro

Pedro Bittencourt e pelo guitarrista português Pedro Rodrigues.

António Sousa Dias tem uma peça em estreia

Anna Telles tem divulgado nova música para piano

Agenda

sexta 8

White Hills + Kennet Anger & Technicolor Skull + Mécanosphère & Mark Stewart
Lisboa, Galeria 12 dos Bois, R. da Barroca, 59 - Bairro Alto, às 23h00. Tel.: 213430205.

Orquestra Sinfónica e Coro da Rádio Nacional da Ucrânia (Leiria)
Direcção Musical: Nataliya Ponomarchuk.
Leiria, Teatro José Lúcio da Silva, R. Dr. Américo Cortez Pinto, às 21h30. Tel.: 24483417. 25€ a 30€.
Obras de Rimski-Korsakov e Ravel.

Deolinda
Maia, Fórum da Maia, Pç. Município, às 21h30. Tel.: 229408643. 2,5€. No Grande Auditório.

B Fachada
Vale de Cambra, Associação Cultural Vale Pandora. Av. Vale do Caíma, às 22h00. 4€. Sócios: 3€.

Angelite + António Zambujo
Beja, Teatro Pax-Fúlia, Largo São João, às 21h30. Tel.: 284315090. 2€. M/6.

Camané
Alcanena, Cine-Teatro São Pedro, Avenida 25 de Abril, às 22h00. Tel.: 249889115. 12,5€.

Linda Martini
Café Teatro Santiago Alquimista, R. Santiago, 19, às 22h00. Tel.: 218884503. 10€.
Reedição de "Olhos de Mongol".

Laurent Filipe
Sesimbra, Cine-Teatro Municipal João Mota, Av. Liberdade, 46, às 21h30. Tel.: 212288715. 10€ (sujeito a descontos). M/3.

sábado 9

Cristina Branco
Maia, Fórum da Maia, Pç. Município, às 21h30. Tel.: 229408643. 2,5€. No Grande Auditório.

António Pinho Vargas + José Nogueira
Montemor-o-Velho, Teatro Esther de Carvalho, R. Dr. José Galvão, 101, às 22h00. Tel.: 239680836. 2,5€.

Russell Lissack + Norton
Alcochça, Clinic, R. Eng. Bernardo Villa Nova, às 00h00. Tel.: 262598549. 10€.
DJ set

Katia Guerreiro
Caldas da Rainha, CC e Congressos, Rua Doutor Leonel Soto Mayor, às 21h30. Tel.: 262889650. 12,5€ a 22,5€. No Grande Auditório.

O Ludo
Beja, Galeria do Desassossego, R. da Casa Pia, 26/28, às 20h00. Tel.: 966278887.
Apresentação de "Nascituro".

Kennet Anger & Technicolor Skull + Mécanosphère & Mark Stewart Alteração de Local
Lisboa, Palácio Valadões, Lg. do Carmo, 32, às 23h00. Informações: 213430205. Inicialmente previsto na Galeria 12 dos Bois.

Machina Mundi
Com Katharine Rawdon (flauta), Elizabeth Davis (percussão).
Almada, Teatro Municipal, Av. Professor Egas Moniz, às 21h30. Tel.: 212739360. 8€ a 15€. Na Sala Principal. M/12.

Avram Fefer + Carlos Barretto + Harris Eisenstadt
Portalegre, Centro de Artes do Espectáculo, Pç. da República, 39, às 22h00. Tel.: 245307498. 5€. No Pequeno Auditório. M/4.

B Fachada
Cartaxo, Centro Cultural, R. 5 de Outubro, às 23h00. Tel.: 243701600. 2,5€.

Mão Morta
Barreiro, Auditório Municipal Augusto Cabrita, Estrada Fuzileiros Navais, às 21h30. Tel.: 21214710. 7,5€ a 10€.
Tour "Ventos Animais".

Rui Reininho

domingo 10

Camerata Metropolitana
Lisboa, Culturgest, Rua Arco do Cego - Edifício da CGD, às 11h00. Tel.: 217905155. 2,5€. No Grande Auditório. M/6.
Concerto comentado - obras de Webern, Debussy, Ravel e Britten.

segunda 11

Solistas da Orquestra Gulbenkian
Com Étienne Lamaison (clarinete), Vasco Broco (violino), Maria Balbi (violino), Maia Kouznetsova (viola), Jeremy Lake (violoncelo).
Lisboa, Fundação e Museu Calouste Gulbenkian, Avenida de Berna, 45A, às 19h00. Tel.: 217823700. 10€. No Auditório 2.
Obras de Brahms e Golijov.

terça 12

Rui Reininho
Aveiro, Teatro Aveirense, Pç. República, 3ª às 21h30. Tel.: 234400922. 8€ a 15€ (sujeito a descontos). Na Sala Principal.
Apresentação de "Companhia das Índias".

Quarteto
Com Leonid Bykov (violino), Aurora Voronova (violino), Galina Savova (viola), Gueorgui Dimitrov (violoncelo).
Lisboa, Teatro Nacional de São Carlos, Lg. S. Carlos, 17, às 18h00. Tel.: 21323045. Entrada livre. Foyer Aberto.
Ciclo de Música de Câmara para Ensembles. Obras de Haydn e Dvorák.

quarta 13

Patxi Andión
Figueira da Foz, Centro de Artes e Espectáculos, R. Abade Pedro, às 21h30. Tel.: 233407200. 15€. No Grande Auditório. M/6.

Quadro Novo
Matosinhos, Salão Nobre da Câmara Municipal, Av. D. Afonso Henriques, 4ª às 21h30. Tel.: 29390900. Entrada livre.
Matosinhos em Jazz 2009 - Festival Internacional de Jazz de Matosinhos.

quinta 14

Patxi Andión
Lisboa, Cinema São Jorge, Av. Liberdade, 175, às 21h00. Tel.: 23103400. 25€ a 32€.

Edson Cordeiro & Klazz Brothers
Lisboa, Casino, Al. dos Oceanos Lote 1.03.01 - Pç. das Nações, às 22h00. Tel.: 218329070. 25€ a 30€.
No Auditório dos Oceanos. Sky Fest 2009.

Maria Schneider + Orquestra de Jazz de Matosinhos
Leça da Palmeira, Exponor, às 21h30. Tel.: 229981300. 10€ (sujeito a descontos).
Matosinhos em Jazz 2009 - Festival Internacional de Jazz de Matosinhos.

Quarteto Júlio Resende
Valado do Frades, Biblioteca de Instrução e Recreio, R. Prof. Xavier Coelho, às 22h00. Tel.: 26277302. 8€ (sujeito a descontos).
12º Festival de Jazz de Valado do Frades.

Stephanie Friede, Alexandra Mendes e Orquestra Gulbenkian
Lisboa, Fundação e Museu Calouste Gulbenkian, Av. de Berna, 45A, 5ª, às 21h00. 6ª às 19h00. Tel.: 217823700. 15€ a 30€. No Grande Auditório.
Obras de Bloch, Beethoven e Waxmax.

Jean-Marie Machado + David Liebman
Porto, Casa da Música, Pç. Mouzinho de Albuquerque, às 22h00. Tel.: 220120220. 15€. Na Sala 2.

Uma viagem ao mundo de FANTASIA DE PHILIPPE DECOUFLÉ E SIMULTANEAMENTE UMA HOMENAGEM AO CINEMA MUDO.

Vai ver se eu estou
online!

Internet

Estamos online. Entre em www.ipsilon.pt. É o mesmo suplemento, é outro desafio. Venha construir este site connosco.

Filarmónica da Galiza na Casa da Música

Real Filharmonía de Galicia
Direção Musical: Theodor Guschlbauer. Com Soojin Moon (soprano).

Porto. Casa da Música. Pç. Mouzinho de Albuquerque. 4ª às 19h30. Tel.: 220120220. 20€. Na Sala Suggia. Obras de Haydn.

Na sua estreia na Casa da Música, a Real Filarmónica da Galiza propõe um programa preenchido com obras vocais e instrumentais de Joseph Haydn escritas para a cidade de Londres, abrindo uma série de concertos que assinalam o bicentenário da morte do compositor, ocorrida a 31 de Maio de 1809. A ária "Son pietosa, son bonina", composta para uma ópera com música de diversos autores, e a "Cena de Berenice", escrita para a cantora Brigida Banti, serão ouvidas na voz da soprano coreana Soojin Moon, sob a direção do maestro Theodor Guschlbauer. As Sinfonias nºs 77 e 97 e a Marcha para a Royal

Real Filharmonía de Galicia estreia-se na Casa da Música



Society of Musicians completam o programa.

Sediada em Santiago de Compostela, a Real Filarmónica da Galiza foi criada em 1996, tendo como seu primeiro maestro titular o prestigiado Helmuth Rilling, entretanto substituído por Antoni Ros Marbà. Devido às suas dimensões, a orquestra tem-se especializado no repertório do classicismo e do primeiro romantismo, mas tem procedido também à encomenda de novas obras a compositores galegos. Tem-se apresentado com solistas de

alto nível (Frank Peter Zimmermann, Daniel Hope, Natalia Gutman, Rudolf Buchbinder, Eldar Nebolsin, Teresa Berganza, Thomas Quatshof ou Matthias Goerne, entre outros) e tem realizado digressões internacionais em países como a Áustria, a Alemanha, a França, a Argentina e Portugal. A sua discografia inclui obras de Schubert, Mendelssohn e Joaquín Rodrigo, estando previsto para breve o lançamento de dois novos registos com música espanhola de Frederico Mompou e Manuel de Falla. C.F.

Viagens com bolso Beco dos navegantes



Alexandra Lucas Coelho

Se me perguntarem agora o que é o tédio eu digo. O tédio é uma sala de aula que levanta a cabeça para contemplar uma fotografia do IC17 engarrafado e baixa a cabeça para pôr uma cruzinha no papel:

A) IC17 quer dizer que ainda temos que percorrer 17 quilómetros.
B) IC17 quer dizer que já percorremos 17 quilómetros.
C) IC17 quer dizer Itinerário Complementar nº 17.
- O que é Itinerário Complementar? - pergunta a brasileira atrás de mim.

É neste momento que saio do meu coma, e pela primeira vez vejo as pessoas uma a uma na obscuridade - quase todas de costas para mim porque estou na última fila, todas voltadas para o ecrã onde ligeiros, pesados, motociclos, ciclomotores, velocípedes, atrelados, tractores e até um veículo de tração animal devem estar parados num cruzamento em Tires - e o que vejo é o avesso do Império: um indiano, quatro mulatos, dois negros, um chinês de cabelo cor-de-laranja, mais a brasileira da última fila.

Foi uma epifania. Ao fim de 19 aulas de código havia razões para voltar à vida. Mesmo ali, o mundo não era um ecrã sinistro. O mundo é grande, basta olhar.

Em retrospectiva, quantas vezes eu me cruzara com imigrantes ali? Todas as vezes. Nem há uma hora, ao chegar, o átrio da recepção estava cheio de chineses, com uma chinesa de braços no ar como uma maestrina, a tentar falar por cima de todos.

E agora, no intervalo, ao balcão, uma menina chinesa tenta ajudar um compatriota a pagar as aulas. Ele parece ter acabado de chegar, e todas as palavras que diz são em chinês, para ela. Ela tem as unhas pintadas de castanho-

O que vejo é o avesso do Império: um indiano, quatro mulatos, dois negros, um chinês de cabelo cor-de-laranja, mais a brasileira da última fila

dourado e podia ter 16 anos. Puxa as pontas do cabelo muito brilhante e arqueia as sobrancelhas. Diz-me em português que vive em Portugal há quatro anos mas é possível fazer os exames em chinês.

Ou em russo. Na minha sala havia quatro brancos além de mim, mas podiam ser russos, moldavos, ucranianos, romenos. Aqui, nesta escola do centro de Lisboa, ex-capital dos navegantes, há muito da ex-

União Soviética, como de África ou da Costa do Malabar. Pessoa quis ir à Índia e nunca foi, mas hoje fazia a Baixa, do Martinho da Arcada ao Martim Moniz, e veria a Índia - tinha-me dito de manhã o escritor indiano Suketu Mehta, quando o entrevistei por telefone. Mehta vem a Lisboa (ver P2) e uma das coisas que quer fazer é andar atrás de Pessoa. Pessoa nunca foi à Índia mas a Índia vem a Pessoa.

Entre a entrevista a Suketu e a aula de código andei de metro, com um livrinho da poeta brasileira Angélica Freitas, "Rilke Shake", que é um "shake" de muitas coisas além de Rilke. Angélica está ligada a um colectivo de poetas que só se encontraram todos em carne e osso uma vez, porque uns estão no Rio de Janeiro, outro em Barcelona, outra em Paris, outro em Berlim, ela em São Paulo. Fazem "shake" de tudo isto, mais Catulo, Pound ou VJ's. Vivem agora, o tempo todo, em toda a parte.

Uma vez escrevi que havia empatias entre a nova poesia portuguesa e a nova poesia brasileira, mas agora vejo sobretudo diferenças. Uma delas é o mundo.

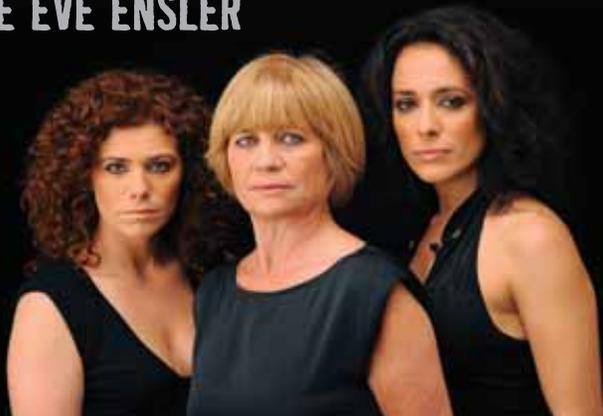
De Camões a Alberto Pimenta, a poesia portuguesa sempre foi da Ilha de Moçambique a Bagdad, mas nestes anos 2000 quase não sai do bairro. Isso não quer dizer que seja má. Às vezes é mesmo muito boa. Do bairro, aliás, vê-se o mundo.

À noite, entre "papis" e "chicken korma", deramme o nome desta crónica.

viagenscombolso@gmail.com

MONÓLOGOS DA VAGINA DE EVE ENSLER

ANA BRITO E CUNHA
GUIDA MARIA
SÃO JOSÉ CORREIA



M/16

ESTREIA A 26 MAIO



AUDITÓRIO
DOS OCEANOS



CASINO
LISBOA

ENCENAÇÃO ISABEL MEDINA TRADUÇÃO JOSÉ LUÍS LUNA
FIGURINOS DINO ALVES I NUNO BALTAZAR I STORY TAILORS MÚSICA NUNO RAFAEL
DESENHO DE LUZ PAULO SABINO ASSIST. ENCENAÇÃO MARTA LAPA

SAIBA MAIS EM WWW.UAU.PT | RESERVAS 707 234 234 WWW.TICKETLINE.SAPO.PT

foxlife

www.uau.pt



Akron/Family em estado de graça

Clássica

Bach transcedente

Uma superlativa interpretação de Philippe Herreweghe e do Collegium Vocale Gent. **Cristina Fernandes**

J. S. Bach
Jesu, deine Passion
Cantatas BWV 22, 23, 127 e 159
Collegium Vocale Gent
Dorothee Mields, Matthew White, Jan Kobow, Peter Kooy
Philippe Herreweghe (direcção)
Harmonia Mundi HMC 901998

★★★★★



Nas duas últimas décadas Philippe Herreweghe tem sido responsável por algumas das mais belas

gravações das Cantatas de Bach.

Ao contrário de outros maestros que se lançaram na ambiciosa aventura da coroa de glória desse percurso, já que é excepcional a todos os níveis. Toda a música que Bach escreveu é de qualidade superior, mas as quatro Cantatas agora registadas (BWV 22, 23, 127 e 159) representam pontos culminantes do génio do compositor pela sua exaltante inspiração e pela densidade da própria construção musical.

Este último volume, intitulado "Jesu, deine Passion", constitui uma espécie de coroa de glória desse percurso, já que é excepcional a todos os níveis. Toda a música que Bach escreveu é de qualidade superior, mas as quatro Cantatas agora registadas (BWV 22, 23, 127 e 159) representam pontos culminantes do génio do compositor pela sua exaltante inspiração e pela densidade da própria construção musical.

As Cantatas BWV 22 e 23, destinadas ao primeiro domingo antes da Quaresma, funcionaram

como "peças de concurso", quando Bach se candidatou ao lugar de Kantor da Igreja de São Tomé em Leipzig, pelo que é natural que o compositor se tenha esmerado na sua concepção. As BWV 127 e 159 foram escritas para o mesmo serviço litúrgico nos anos seguintes.

A interpretação Herreweghe e dos seus músicos é primorosa, tanto nos planos técnico e estilístico, como no modo em que combina emoção e espiritualidade. As intervenções do coro revelam uma luminosa transparência, os solistas - a soprano Dorothee Mields, o contralto Matthew White, o tenor Jan Kobow e o baixo Peter Kooy - cantam com enorme convicção e um sentido retórico apurado da relação texto-música e os instrumentistas são exemplares, com destaque para os belíssimos solos de oboé (com o grande Marcel Ponsele), que dialogam com as vozes em múltiplas árias. Também as flautas de bisei têm intervenções eloquentes (por exemplo, na ária "Die Seele ruht", cantada com delicada sensibilidade por Dorothee Mields) ou os trompetes no recitativo "Wenn einstens die Posaunen Schallen", verdadeira cena dramática evocadora do Juízo Final. A Cantata BWV 159 recorda o universo da "Paixão segundo São Mateus", destacando-se a poderosa ária de baixo "Es ist vollbracht" e a ária de contralto "Ich folge dir nach", que se desenrola em contraponto com o soprano que entoa a estrofe do conhecido coral "Ich will hier bei dir stehen".

Pop

Filhos do sol

Depois da fúria o esclarecimento, depois da agonia a redenção. Os Akron/Family nunca soaram tão bem. **Luís Maio**

Akron/Family
Set 'Em Wild, Set 'Em Free
Crammed, *distri.* Megamúsica

★★★★★



arrumar as botas.

Sai Ryan Vanderhoof, um dos membros fundadores da banda de Brooklyn, em 2002, o que significa que são agora um trio, na circunstância reforçado por uma longa lista de colaboradores. Ao mesmo tempo, trocam o selo Young God de Michael Gira pela Crammed, editora também independente, mas europeia e mais generalista. São

avatares sintomáticos do principal, a mudança de rumo que se testemunha em "Set 'Em Wild, Set 'Em Free".

A herança do radicalismo sónico dos Swans do próprio Gira, a ligação com a freak folk iniciada na mesma Young God por Devendra Banhart, as afinidades com o neo psicadelismo dos Animal Collective e toda a cena de Brooklyn - inclusive a filiação com o rock pesado dos anos 70 -, todo esse formidável caleidoscópio de que se alimentaram os seus álbuns prévios continuam presentes. Não são as influências ou as coordenadas sonoras que se alteram, mas a sua dosagem e perspetivação. Há uma nova disciplina, concentração e sentido de propósito neste ciclo de canções, inclusive um novo optimismo que desponta aqui e ali para se tornar dominante mais para o final do alinhamento.

A glorificação do ruído e a celebração do caos, que eram moeda corrente nos discos precedentes, são recorrentes na desbunda instrumental "MBF". Mas é exemplar único, numa miríade de digressões, onde há desde marchas festivas ("River") a baladas folk ("The Alps"), passando por excursos de rock progressivo ("Gravelly mountains of the Moon") e psicadelismo bucólico ("Many ghosts"). É uma larguíssima paleta, que se articula e acaba por ganhar uma fantástica dinâmica própria na visão elíptica dos Akron/Family. Sobretudo agora que as arestas estão limadas e cada tema soa como um clássico instantâneo, num disco tocado por um espírito de catarse libertadora.

"O sol há-de brilhar e eu não me vou esconder" é o único verso do oceânico "Sun will shine", antes do mantra final de "Last year": "O ano passado foi um ano difícil durante tanto tempo, este ano será nosso."

Uma bandeira americana em que as estrelas são substituídas por um batik estampado com a forma unificadora de uma espiral é a capa, uma imagem tão forte como a música que anuncia. Pode ser irónica, mas é também irresistível interpretá-la como um sinal de esperança numa nova vaga unificadora, que ilumina estes Akron/Family em estado de graça.



Yeah Yeah Yeahs: canções mais focadas

Nem só de rock vive um grupo rock

Ao terceiro álbum, os novaiorquinos Yeah Yeah Yeahs diversificam a sua sonoridade rock. **Vítor Belanciano**

Yeah Yeah Yeahs
It's A Blitz!
Polydor, *distri.* Universal

★★★★★



Quando os novaiorquinos Yeah Yeah Yeahs lançaram o primeiro álbum - "Fever To Tell" (2003) - o rock

voltava a concentrar atenções, graças ao reconhecimento dos Strokes, White Stripes ou Interpol.

Mescla de fúria e sensualidade, muitos viram neles mais um grupo que navegava ao sabor da espuma do tempo. Puro engano, como se veria no segundo disco, "Show Your Bones" (2006), mostrando um grupo com consciência de si próprio, sabendo interagir com os símbolos do passado pós-punk, colocando esse conhecimento em canções rock fulgurantes.

Ao terceiro álbum, essa mescla de impetuosidade e lascívia continua presente, mas agora mais diluída. Agora há um maior naipe de soluções, cada canção corresponde a um corpo diverso, junção de sensibilidade pop, investidas rock e algumas construções sintéticas.

Não há grandes revoluções sonoras para oferecer, mas as canções são mais focadas, sustentadas por um formato clássico e pela produção do americano David Sitek dos TV On The Radio e do inglês Nick Launay (que já trabalhou com os Talking Heads, PIL, Gang Of Four ou Arcade Fire) que conseguem equilibrar o alento rock do grupo com uma dose mais perceptível →



A interpretação de Herreweghe e dos seus músicos é primorosa



© Fred Felber

La Danseuse Malade

De Boris Charmatz
 Com Jeanne Balibar e Boris Charmatz

Charmatz aproximou-se do teatro, Balibar da dança, cada um aproximou-se da arte do outro com fragilidade, de uma forma desajeitada mas certa. Jérôme Delatour, Critiques

DANÇA/TEATRO QUI 7 E SEX 8 MAIO • 21h30 • Gr. Auditório • €18 - M12

Espectáculo falado
 em francês, com legendas
 em português



FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
Culturgest



Foi Nuno Gonçalves, o moço por trás dos Gift, que se lembrou de brincar com o baú amaliano

Camera Obscura: o quinto álbum é o seu melhor

← de afectividade pop e ímpetos épicos dançantes. “It’s A Blitz” alterna momentos de divagação sintética, numa linha lúdica de insinuação física (“Zero”, “Heads will roll”, “Soft rock”), com outros de maior espessura dramática (“Shame and fortune”, “Runaway”, “Dragon queen”, “Little shadow”), surgindo a voz de Karen O envolvida por orquestrações. Não sendo uma obra audaz, é um disco inteligente por um grupo que sabe alimentar-se da mitologia e dos códigos da pop e do rock e, ao mesmo tempo, insuflar-lhe a necessária vitalidade.

Camera Obscura
 My Maudlin Career
 4 AD, distri. PopStock

★★★★☆



Existem bandas de quem exigimos renovação constante, experimentação, revelação de novos mundos sonoros. E depois existem os Camera Obscura, de quem se pede apenas que alterem subtilmente a sua sonoridade, porque ninguém gosta de chegar a casa e vê-la totalmente revolvida. Cada álbum dos escoceses é isso: o reconforto de regressar a um lugar familiar. “My Maudlin Career”, o quinto álbum, é o seu melhor. Não porque seja radicalmente diferente dos anteriores, mas porque é o mais focado, apurado e arrumado, coleção irreprensível de canções e baladas pop ornamentadas por orquestrações luxuriantes, letras ironicamente sinceras, melodias simples e a voz vulnerável mas ágil de Tracyanne Campbell. Há as habituais influências (grupos femininos dos anos 60, harmonias à Beach Boys, country alternativa, evocações da soul da fábrica Motown), mas transcendidas pelos arranjos inspirados, pela jovialidade vocal e pelo relato de romances adolescentes e histórias patéticas do quotidiano. Daqui resultando canções que se situam naquela linha ténue que separa o romantismo sadio do sentimentalismo oco, nunca caindo, felizmente, no alcapão da segunda hipótese. V.B.

Baile pop reclamando o presente

Os Golpes
 Cruz Vermelha Sobre Fundo Branco
 Amor Fúria; distri. Mbari

★★★★☆



Quando a banda canta pela primeira vez, fá-lo para dizer isto: “Ensiná o canto, o canto / Intocável e

antigo / Arrancado à terra, à maternidade.” Ou seja, aqui não há espaço para a inocência. Neste sentido: todo este “Cruz Vermelha Sobre Fundo Branco”, começando pelo título e pela capa, foi pensado e criado como um manifesto - a primeira proclamação. Isso foi o que os Golpes elaboraram, com um atentíssimo cuidado pop que se revela nos pormenores.

A primeira música, “Cruz vermelha”, é um instrumental - sobem as cortinas, arranca o baile. A “trilogia” “Tarde livre” surge no alinhamento como polaroids da adolescência, que dão corpos ao manifesto e ilustram o quadro iconográfico. Dançamos e ouvimos, canção a canção, até à despedida - que se chama “Sobre fundo branco” e é novo instrumental (descem as cortinas, passa o genérico final).

Obviamente que esta ambição podia facilmente soçobrar sob o seu próprio peso. Acontece que Os Golpes têm canções que dão forma a tudo isto e gravaram-nas com uma convicção e uma urgência impossíveis de ignorar.

Saltitam entre largos de vila e ruas repletas de montras na cidade e, no movimento, afirmam pertencer a uma e à outra. Mostram inegável apreço pela pop portuguesa de 1980 (Heróis do Mar à cabeça), mas não pretendem recriar um som, antes recuperar uma atitude criativa, uma certa sensação de euforia. De resto, apontam para várias coordenadas: a precisão new-wave da secção rítmica, a guitarra, ora entregue a bailados “Verlainescos” ou desenhando linhas “Strokeanas”, ora conduzindo a tumulto rock’n’roll devidamente controlado.

Isso e a noção, algures em “Tarde livre, parte III”, que neste mundo também se ouvem os Vampire Weekend, e a certeza, pela luminosidade que irradia d’ “O arraial”, que algo do Verão eterno dos escoceses Orange Juice (os de “You Can’t Hide Your Love Forever”) passou para os Golpes de Lisboa. Tais referências, contudo, atestam apenas a melomania da banda.

Quando eles dizem, na supracitada (e magnífica) “O arraial”, “isto é folclore / disfarçado de rock’n’roll”, balançamos com o ritmo gingão e não há forma de os desmentir. Quando a guitarra ataca a “Marcha dos Golpes”, e quando, depois, a voz de Manuel Fúria se faz ouvir, lançada em tom confiante e congregador, não perdemos tempo a pensar em genealogias do rock.

Os Golpes podem querer fazer de “Cruz Vermelha Sobre Fundo Branco” um manifesto tremendamente ambicioso - basicamente, uma refundação da pop portuguesa em português -, mas sabem que ele seria palavra vazia sem esta capacidade de fazer música que é festa popular e história “indie”, que é um baile pop, tremendamente lúdico, reclamando o presente. São as canções, agora, já (do “manifesto” logo se verá o que trará o futuro). M.L.

Hoje
 Amália Hoje
 Sony

★★★★☆



A ideia de pegar na obra de Amália e dar à volta a alguns originais transportando-os para fora do fado não é, ao contrário

do que alguns puristas andam a dizer à boca pequena, obrigatoriamente um disparate. Também não vale a pena louvar a iniciativa por eventualmente vir a despertar em meia-dúzia de ouvintes curiosidade pela obra de Amália. Tudo isso são questões paralelas: reescrever as canções originais de Amália é uma boa ideia se a ideia resultar bem. Tão simples quanto isto. Foi Nuno Gonçalves, o moço por trás dos Gift, que se lembrou de brincar com o baú amaliano, e quando se ouviu “Amália Hoje” percebe-se o que ele tinha na cabeça: um disco cheio, grandioso, varrido por cordas épicas, metais, e sustentado em alguma electrónica. Um disco que respirasse sofisticação, capaz de num instante soar àquela bossa-nova lounge que infectou o final dos anos 90 e, logo a seguir, a um pastiche não de Amália mas sim dos Arcade Fire (isto acontece, para nossa incredulidade, em “Abandono”).

Temos algumas dúvidas quanto ao bom gosto da noção de sofisticação e grandiosidade da música de Nuno Gonçalves, e essas dúvidas mantêm-se depois de várias escutas de “Amália Hoje”, disco que tanto se socorre de canções óbvias (como “Gaiivota” ou “Foi Deus”) como vai buscar flirts extra-fado como “L’important c’est la rose”. O grosso do disco soa um pouco a fado da canção dos anos 70, o que não é nada mau. A maior parte das vezes dispensavam-se as partes electrónicas, como o pequeno interlúdio electrónico em “Nome de rua”, canção cujo problema maior são as vozes. Aliás, o problema maior de todo o disco são as vozes, ponto final. Paulo Praça e Fernando Ribeiro são erros de casting, porque os seus registos não se adaptam a estas canções grandiloquentes. Quanto a Sónia Tavares, o caso é mais ambíguo: ela sabe cantar, tem pulmão para subir quando é necessário, mas por vezes parece não ter a mão do que está a fazer. Quando no refrão de “Gaiivota” Tavares abre as vogais todas no verso “Que perfeito coração”, o exagero vocal é tamanho e particularmente notório aquando do ataque a “coração”. Todo esse empenho está mais próximo do emocionalismo imediato de uma Ágata que da contenção, plena de luz interna, de Amália. Se quiserem vão ao Youtube verificar: o “coração” de Amália é todo ambiguidade e vibrato, coisa oscilante, por oposição ao “coração” que é só pulmão de Tavares. Dar as notas de uma canção não é o mesmo que transmitir o sentimento inscrito nessa canção. É como se para Tavares ser intensa



Os Golpes sabem que este disco seria um manifesto vazio sem esta capacidade de fazer música

Vai ver se eu estou online!

Internet

Estamos online. Entre em www.ipsilon.pt. É o mesmo suplemento, é outro desafio. Venha construir este site connosco.

implicasse inchar as sílabas, enchê-las de ar e fazer muito espalhafato, em vez de cantar o que lá está e a canção pede.

O problema de "Amália Hoje" é que se encontram pormenores de mau gosto como este em todas as canções: quando não há uma vocalização exagerada, há um qualquer coro de mau gosto (embora o de "Gaivota" chegue a ter graça de tão kitsch que é), partes electrónicas descabidas, "aaaas" deslocados, etc. Em alguns casos, como em "Formiga bossa nova", parecemos estar a assistir a um daqueles medleys que apareciam nas tardes de domingo, nos programas de Júlio Isidro. Há coisas boas? Sim: alguns arranjos para orquestra são de facto grandiosos, algumas das opções fazem sorrir pela dessacralização, mas isso não torna as canções boas e não apaga os constantes momentos de puro mau gosto que assolam o disco - é como se num acesso de novo riquismo Gonçalves quisesse encher o disco com todas as ideias opulentas que teve, mas nem sempre a opulência é a solução.

Se graças a "Amália Hoje" a miudagem for escutar a diva, melhor, mas isso não altera o facto de este ser um disco falhado por excesso de mau gosto. Uma última nota para as notas do libreto de Nuno Gonçalves: quando se usa o verbo "Haver" no sentido de "existir", aquele é sempre conjugado na terceira pessoa do singular. Assim, não se escreve "Não haviam notas, não haviam letras (...)" mas sim "Não havia notas, não havia letras". É um pouco estranho que num objecto cuidado ninguém se tenha lembrado de reparar no texto do libreto. J.B.

Jazz

Fusão de raízes

David El Malek, saxofonista francês de origem israelita, deixa finalmente a sua marca ao aproximar-se das raízes de infância.

Rodrigo Amado

David El Malek
"Music From The Source"
Plus Loin, dist. Massala

★★★★☆



David El Malek nasceu em França numa família judia, tendo passado grande parte da sua infância em Israel.

De regresso a França, influenciado pelo seu irmão que tocava guitarra e estudava música antiga, Malek compra um manual de saxofone e dedica-se a estudá-lo

compulsivamente durante a noite - os dias eram ocupados com o trabalho numa firma de gelados.

Apesar de ter começado a tocar relativamente tarde - aos 20 anos - a sua determinação começa a dar resultados e rapidamente conquista as bases que lhe permitem entrar no conservatório de Montreuil. A partir desse momento, o saxofonista mergulha fundo no



David El Malek abre a sua música a uma diversidade grande de influências

intenso e altamente competitivo meio do jazz francês, começando a colaborar com músicos como Baptiste Trotignon, Alain Jean-Marie, Bruno Angelini, Daniel Garcia Bruno ou Georges Brown. Os dois primeiros discos que grava em nome próprio, "Organza" e "Talking Cure", revelam

um músico excessivamente preocupado em demonstrar as suas capacidades técnicas, ainda muito ligado ao fraseado de Coltrane, cuja linguagem estudou obsessivamente.

Em "Music From The Source" David El Malek dá um importante passo e abre a sua música a uma diversidade grande de influências, da tradição judaica às melodias israelitas, da música francesa à "brass music" europeia, construindo um registo que parece exorcizar toda uma série de dificuldades e

inaptações que marcaram a sua vida. É com a enorme intensidade de alguém que se libertou que Malek toca o seu saxofone, sobre uma teia de arranjos simples e bem construídos para 5 sopros (trompete, clarinete, corne inglês, trombone e tuba), contrabaixo e percussão. Grande parte da música desenrola-se com o saxofone de Malek a construir linhas imaginativas sobre um acompanhamento de contrabaixo e percussões étnicas como o cajón, shekerê ou o riq.

ESTE FIM-DE-SEMANA NO MUSEU COLEÇÃO BERARDO

DESTAQUES 08 | 10 MAIO

BES PHOTO 2008

Exposição de André Gomes, Edgar Martins e Luis Palma, concorrentes a um dos prémios mais importantes de arte contemporânea em Portugal.

Visita guiada gratuita - dia 9, às 16h00

PETER KOGLER

Conheça a obra deste artista austríaco, que alcançou projecção internacional com os seus trabalhos sobre o espaço e os meios tecnológicos.

Visita guiada gratuita - dia 10, às 16h00

PARA FAMÍLIAS: VISITA + JOGO + OFICINA

"O espaço, o som... qual o limite das paredes?" (novo)
7 aos 12 anos - dias 9 e 10, 15h00 às 17h30

"Entre linhas" (novo) - 4 aos 6 anos - dia 10, 11h00 às 12h30

E AINDA...

Visitas guiadas "Percurso transversais"

Descubra o Museu através de um percurso transversal gratuito por todas as exposições - dia 8 às 18h30; dias 9 e 10, às 15h00



MUSEU COLEÇÃO BERARDO
ARTE MODERNA E CONTEMPORÂNEA

www.museuberardo.pt

CENTRO CULTURAL DE BELÉM, PRAÇA DO IMPÉRIO, 1449-003 LISBOA
T 213 612 879 F 213 612 570 museuberardo@museuberardo.pt

ABERTO TODOS OS DIAS
ENTRADA GRATUITA
MARCAÇÕES PARA GRUPOS T 213612800
FAÇA JÁ A SUA RESERVA!

Jack White não pára podia estar

Acabou de montar há meses as instalações da sua editora, a Third Man Records, em
Mosshart, dos Kills (os Dead Weather, disco em Junho), anda a produzir duas novas

Jack White gosta de trabalhar muito e de trabalhar rápido. Eis como funciona com os White Stripes: duas semanas em estúdio e sai um disco. Eis como funciona com os Raconteurs, a super banda que montou com Brendan Benson e dois Greenhornes: um ensaio, um primeiro single, e, uns quantos encontros em estúdio mais tarde, um álbum. Em 2007, entrevistado pela britânica "Paste Magazine" após o lançamento de "Icky Thump", o último dos White Stripes, suspirava: "Fintos estão os dias em que entravas no estúdio e tinhas tudo preparado. Ligavas o gravador e tinhas uma faixa. Alguns dos melhores discos alguma vez criados foram feitos nessas circunstâncias. É quase caso para dizer, para que precisamos de toda esta artilharia [moderna]?"

White é um romântico conservador. Preza a importância do momento no impulso criativo e defende a restrição de meios como forma de capturar um sentido de verdade que, considera, as distrações de grandes estúdios e tecnologia de ponta tendem a ocultar. A ideia do músico gravando contínua e consistentemente, do músico como andarilho que usa os álbuns como forma de partir em viagem, de cidade em cidade, de palco em palco, é essencial para o percebermos. Principalmente agora, quando parece entrar numa imparável espiral de actividade.

E assim nasceram os Dead Weather

Falámos acima dos Raconteurs, banda paralela de White que começou por ser vista como brincadeira de tempos livres mas que, neste momento, já ganhou lugar no cenário rock'n'roll: o público já não compra um disco dos Raconteurs, ou um bilhete para um dos seus concertos, por serem a banda do tipo dos White Stripes, compram-nos pela música onde convivem Led Zeppelin e devaneios prog de bom gosto, onde se ouvem explosões blues-rock e a sensibilidade de cantautor de Brendan Benson. Pois bem, dos Raconteurs nasceu mais um projecto paralelo para White. Chamam-se Dead Weather, têm Alison Mosshart, dos Kills, como vocalista e Jack White, muitos anos depois, na posição de baterista (em Detroit, antes de abraçar definitivamente a guitarra, fora homem das baquetas). Completam a banda Jack Lawrence, o baixista dos Raconteurs, e Dean Fertita, guitarrista dos Queens Of The Stone Age que acompanha os

A ideia do músico que usa os álbuns como forma de partir em viagem, de cidade em cidade, de palco em palco, é essencial para o percebermos. Principalmente agora, quando parece entrar numa imparável espiral de actividade

Raconteurs em palco. A nova banda, contudo, é só o início.

Em entrevista à revista nova-iorquina "Self-Titled", Jack White falou, obviamente, dos Dead Weather e do seu nascimento improvisado. Falou também de outras coisas. Agora que montou as instalações da sua Third Man Records em Nashville, a cidade para onde se mudou há anos, não quer parar um segundo. Está a produzir duas cantoras, Rachele Garniez e Milderer, a preparar quarenta canções para um filme dos White Stripes, sobre o qual nada se sabe em concreto e a congeminar intervenções artísticas centradas no estúdio que é também laboratório fotográfico, atelier de design, loja de discos e uma pequena sala de concertos. "Quería reunir tudo", explicou à Self-Titled: "Merchandise e o trabalho de arte dos discos, as fotos elas mesmas, uma câmara escura. Estamos a fazer tudo o que podemos ali. E depois temos o estúdio num edifício à parte para gravar. É óptimo, tão inclusivo em todo o processo criativo". Os Dead Weather nasceram ali, na sua micro-Disneylândia rock'n'roll - ou melhor, concretizaram-se ali.

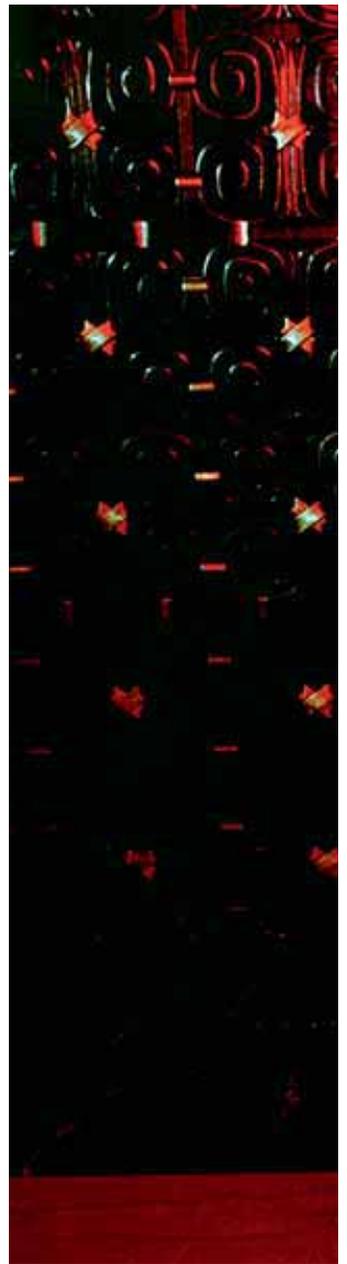
Tudo começou com um azar e a necessidade de improvisar para o ultrapassar. Na ponta final da última digressão dos Raconteurs, Jack White cansara demasiado a voz e não conseguia cantar. Além disso, efeitos secundários do rock'n'roll, deslocara uma vértebra do pescoço. O normal seria cancelar os cinco con-

certos que restavam e convalescer em casa. Não para White: "Iamos tocar no Ryman Auditorium [em Nashville], e nunca tinha actuado lá com uma banda minha. Tinha que o fazer". Conhecendo o apreço de Jack White pela história e pelo peso da história, compreendemo-lo. O Ryman Auditorium é uma sala histórica para a country, um espaço por onde passaram Hank Williams, Loretta Lynn, Elvis Presley ou Patsy Cline, e onde Johnny Cash, entre 1969 e 1971, montou o seu histórico programa televisivo - mais recentemente, foi ali que Jonathan Demme filmou "Heart Of Gold", o filme-concerto de 2006 com Neil Young. Jack White, naturalmente, tinha de passar por ali.

Para que tal fosse possível, os Raconteurs criaram um alinhamento composto, na sua maioria, pelas canções cantadas por Brendan Benson e pediram ajuda à banda que os acompanhava em digressão, os Kills. Alison Mosshart, a vocalista longilínea, mui "heroína chic", acedeu imediatamente. Gastou também ela a voz nos concertos que sobravam e, no tempo que demonstrava a viagem entre Atlanta, cidade onde foi dado o último concerto, e Nashville, para onde se deslocou novamente a trupe toda, nasceram os Dead Weather.

Jack White sentou-se na cadeira de produtor e no banco de baterista. A banda distribuiu-se pelo estúdio e, num ápice, tinham um single. Gravaram "Are friends electric?", canção de Gary Numan que os músicos e a voz opiácea de Mosshart transformaram em alucinação psicadélica - algures entre Hendrix e fanfarra circense -, e "Hung out from the heavens", que soa a um encontro de riffs dos White Stripes com a sensualidade marginal dos Kills. Estas são as duas canções que, por agora, conhecemos - podem comprá-las no iTunes, ouvi-las no MySpace da banda ou pesquisar os telediscos no Youtube. A ideia, inicialmente, era ficar pelo single que as reunisse. Mas Jack White continuou entusiasmadíssimo com a ideia de ser baterista e, depois de Alison Mosshart voltar à estrada com os Kills, continuou a preparar canções. Tudo

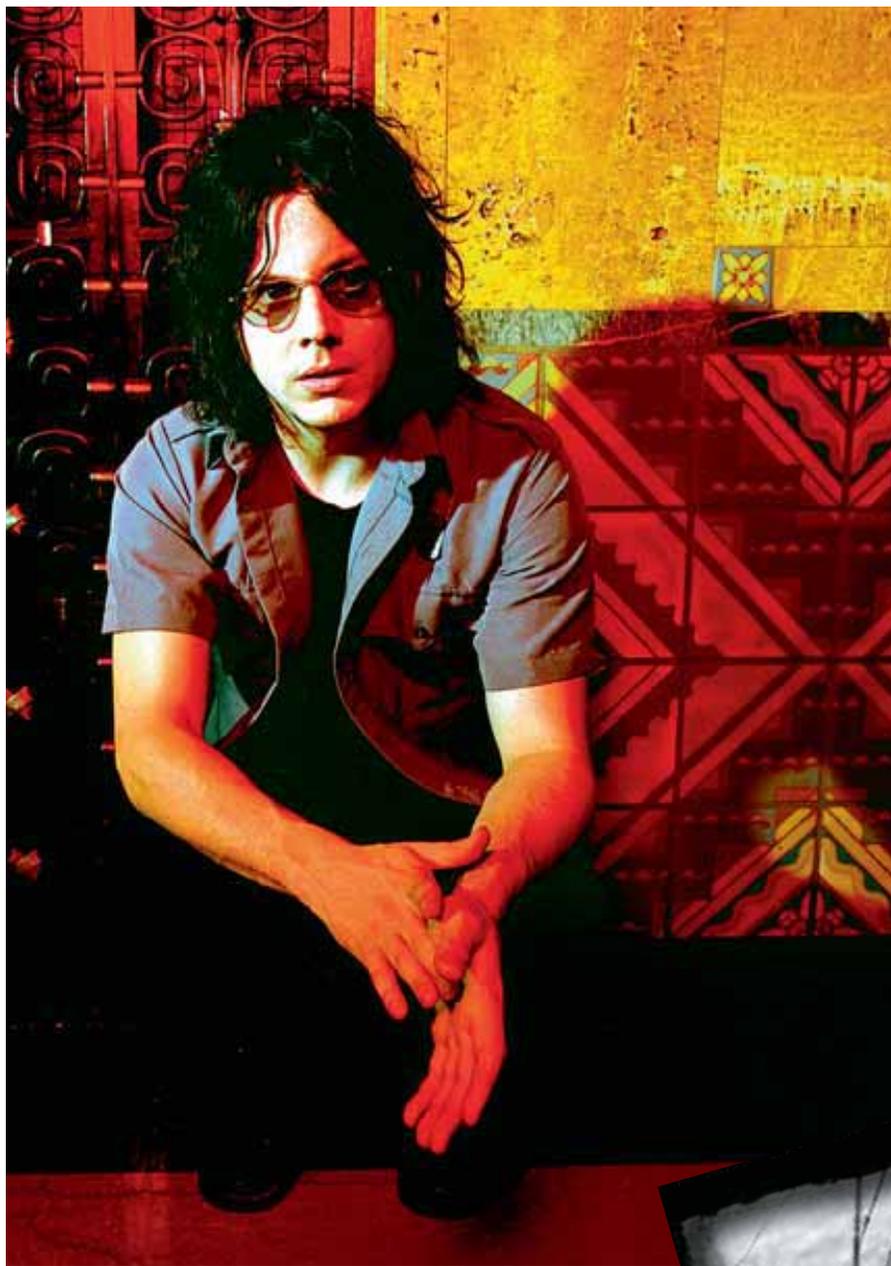
Um filme sobre os White Stripes é um dos projectos anunciados



Néon

a de trabalhar e não r mais feliz

, e, desde aí, não consegue parar um segundo. Tem nova banda com Alison
cantautoras e anunciou um filme com os White Stripes para 2009. *Mário Lopes*



muito simples. Terminada a digressão, Alison foi novamente convocada para os Third Man Studios e pouco depois nasceu um disco, intitulado "Horehound", com edição prevista para Junho. Foi apresentado, dia 14 de Abril, no Bowery Ballroom, em Nova Iorque, e a Rolling Stone descreveu o concerto como "um western pós-apocalipse": "um tiroio entre Deus e o Demónio no Ok Corral".

Quando perguntam a Jack White o que é realmente esta nova banda - um super projecto secundário?; a banda paralela aos Raconteurs, que são paralelos aos White Stripes? -, o homem irrita-se. Nada de hierarquizar: é uma banda, a sua nova banda, ponto. Interessa a Jack White a lado imediato do processo criativo: improvisar, compor, gravar, produzir, editar, partir para a estrada. Com os Third Man Records e os estúdios correspondentes, já o pode fazer, aproveitando a sua total independência e a rapidez que o mundo da net proporciona actualmente - no fundo, o romântico conservador Jack White aproveita as potencialidades modernas para fazer as coisas à antiga. Agora, são os Dead Weather de "Horehound". Em breve, chegará a desconhecida Mildred, "que é incrível", assegura o seu produtor Jack White, e Rachelle Garniez, cantora e multi-instrumentista nova-iorquina que, pegando em farrapos de swing, exuberância de vaudeville, um acordeão dançarino e fantasmagorias country, criou uma misteriosa personagem musical - da colaboração com White resultará a edição de um single.

E, depois disto tudo, há o tal filme inesperadamente anunciado. À "Self Titled", Jack White declarou que chegará durante 2009 e, sem revelar do que se trata, disse apenas que o próximo passo seria misturar toda a música incluída no projecto - "são cerca de 40 canções, por isso vai custar-me uma série de tempo". Provavelmente, o tempo que lhe demoraria montar, gravar e editar uma banda paralela aos Dead Weather - que são paralelos aos Raconteurs, que são paralelos aos White Stripes.

**Dead
Weather:
Alison
Mosshart,
vocalista,
Jack White,
baterista,
Jack
Lawrence,
baixista, Dean
Fertita,
guitarrista**



coro e orquestra gulbenkian

coro infantil da academia
de música de santa cecília

lawrence foster maestro

alexandra mendes violino

stephanie friede soprano

mai'09

14 21h00 + **15** 19h00
grande auditório

obras de:

block, beethoven, waxman*

(*1ª audição em Portugal)



temporada
gulbenkian
de música 08' 09'

venda de bilhetes:
www.musica.gulbenkian.pt

yundi li piano

mai'09

16 19h00, grande auditório

obras de:

chopin, schumann/liszt, j. wang



olga borodina melo-soprano

dmitrii yefimov piano

mai'09

17 19h00, grande auditório

obras de:

tchaikovsky, rachmaninov



mai'09

11 19h00
auditório dois

étienne lamaison clarinete

otto pereira violino

maria balbi violino

maia kouznetsova viola

jeremy lake violoncelo

obras de:

brahms, osvaldo golijov

21 21h00
grande auditório

orquestra gulbenkian

lawrence foster maestro

alexei volodin piano

obras de:

beethoven

23 19h00
grande auditório

orquestra gulbenkian

lawrence foster maestro

alexei volodin piano

obras de:

beethoven



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

• Serviço de Música

www.musica.gulbenkian.pt

ANTENA 2